

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**UMA MORTE MUITO APERREADA:**

**Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de  
Lampião em Mossoró.**

**Marcílio Lima Falcão**

**Fortaleza – 2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**UMA MORTE MUITO APERREADA:**

**Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de  
Lampião em Mossoró.**

Marcílio Lima Falcão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

**Fortaleza – 2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- F164m Falcão, Marcílio Lima.  
Uma morte muito aperreada : memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró / Marcílio Lima Falcão. – 2011.  
181 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2011.  
Área de Concentração: História social.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
- 1.Jararaca,1901-1927. 2.Cangaceiros – Mossoró(RN) – Biografia. 3.Foras-da-lei – Mossoró(RN) – Biografia. 4.Bandidos e salteadores – Mossoró(RN) – Biografia. 5.Igreja católica – Mossoró(RN). 6.Religiosidade. 7.Mossoró(RN) – Usos e costumes religiosos. I. Título.

**Marcílio Lima Falcão**

**UMA MORTE MUITO APERREADA:**

**Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de  
Lampião em Mossoró.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos  
(Orientador – UFC)

---

Prof. Dr. Edilberto Cavalcante Reis  
(UECE)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte  
(UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Kênia Sousa Rios (Suplente)  
(UFC)

Fortaleza

2011

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos colegas do Departamento de História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, pelo apoio e ajuda durante as disciplinas no mestrado.

Aos amigos Fabiano Mendes, Fábio Augusto, Iza Mendes, Lemuel Rodrigues, Lindericy Lins, Linhares Fonteles, Luis Fonseca e Paulo Gastão, pelo estímulo e discussões que proporcionaram desde a feitura do projeto para seleção do mestrado até a escrita da dissertação.

Aos amigos da turma do Mestrado, Décio, Ney, Jorge, Sérgio, Denis, Ítalo e Sandra, pelas discussões sobre a trajetória de Jararaca e sobre outros caminhos que a pesquisa poderia trilhar.

Aos professores Gilberto Nogueira, Marilda Santana, Eurípedes Funes, Almir Leal, João Ernani e Meize Lucas, pelas indicações de leituras durante as disciplinas do mestrado.

Às professoras Kênia Rios e Ana Rita Fonteles, por terem participado em minha banca de qualificação e pelas sugestões para a pesquisa.

Ao professor orientador Regis Lopes, pela relevante contribuição que deu nesta pesquisa, com suas pertinentes sugestões, indicações de leituras, críticas e paciência.

Aos entrevistados, pelo acolhimento que tive em suas residências e pela disponibilidade que tiveram em relatar suas experiências.

A minha família, principalmente Elizangela, Gabriele, Fátima, Lurdinha e Rosa Evangelista (in memoriam), por terem entendido a importância de minha qualificação e por terem me ajudado nos momentos mais importantes desta pesquisa. Vocês sabem do esforço nos últimos dois anos.

## RESUMO

UMA MORTE MUITO APERREADA: Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró é uma pesquisa que tem como objetivo estudar a historicidade da construção das memórias sobre a santificação do cangaceiro Jararaca, morto na noite de 19 de junho de 1927, no cemitério São Sebastião, em Mossoró, pela força policial que o escoltava para Natal, capital do Rio Grande do Norte. A interpretação é realizada por meio da análise da documentação dos jornais O Mossoroense, O Nordeste e O Correio do Povo, da análise de obras com narrativas a respeito da morte de Jararaca, da importância dos lugares de memória como espaços de conflito e das falas dos devotos que visitam o túmulo de Jararaca no dia de finados. Procuramos compreender as formas de circulação, apreensão e ressignificação das memórias sobre a santificação de Jararaca.

Palavras-Chave: morte – narrativa – memória – escrita – oralidade.

## **ABSTRACT**

An agonizing death: Memory and forgetting about the narratives of a bandit of Lampião in Mossoró is a research that aims to study the history of construction of memories on the santification of the bandit Jararaca, dead on the night of June 19, 1927 in the cemetery São Sebastião in Mossoró by the police force that was scolding him for Natal, capital of Rio Grande do Norte. The interpretation is accomplished through analysis of documentation from the newspapers O Mossoroense, O Nordeste and O Correio do Povo, the analysis of works with narratives about the death of Jararaca, the importance of places of memory as spaces of conflict and statements of the devotees visiting the grave of Jararaca on Memorial day. We seek to understand the forms of movement, confiscation and reframing of memories about the santification of Jararaca.

Key-words: Death, memory, narrative, writing, orality

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 01** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 73  
Aviso que o bando de cangaceiros estava chegando a Mossoró  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 02** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 73  
Organização da Resistência  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 03** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 74  
A entrada dos cangaceiros em Mossoró.  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 04** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 74  
Ataque a Mossoró  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 05** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 75  
Cangaceiro Jararaca baleado  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 06** - Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977) 75  
Elenco  
**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.
- Fotografia 07** - Exposição sobre a Resistência Mossoroense aos cangaceiros 92  
**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Acervo do autor.
- Fotografia 08** - Jararaca Preso 93  
**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Acervo do Autor
- Fotografia 09** - Mossoroenses que lutaram contra os cangaceiros em Mossoró. 94  
**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Acervo do autor.
- Fotografia 10** - Exposição sobre o Cangaço. 95  
**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Acervo do autor.
- Fotografia 11** - Avenida Rio Branco – Corredor da Folia. 105  
**Fonte:** Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.
- Fotografia 12** - Avenida Rio Branco – Teatro Dix-Huit Rosado. 105  
**Fonte:** Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.
- Fotografia 13** - Avenida Rio Branco – Estação das Artes Eliseu Ventania. 106  
**Fonte:** Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.
- Fotografia 14** - O Memorial da Resistência – Planta Baixa 106  
**Fonte:** Catálogo da Paluana Comunicação

<b>Fotografia 15</b> - Prédio Principal – Fachada do Memorial da Resistência. <b>Fonte:</b> Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.	107
<b>Fotografia 16</b> - Prédio 01 – A Cidade. <b>Fonte:</b> Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.	107
<b>Fotografia 17</b> - Prédio 02 – A Batalha <b>Fonte:</b> Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.	108
<b>Fotografia 18</b> - Prédio 03 – O Cangaço. <b>Fonte:</b> Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.	108
<b>Fotografia 19</b> - Primeira Apresentação da Fachada do Memorial da Resistência. <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	114
<b>Fotografia 20</b> - Terceira Apresentação da Fachada do Memorial da Resistência. <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	115
<b>Fotografia 21</b> - Terceira Galeria dos Cangaceiros e Volantes <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	120
<b>Fotografia 22</b> - Prédio 04 – Mural dos Resistentes. <b>Fonte:</b> Acervo do autor. Fotografado em 01/06/2011.	121
<b>Fotografia 23</b> – Prédio 02 – A Batalha: Exposição das Matérias Jornalísticas sobre a invasão <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	122
<b>Fotografia 24</b> – Prédio 02 – A Batalha: Exposição fotográfica dos Resistentes <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	123
<b>Fotografia 25</b> – Prédio 02 – A Batalha: Exposição da Matéria sobre a prisão de Jararaca <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	123
<b>Fotografia 26</b> – Túmulo de Rodolpho Fernandes. <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	166
<b>Fotografia 27</b> – Túmulo de Jararaca – Dia de Finados de 2009. <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	167
<b>Fotografia 28</b> – Túmulo de Jararaca. <b>Fonte:</b> Acervo do autor.	168

## **LISTA DE MAPAS**

**Mapa 01** - Avenida Rio Branco – Corredor Cultural de Mossoró

104

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Mossoró.

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACEU** – Associação Cultural e Esportiva Universitária.

**EMPROTURN** – Empresa de Turismo do Rio Grande do Norte

**GAM** – Galeria de Arte Mossoroense

**IPERN** – Instituto de Previdência dos Servidores do Rio Grande do Norte

**SBEC** – Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço

**SEDETEMA** – Secretária Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>Capítulo I – Lembranças em Papel</b>	21
1.1. No calor da Hora	21
1.2. Em defesa da Cidade	36
1.3. O Cinquentenário	55
<b>Capítulo II – Entre o Museu e o Memorial</b>	81
2.1. O Museu Municipal Lauro da Escóssia	81
2.2. O Memorial da Resistência de Mossoró	102
<b>Capítulo III – A construção das devoções</b>	126
3.1. O Cemitério, o túmulo e a fé.	126
3.2. Negociações	143
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	165
<b>FONTES</b>	170
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	175

## INTRODUÇÃO

A memória – nos lembra Michel de Certeau – “é feita de estilhaços particulares.” Ora, os estilhaços têm a propriedade de se espalhar ao longe e de aparecer de novo onde não esperamos encontrá-los.

Lucette Valensi<sup>1</sup>

Em 2005, visitei o cemitério São Sebastião em Mossoró<sup>2</sup>. Na verdade, estava procurando o túmulo de Jararaca e logo me deparei com Tereza Gomes dos Santos (74 anos), que trabalhava em serviços de limpeza. Ao perguntar sobre Jararaca, ela foi logo indicando a localização do túmulo de Jararaca e dizendo que era o local mais visitado do cemitério, e que muitas pessoas acreditavam que ele era santo. Em poucos minutos eu estava diante de uma lápide bem conservada. Nela estava escrito:

Aqui jazem os restos mortais de José Leite de Santana – Jararaca – se tu és filho de Deus, eu também sou filho do altíssimo. Pergunte a sua consciência, pois todos nós somos órfãos de Pai Celestial aqui na terra e devemos dar as mãos sem preconceito. Que a paz de Deus fique com todos vocês.<sup>3</sup>

No dia de finados, cheguei cedo ao cemitério e dirigi-me ao túmulo de Jararaca. Lá, algumas pessoas faziam orações e ascendiam velas. Ao terminarem, não quiseram

---

<sup>1</sup> VALENSI, Lucette. **Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo**; tradução Maria Helena Franco Martins. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 02.

<sup>2</sup> Localizada às margens do rio Apodi-Mossoró, a cidade pertence à macrorregião do Oeste Potiguar, a 5° 11' de latitude sul e 37° 20' de longitude oeste. Possui uma área de 2.110 km<sup>2</sup> e uma população de 259.886 habitantes (IBGE, Censo de 2010).

<sup>3</sup> Epitáfio na Lápide de José Leite de Santana – Jararaca. Cemitério São Sebastião. Mossoró- Rio Grande do Norte.

conversa e saíram em silêncio. O dia só estava começando e os mortos iam recebendo seus visitantes. As pessoas que entravam no cemitério, à procura de seus mortos, ouviam as histórias sobre o cangaceiro. Em pouco tempo, a lápide estava cheia de pessoas orando, depositando flores ou questionando tais práticas. Enquanto isso, do lado de fora do cemitério, a missa de finados fluía tranquilamente e misturava-se com as outras orações e lágrimas aos mortos.

Pude perceber que as narrativas<sup>4</sup> de maior circulação diziam respeito à morte de Jararaca e os assassinatos que ele cometera durante sua vida de bandoleiro. Eu estava diante de um conflito entre memórias sobre experiências vividas durante a década de 1920, em Mossoró, quando do ataque dos cangaceiros a cidade.

Assim, continuei visitando seu túmulo no dia de finados e colhendo informações. O que teria levado aquelas pessoas a pedirem graças a Jararaca, se sua trajetória de bandido era a pior possível? O que teria causado sentimentos de perdão, piedade e apego ao cangaceiro? Com essas dúvidas, busquei entender, através da documentação dos jornais, a trajetória de Jararaca na invasão dos cangaceiros a cidade de Mossoró.

As fontes indicavam que Jararaca foi ferido quando tentou despojar o cangaceiro Colchete (morto em combate), e isso o impossibilitou de fugir com o restante do grupo. Preso, concedeu uma entrevista ao jornalista Lauro da Escóssia, na qual comentou sobre as ações e relações políticas e sociais existentes no cangaço, e sobre o plano para atacar Mossoró.

A sua permanência em Mossoró era incerta, pois a pretensão era transferi-lo para Natal, fato que só aconteceu na noite de 19 de junho. A rota para Natal fora desviada ao

---

<sup>4</sup> Sobre a importância das narrativas para a memória, Lucília de Almeida Neves Delgado afirma que “as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações”. (DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. Revista da Associação Brasileira de História Oral. Número 06, junho de 2003. p. 23).

cemitério local. Aí ocorreu o assassinato do cangaceiro Jararaca, pela polícia local. As primeiras notícias não comentaram nada de anormal sobre a morte, mas, após três anos, os memorialistas rechearam de detalhes suas narrativas e apresentam versões distintas sobre o extermínio do cangaceiro.

Enfatizando os detalhes e construindo a ideia de que o cangaceiro foi sepultado vivo, as narrativas sobre a morte de Jararaca passam a ter um significado peculiar: a sensibilidade da morte trágica foi acompanhada pelo perdão na construção de uma teia de relações simbólicas que levaram à redenção do cangaceiro.

Sua trágica morte aparece como o caminho que o conduz a um tempo sagrado, a uma ruptura temporal e do mundo que o cercava, livrando-o de sua trajetória transgressora, e permitindo “uma abertura para o Tempo Sagrado”.<sup>5</sup>

Em junho de 2007, assisti ao espetáculo teatral “Chuva de Balas no País de Mossoró”, peça teatral pública, que ocorre durante os festejos juninos e atrai centenas de pessoas. A Prefeitura de Mossoró é a responsável pela organização da festa desde a década de 1970, quando se comemorou o cinquentenário da resistência, mas essas comemorações foram interrompidas e só retornaram no final do século XX, com muitos investimentos técnicos e midiáticos.

O “Chuva de Balas” faz parte da programação do festival “Mossoró Cidade Junina”, que lançou a cidade no mercado do turismo no Nordeste. Esse espetáculo narra a invasão dos cangaceiros a Mossoró, mostrando desde a preparação da resistência da cidade até a prisão e morte de Jararaca.

Nota-se que o espetáculo faz parte da composição da memória oficial em torno dos acontecimentos de 1927. Desde a década de 1970, a imprensa local produz uma

---

<sup>5</sup> ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** – São Paulo: Martins Fontes, 1991.p. 54.

narrativa sobre a invasão e morte de Jararaca, sendo o poder público municipal responsável pela construção dos espaços de divulgação dessa lembrança.

A invasão dos cangaceiros a Mossoró rendeu a produção de memórias em conflito e com formas diferentes de apresentação e recepção. Essas memórias, presentes nos discursos e nas representações sobre o acontecimento, são analisadas em pesquisas como *Memória, ritos e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte*, de Eliane Tânia Martins de Freitas, e *O Santo do Purgatório: a transformação mística do cangaceiro Jararaca em herói*, de Késia Cristina França Alves. A primeira pesquisa procura explicar “os significados sociais do cemitério e da morte, especialmente dos casos de morte violenta”<sup>6</sup>, como o de Jararaca. Entre as discussões, as representações sociais são vistas como sustentáculo das práticas devocionais diante do túmulo de Jararaca. Por meio da análise dos discursos e das práticas realizadas pelos devotos (utilização de velas, preces e ex-votos), Eliane de Freitas procurou entender as devoções a Jararaca.

A dissertação de Késia Cristina buscou, a partir dos relatos dos devotos, “criar uma narrativa sobre esses deslocamentos de conceitos, calcada no mito do herói que aqui aparece como uma faceta da relação do homem com a morte.”<sup>7</sup> Essa pesquisa procurou entender a santificação de Jararaca, olhando para sua trajetória de bandido e vendo nessa trajetória a construção do “bom ladrão” e, conseqüentemente, sua transformação em herói é a referência, segundo a pesquisadora, para a construção da santificação de Jararaca.

Outra importante leitura sobre a temática da memória de pessoas santificadas depois de uma morte trágica foi *Lembranças de Alguém: a construção das memórias*

---

<sup>6</sup> FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memória, cultos funerários e canonizações populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte**. – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2006. p. 10. (Tese de Doutorado)

<sup>7</sup> ALVES, Késia Cristina França. **O Santo do Purgatório: a transformação mística do cangaceiro Jararaca em herói**. – Natal, RN, 2005. p.10.

sobre a santidade de João das Pedras, de Michelle Ferreira Maia. A pesquisa de Michelle procurou entender como se construiu a santidade de João das Pedras, um ladrão que atuou na cidade de São Benedito durante os anos de 1970. A autora analisou “as formas, os gestos, as narrativas, enfim, as práticas populares que se relacionam com a vida, morte e devoção a João das Pedras.” Cruzando as fontes escritas com os relatos orais dos devotos de João das Pedras, a pesquisadora investigou a trajetória desse sujeito e dos sujeitos que devotam flores e orações por conta dos pedidos alcançados.

No entanto, foi *Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*, de Lucette Valensi, que me ajudou a pensar na intrincada teia de relações, que é a fabricação da memória. Para essa historiadora, o “par memória/esquecimento não esgota as operações que se fazem sobre a experiência vivida, e que a produção de lembranças não é o único processo ativo que entra em jogo. Silêncio, censura, obliteração, recalque, amnésia, negação, mentira”<sup>8</sup> contribuem na fabricação da memória. A autora pesquisou os rastros deixados sobre a Batalha de Alcácer Quibir (guerra entre portugueses e marroquinos, ocorrida em 04 de agosto de 1578) tanto em Portugal como no Marrocos. Lucette Valensi buscou entender a importância dessas lembranças (presentes nos textos) para o surgimento das memórias sobre a vitória dos marroquinos e sobre a construção do “retorno do rei Dom Sebastião”, a Portugal.

Analisando os documentos, a autora discute a elaboração das memórias sobre a guerra e a importância política e cultural dos textos para marroquinos (o brilho da vitória) e portugueses (recomposição de tão grave fracasso). Apresentados e analisados pela autora, os documentos são vestígios que produziram e eram produtores de uma “batalha de palavras” em torno da construção do fato.

---

<sup>8</sup> VALENSI, op. cit. p. 10-11.

A pesquisa de Lucette Valensi foi importante, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, pois ajudou a pensar como a memória é construída no processo histórico, e como os sujeitos envolvidos no acontecimento produzem suas versões sobre o fato, tendo em vista o lugar social de onde se fala e se escreve.

Foi por essa trilha que busquei entender como os resquícios da batalha travada entre os cangaceiros e os mossoroenses foram importantes para a produção memorialista sobre a invasão a Mossoró e, a partir desses documentos, entender a elaboração e circulação das narrativas sobre Jararaca. Assim, foi por meio dos indícios deixados tanto na imprensa como na oralidade, que as memórias sobre o cangaceiro Jararaca foram surgindo e apresentando-nos questões relevantes sobre o ato de lembrar e de esquecer.

Dessa forma, diferente das análises de Eliane de Freitas e Késia Cristina, procuro entender as memórias sobre Jararaca, olhando, também, para os usos que deram a essas memórias no contexto em que o cangaceiro passa a ser caracterizado como parte do “folclore”. Nesse aspecto, o objetivo desta pesquisa é entender, a partir dessas narrativas (escritas e orais), como foi construída a memória sobre o cangaceiro Jararaca.

Para tal, é preciso pensar que a relação entre história e memória tem provocado acaloradas discussões a cerca de suas aproximações e distanciamentos. Para François Dosse, desde os annales busca-se um olhar mais crítico e plural sobre o passado. Essa busca favoreceu a emergência de novos olhares e novos objetos relacionados a essas dimensões. Ampliavam-se os horizontes de análises sobre o passado e sua relação com o presente, bem como seus impactos no ofício do historiador faziam com que este não se limitasse a apresentação do acontecimento (tal qual havia acontecido), mas a partir de outros elementos (como a narrativa) entenderem como as memórias sobre o acontecimento são fabricadas ou ressignificadas. É nesse sentido que podemos falar em

uma história social da memória quando nos deparamos com a trajetória do cangaceiro Jararaca na cidade de Mossoró.

Durante muito tempo instrumento de manipulação, a memória pode ser reconsiderada em uma perspectiva interpretativa aberta em direção ao futuro, fonte de reapropriação coletiva e não simples museografia isolada do presente. Supondo a presença da ausência, ela permanece o ponto de contato essencial entre passado e presente, desse difícil diálogo entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Ciência da mudança, como dizia Marc Bloch, a história envereda cada vez mais pelos caminhos obscuros e complexos da memória até em seus modos extremos de cristalização, tanto ideais quanto materiais, a fim de compreender melhor os processos de transformação, as ressurgências e as rupturas instauradoras do passado. Bem longe das leituras esquemáticas cuja única ambição é preencher lacunas e buscar suas causas, a história social da memória permanece atenta a qualquer alteração como fonte de movimento da qual é preciso acompanhar os efeitos. Seu objeto é um ausente que age, um ato que só pode se confirmar se for objeto da interrogação de seu outro.<sup>9</sup>

Como membro do grupo de cangaceiro que invadiu a cidade de Mossoró, Jararaca foi o único cangaceiro preso. Sua imagem é ressignificada, principalmente por conta de sua morte. Para além das notícias e reportagens sobre sua trajetória, Jararaca e a Invasão à Mossoró estão intrinsecamente ligados. Se por um lado, o que deveria ser uma invasão de cangaceiros à cidade mais desenvolvida do Oeste do Rio Grande do Norte, tornou-se um acontecimento emblemático para a cidade: a resistência mossoroenses, que desde a década de 1970 entrou para o calendário comemorativo da cidade, a ponto de se produzirem apresentações públicas que retratam o acontecimento. Por outro lado, a lembrança sobre a morte de Jararaca circulou dentro destas

---

<sup>9</sup> DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2004.p. 184.

comemorações e contribuiu para a construção da memória sobre a santificação de Jararaca.

Assim, buscou-se entender a transformação da “Invasão dos cangaceiros a Mossoró” em um acontecimento. Também procura-se compreender como os cangaceiros deixam ser vistos como um bando fora-da-lei e passam a ser vistos como elementos do folclore e da cultura nordestina. Busca-se, ainda, compreender a construção das memórias que apresentam o cangaceiro Jararaca como santo.

Neste estudo, a documentação dos jornais locais foi de grande importância. Foram utilizadas reportagens desde a década de 1920. Elas permitiram um mapeamento das mudanças no uso do passado e demonstravam os interesses em transformar o acontecimento em algo memorável em Mossoró. Mas foi com o cinquentenário da Invasão (1977) que a construção da “resistência mossoroense ao bando de Lampião” ganha vulto e passa a ser comemorada e inserida nos projetos governamentais. As obras dos memorialistas serviram para o entendimento das narrativas que apresentam as primeiras impressões sobre a morte de Jararaca. Por último, os relatos dos devotos de Jararaca foram de suma importância para a compreensão das formas de circulação, apreensão e ressignificação tanto das narrativas como de suas práticas devocionais.

Foi pelo cruzamento das fontes que buscamos entender como a fabricação das memórias sobre Jararaca perpassava as transformações propostas por folcloristas e pelas autoridades governamentais ligadas à cultura. Assim, procuramos entender as transformações do “memorável.”

A dissertação possui três capítulos. No primeiro, **Lembranças em Papel**, mapeamos as reportagens sobre a morte de Jararaca nos jornais que circulavam em Mossoró, em 1927, com o objetivo de analisar a retomada das narrativas sobre a

trajetória de Jararaca em Mossoró durante as comemorações da resistência aos cangaceiros em 1977.

No segundo capítulo, **Entre o Museu e o Memorial**, a proposta é discutir a importância dos lugares de memória como espaços de divulgação de uma memória oficial sobre os acontecimentos de 1927 e sua importância para a construção das lembranças sobre Jararaca. O primeiro lugar a ser analisado é o Museu Municipal Lauro da Escóssia. Nesse espaço, existe uma extensa documentação jornalística sobre a invasão e sobre Jararaca. O Museu Lauro da Escóssia ocupa o prédio da Antiga Cadeia Municipal (local onde Jararaca ficou preso entre os dias 13 e 19 de junho de 1927). O segundo lugar é o Memorial da Resistência de Mossoró, onde são descritas a invasão dos cangaceiros e a resistência dos mossoroenses. O Memorial foi construído para completar o que a Prefeitura chama de “Corredor Cultural”<sup>10</sup>. Nesse espaço existem poucas informações<sup>11</sup> sobre Jararaca (não comentam nada sobre a imagem de Jararaca como milagreiro), porque a prioridade da construção é a exaltação dos resistentes.

O terceiro capítulo, **A construção das devoções**, reflete sobre a construção das devoções a partir dos relatos das pessoas que mantêm algum tipo de devoção a Jararaca. Analisando essas falas, buscamos compreender as formas de circulação e apropriação para entender como as narrativas são articuladas e como são construídas e realizadas as devoções. Assim, enquanto um estudo da história social da memória, procura compreender como as lembranças são importantes na configuração da santidade de Jararaca.

---

<sup>10</sup> Em Mossoró, o corredor cultural compreende as construções da Estação das Artes Eliseu Ventania (antiga Estação Ferroviária), o Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, o Memorial da Resistência e a Praça de Convivência (espaço dedicado a repartições comerciais, mas que fora construído no estilo das casas de Mossoró do final do século XIX).

<sup>11</sup> O silêncio em relação à memória sobre o cangaceiro Jararaca no Memorial da Resistência pode ser entendido no campo das disputas pela consolidação de uma memória oficial por parte do grupo que está no poder. Para Le Goff, “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. (LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. – 4. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.p. 426).

## CAPÍTULO I: LEMBRANÇAS EM PAPEL.

Multiplicar o novo, fabricar o acontecimento, degradar a informação, são seguramente os meios de se defender. Mas a ambiguidade que se encontra no coração da informação acaba no paradoxo das metamorfoses do acontecimento.

Pierre Nora<sup>12</sup>

### 1.1. No calor da hora.

Conversas, suspeitas, murmúrios, cochichos e omissões eram sinais de dúvidas em torno dos acontecimentos da noite de 19 de junho de 1927, quando a operação do destacamento policial de Mossoró transferiria para Natal José Leite de Santana, o cangaceiro Jararaca, do Bando de Lampião, baleado durante o ataque à cidade no dia 13 de junho, preso no dia seguinte pelos policiais do destacamento local e morto na noite em que seria transferido para a capital do Estado.

Em nota, o jornal *O Mossoroense*<sup>13</sup> divulgou que “Jararaca falleceu em viagem para Natal. Consequência dos ferimentos graves que recebeu, quando do ataque a esta cidade.”<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas**. – Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1995. p. 188.

<sup>13</sup> Nas palavras de Raimundo Nonato, “o periódico de Jeremias da Rocha Nogueira era um jornal para ser lido. Órgão combativo, corajoso e agressivo, antijesuítico e carbonário. Sua voz que comandava as reações se levantava no meio do povo e do plenário das altas classes da Vila, de costumes morigerados. Ali, se encontrava partidários no meio de uma gente que nunca tivera ideia, que jamais imaginara ler um jornal feito na terra, correndo de casa em casa, passando de mão em mão. Era veículo noticioso transformado em agente das comunicações e de defesa dos direitos humanos”. (NONATO,

Estampada na primeira página do jornal, essa notícia fazia parte da matéria “Hunos da nova espécie: Mossoró continua em armas à espera de um novo ataque”, que por sua vez relata o trabalho das autoridades e da população na organização da resistência. Comenta os detalhes da morte de Colchete, os ferimentos e a identidade de Jararaca, que só foi possível através do contato que o Dr. Benício Filho (diretor do Departamento de Segurança Pública do Rio Grande do Norte) manteve com a polícia pernambucana. As autoridades pernambucanas informaram que “o verdadeiro nome de Jararaca é José Leite de Queiroz, contumaz bandido, pronunciado em vários municípios daquele Estado, sendo mais terrível alli do que o próprio Lampeão.”<sup>15</sup>

Os dados sobre a origem e a periculosidade de Jararaca apontam que as notícias veiculadas no Jornal *O Mossoroense* eram mais propícias a informar sobre a vida do cangaceiro do que em apresentar detalhes específicos sobre sua morte. Informações desse tipo fazem parte da forma como a notícia<sup>16</sup> é produzida desde o início do século XX, sendo que lentamente foi passando por transformações a ponto de ficar “mais curta, objetiva e direta, mais expositiva, encadeando os dados em ordem de relevância e

---

Raimundo. **História Social da Abolição em Mossoró**. 2 ed. Coleção Mossoroense. Vol. CCLXXXV, 1983.p. 74.) Fundado em 17 de outubro de 1872, o Jornal *O Mossoroense* apresentava-se como Semanário, político, commercial, noticioso e antijesuítico. Representante do Partido Liberal, em Mossoró correspondia aos interesses da maçonaria e sofria forte oposição do Partido Conservador local, dirigido pelo padre Antônio Joaquim Rodrigues. Essas rivalidades políticas se estenderam aos posicionamentos doutrinários e religiosos envolvendo o jornalista e a Igreja Católica. Para Jaime Hipólito Dantas, *O Mossoroense* passou por três momentos de funcionamento: a primeira fase (1872 a 1876) marca os conflitos com a Igreja Católica. Na segunda fase (1902 a 1935) foi dirigido por João da Escóssia (filho de Jeremias), que transformou a produção e circulação do jornal, passando a utilizar xilogravuras e circulando três vezes por semana (antes circulava quinzenalmente) e transformou-se no órgão do Partido Republicano Federal. Na terceira fase, começou a circular em 1946 e foi fechado em 1964, por conta da instalação do governo militar. (DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un, 2002. p. 33-34). Ao retomar suas atividades nos anos de 1970, *O Mossoroense* passou a ser dirigido por Lauro da Escóssia. Em 1977, Lauro vendeu o jornal à Família Rosado.

<sup>14</sup> *O Mossoroense* 26-06-1927.

<sup>15</sup> *O Mossoroense* 26-06-1927.

<sup>16</sup> Para Robert Darnton, a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu. (DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**; tradução de Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 18).

menos pela cronologia. O traço de individualidade, muitas vezes obtido pela redação em primeira pessoa, deu lugar à impessoalidade da terceira pessoa.”<sup>17</sup>

Assim, em sua breve estada<sup>18</sup> na Cadeia Pública de Mossoró, Jararaca concedeu entrevistas aos jornais *O Mossoroense*, *O Nordeste* e o *Correio do Povo*, recebeu auxílio médico e rapidamente melhorava dos ferimentos no peito e na perna direita. Tudo caminhava bem, até que a notícia sobre sua morte foi divulgada. Mas a superficialidade das notícias impressas deixava lacunas a respeito dos acontecimentos que envolviam Jararaca e a força policial da cidade de Mossoró. Assim, se de um lado, as informações sobre Jararaca apareciam nas notícias sobre a Invasão como forma de reforçar o sucesso da resistência, por outro as narrativas orais que circulavam sobre a morte do cangaceiro aparecem em 1930 no livro *Lampião em Mossoró*, do escritor cearense Leonardo Mota. Da notícia sobre a morte até a publicação do livro de Leonardo Mota, não aparece nenhum registro sobre o corpo ou sepultamento de Jararaca. Seus restos mortais desapareceram na escuridão da noite como forma de esconder algo que pudesse tumultuar, ainda mais, aqueles tumultuados dias.

A imprensa<sup>19</sup> mossoroense divulgou as ações dos bandos no Oeste do Estado, informou sobre os saques e tratamento dado às vítimas dos cangaceiros, comentou a respeito dos contatos com coiteiros da região, produziu os mais variados discursos sobre a presença do grupo no Estado, debateu sobre as relações mantidas entre os bandidos e

---

<sup>17</sup> ZANCHETTA, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal**. – São Paulo: UNESP, 2004. p. 47. (Coleção Paradidáticos).

<sup>18</sup> Entre os dias 14 e 19 de junho de 1927, Jararaca permaneceu preso em Mossoró, saindo desse local somente no dia 19 de junho, por conta de sua suposta transferência para Natal.

<sup>19</sup> Essa imprensa era formada por três jornais (*O Mossoroense*, *O Nordeste* e o *Correio do Povo*), que circulavam na cidade durante a década de 1920. A importância desses jornais reside no fato de terem divulgado as ações feitas por esse grupo no Oeste Potiguar e levantado a possibilidade de um ataque a Mossoró. As informações sobre os ataques às cidades de São Miguel e Apodi (maio de 1927) tiveram dois efeitos: primeiro causaram pânico na população local, pois o grupo de cangaceiros, comandados por Lampião, era tido como imbatível, e os comentários sobre a violência empregada nos saques eram os piores possíveis. Foi esse mapeamento que despertou na população a agilizar sua retirada para a cidade de Areia Branca, no litoral. O segundo efeito diz respeito à organização da defesa da cidade por parte das autoridades locais. Estes não podiam fugir e deixar a cidade nas mãos dos cangaceiros, mesmo porque Mossoró era considerada a maior cidade do interior do Estado. Contando com informações sobre a localização do grupo, a resistência pode ser pensada e articulada a partir da estrutura urbana da cidade.

os políticos<sup>20</sup> cearenses e distinguiu as autoridades do Rio Grande do Norte como os políticos que não participavam da política do clientelismo e do banditismo. Por outro lado, essa mesma imprensa não teve a mesma postura ao silenciar a respeito das condições que levaram à morte de Jararaca. Tomava essa postura porque a morte de Jararaca comprometeria a exaltação da vitória sobre os cangaceiros? Um dos indícios que nos levam a pensar nessa possibilidade aparece na reportagem do *Correio do Povo*<sup>21</sup>, de 19 de junho de 1927, quando foi publicada a matéria “Ave Mossoró”.

A Nossa ordeira, pacata, laboriosa e nobre cidade foi atacada e assediada pelo maior número de bandidos do Nordeste, sob a chefia de Lampião, Sabino, Massilon e Jararaca, chefes de cangaceiros que se colligaram para levar a effeito a empreitada terrível e sinistra de saquear Mossoró, a mais opulenta e rica cidade do Rio Grande do Norte. A imensa fama de riqueza aqui acumulada e o seu amor pelo trabalho, a paz e a ordem despertaram, no espírito de feras daquelles bandidos, appetites vorazes de saque e de sangue. Os seus planos miseráveis, porém foram frustrados. A população civil em cooperação com a polícia mostrou e affirmou a punjança de Mossoró, que também aguerrida e marcializada, indo muito e formidavelmente de armas na mão, nas trincheiras e na rua.<sup>22</sup>

Tendo circulado no último dia de vida de Jararaca, essa reportagem mostra a cidade em sua opulência, buscando dar à resistência um caráter glorioso e reforçando a idealização da cidade, através do amor ao trabalho, da tranquilidade, da manutenção da

---

<sup>20</sup> Padre Cícero e o Coronel Isaías Arruda foram os políticos mais comentados na imprensa potiguar. Eram citados como coiteiros dos cangaceiros e responsáveis pela presença do grupo nas terras cearenses.

<sup>21</sup> O jornal *Correio do Povo* foi fundado por José Octávio Pereira Lima em 13 de maio de 1926 e circulou durante oito anos. Jaime Hipólito Dantas, escrevendo sobre o jornal afirma que “tratava-se de um jornal muito movimentado. Os nomes de maior destaque na vida intelectual da província escreviam em suas páginas”. Nota-se que os intelectuais da Província participavam com seus textos nesse jornal, que era impresso em Mossoró, mas que contava, além dos intelectuais que escreviam em suas páginas com “uma oficina de fotogravura, que ilustrava as páginas com ‘clichês’ dos acontecimentos sociais, políticos e esportivos”. (DANTAS, op. cit. p. 39).

<sup>22</sup> *Jornal Correio do Povo* – 19-06-1927.

ordem e da força de seu povo. Era fácil produzir uma imagem de cidade resistente, exaltando seus líderes, vestindo-os com as roupas da vitória. Difícil seria apresentar a polícia (que ajudou a defender a cidade) com as mesmas características vingativas, que tanto se aplicavam às práticas dos cangaceiros.

Símbolo vivo da vitória mossoroense sobre o bando de Lampião, Jararaca era exposto e inquirido. Contava sobre a vida de cangaceiro, sobre as ações dentro do grupo e as atividades no Rio Grande do Norte. Relatou como os cangaceiros tinham se unido para atacar Mossoró, citou os nomes dos componentes que participaram da empreitada, comentou sobre as alianças e intrigas entre os coronéis, como eram feitos os ataques e disse ser inocente dos crimes pelos quais era acusado. Tudo na esperança de pouparem sua vida, porém sua trajetória, marcada pela imagem de violência e impiedade diante das vítimas, aparecia na imprensa caracterizando-o como um ser frio e cruel.

Tida como fato natural pela imprensa local, a morte de Jararaca foi vista como algo sem importância. Quem iria questionar sobre as condições em que tal morte tinha acontecido? Quem iria se importar com a morte de um bandido?

Nas primeiras reportagens, nada aparece que comprometa os policiais. O respeito aos membros da força policial era inquestionável. O calor da hora possibilitava a glorificação da resistência, nenhum fato poderia manchá-la ou tirar-lhe o brilho.

No dia 26 de junho de 1927, o *Correio do Povo*, comentando sobre a participação de coiteiros e cangaceiros no ataque a Mossoró, publica reportagem sobre “O Banditismo do Nordeste e o Ceará”. Marcadas pelo depoimento de Bronzeado (que comentou a participação de pessoas da região na empreitada ao Oeste do Rio Grande do Norte) e pelos comentários dos jornalistas, essas reportagens apresentam insinuações

sobre qual deveria ser o destino dos bandidos e coiteiros.<sup>23</sup> Para reforçar tal posicionamento, a matéria recorre ao que aconteceu com Jararaca.

Disse Bronzeado em seu depoimento em Apody que o covarde Décio acompanhou o grupo de Massilon até as intermediações da fazenda Pau de Leite, pertencente ao Sr. Luiz Sulpino, município de Apody, de onde voltou, embolsando todo o dinheiro que havia resgatado; e, dahi mandou Massilon assaltar a cidade de Apody, não só para roubar, como para matar o Cel. Francisco Pinto, Capm. Jacintho e surrarem diversos cidadãos, o que não aconteceu graças a Immaculada Conceição, Padroeira d'aquelle lugar. Podemos, pois considerar o Décio bandido perigoso; não por suspeito, mas pela comprovação de suas rudes façanhas. É bem justo que seja capturado o Décio e escoltado por duas praças para Natal, embora se evada como o Jararaca. Isso pouco importa às leis judiciárias.<sup>24</sup>

Afirma-se que os bandidos desse tipo podem ser evadidos a caminho de Natal, porque as leis judiciárias pouco se importam com tais fatos. Assim, o jornal comenta que as ações dos cangaceiros devem ser julgadas formalmente com todos os protocolos da lei, mas isso não se aplica as transgressões dos policiais, pois as autoridades não ligam para tal. Esses posicionamentos mostram que os bandidos são transgressores da ordem, no entanto as volantes e toda sua estrutura policial também transgridem, mas são vistas com outros olhares, porque estão em função da manutenção da ordem social.

Em 22 de julho de 1927, um mês após o falecimento de Jararaca, *O Nordeste*<sup>25</sup> se posiciona a respeito dos acontecimentos.

---

<sup>23</sup> Indivíduo que prestava proteção aos cangaceiros nas regiões que estes passavam. Entre os serviços que os coiteiros prestavam, encontram-se a estada por passagem, abastecimento de armas, munição e informações sobre os inimigos dos cangaceiros.

<sup>24</sup> Correio do Povo – 26-06-1927.

<sup>25</sup> Órgão de Propaganda dos Interesses Gerais, foi fundado em 15 de outubro de 1916 e tinha como proprietário (em 1927) J. Martins de Vasconcelos. Jaime Hipólito Dantas afirma que *O Nordeste* circulou por quase 18 anos, sendo que no princípio era publicado duas ou três vezes por mês, passando depois a circular quinzenalmente. (DANTAS, op. cit. p. 38).

O fogo cessou depois de uma hora e em breves minutos já o povo fervilhava nas ruas, curiosos, enquanto, arrastando para a Praça da Matriz traziam o bandido “Colchete”, morto na trincheira do cel. Rodolfo Fernandes, onde sahira balleado mortalmente o terrível “Jararaca” que falleceu dias depois.

É pena que este monstro não tivesse sido morto quando capturado, no dia seguinte, também suplicado como fêz a muitos inocentes, arrancando unhas, furando olhos, esquartejando cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus comparsas do crime, os desvirginamentos, os estupros e as sevícias praticadas na terrível devassa aos lares indefesos! Ter compaixão de “Jararaca” é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade! A humana criatura que desde tanto, que semeia a desgraça por instinto de perversidade, só pode merecer o linchamento que é a lei da razão do povo, em contrário às blandícias da lei escrita, que, por vezes, constitui o próprio crime, gera bandidos pelas injustiças que dissemina! É isto talvez uma ofensa às instituições do direito, mas é uma verdade da razão humana. A fera mata pelo instinto de sua espécie, e por isto está em grau superior ao facínora de profissão que tem juízo e raciocínio, que mata e sacrifica por esporte, para ver a queda ou para roubar, ou para reagir contra quem lhe foge aos maus desejos cúpidos e lascivos! O bando de “Lampião”, na hora presente, constitui um caso único na história da humanidade, dentro de seu programa macabro de toda espécie de crimes. É de praxe o incêndio às propriedades, sempre que é possível a desonra, pelos modos mais repugnantes. Os tiranos ordenam a nudez a senhoras e virgens, dançam com elas e consumam, bestialmente, os mais torpes atos de erotismo! É, por cumulo, testemunham êsses atos, muitas vezes, os próprios maridos, pais e irmãos das vítimas! E tenha-se compaixão de gente tão infame, como “Jararaca!”<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> O Nordeste – 22-07-1927.

A postura do jornal foi clara: deixou de noticiar sobre o falecimento de Jararaca, passou a defender que indivíduos como Jararaca não mereceriam compaixão, pois seus crimes foram tão hediondos que ele deveria ter morrido no ato da captura. Produzia-se um discurso que justificava a morte de Jararaca como normal. Assim, era melhor falar das transgressões de Jararaca do que ficar comentando sobre sua morte.

O jornal *O Nordeste* joga culpa nas leis criminais: são brandas e contribuem, por conta de sua brandura, para a formação desses bandidos, que não medem as consequências de seus atos. Essa postura, já difere da reportagem anterior do *Correio do Povo* (26-06-1927), que via nas autoridades e nas leis pouca preocupação com o destino desses sujeitos. Enquanto isso, *O Nordeste* põe culpa na lei, no que diz respeito ao surgimento dos bandidos. De forma direta, retoma o discurso que exalta a eficácia da justiça feita pelas próprias mãos. Isso, em certa medida, aproximava as posturas do jornal das ações dos cangaceiros em relação a suas vítimas. Essas contradições sobre a aplicabilidade da lei levavam a imprensa a entrar em contradição com seus discursos.

Em julho de 1927, aparece, nas páginas de *O Nordeste*, uma matéria sobre a formação dos chamados “monstros sociais”, argumentando que o surgimento dessas transgressões faz parte de uma série de fatores que provoca desajustamentos sociais. O noticiário propõe certos argumentos para o entendimento desses transgressores, mas não fica só nisso, pois busca justificar o extermínio como forma de resolver o problema.

Monstro? Sim, o fascinora, perigoso e perverso – o monstro humano. Elle foi ou é uma vitima dos homens ou de uma iníqua e perfila aplicação da lei. E por isso é monstro, senão por índole ou por influencia do meio. Neste, caso teve escola ou não. Como vitima, se pode agir e ser, ou o próximo do oprimido, que incarna sua magua, tornou-se rebelde, e afronta o opressor. Dado o primeiro passo na trilha do crime ou desse acto evidente que o atirou a perdição, por negar-lhe o direito ou ferir-lhe illicitamente, sobra a sua severidade, a

punição. Começa a formação quase sempre do monstro, pela insensatez dos homens, se não é vendo pela moleza do gênio. Aquelle agora poderá tornar-se o terror das populações, praticando toda sorte de crimes hediondos. Este deixa-as em paz... sofrendo a sua miséria! Se o homem torna-se possível de penalidades, esta deve ser eficientemente equitativa. Antes moderada que draconiana. O réo cumpril-a-à convicto que houve justiça e poderá rehabilitar-se. Ao contrário, (e máxime se não a merece) torna-se mau, piora e está definitivamente formado o monstro! E no seu intimo, no seu coração, onde outrora um sentimento bom palpitava ou onde apenas poderia gritar a vingança relativa, quase commum, rebenta e altera o ódio em lavas de crueldades! Já ahi todos, inimigos ou extranhos serão victimas de sua sanha. Todos temos, nesse ultimo caso, o direito de exterminar o facínora, porque se tornou nocivamente prejudicial a commum, a estabilidade da sociedade; e mais direito temos ainda de enforçar ao injusto, ao causador dessa obra macabra, forjada a sombra das posições, quasi sempre legaes!

Deve-se combater e extinguir o monstro fabricado pela opressão, como o expontaneo, por atavismo ou circunstancias do meio, desde que causem perturbações, molestas e sinistras a ordem e a paz do povo.”<sup>27</sup>

Na edição de 16 de outubro de 1927, *O Mossoroense* publicou parte da entrevista concedida pelo cangaceiro Mormaço.<sup>28</sup>

Caminhava noite e dia, e por onde passava ia arrombando as portas das casas que encontrava fechadas e quebrando os móveis nellas existentes; que tendo anoitecido, o grupo acampou novamente fora da estrada; que Lampeão tirou um piquete composto de Moreno, Jararaca, Antonio dos Santos, para prevenir qualquer surpresa; que

---

<sup>27</sup> O Nordeste. 22-07-1927.

<sup>28</sup> Segundo Raul Fernandes, o nome de Mormaço era Francisco Ramos de Almeida, 19 anos, natural de Araripe, município do Ceará. Quando era da polícia de Pernambuco, fez muitas diligências contra o Bando de Lampião. Expulso por indisciplina. (FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró**. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. p. 87. – Coleção Mossoroense.)

mais tarde o piquete presentiu que vinham pessoas conversando pela estrada, isto já ao romper do dia, e vendo o piquete que algumas das pessoas vinham armadas, emboscou-as matando a três rapazes dos que vinham conversando; que dahi o grupo prosseguia a viagem e as quatro horas da tarde, mais ou menos, Sabino Gomes apreendeu na estrada um que automóvel em que viajava o coronel Antônio Gurgel, que foi preso.<sup>29</sup>

Nota-se que a entrevista apresenta uma linearidade dos acontecimentos que marcaram a trajetória do bando de Lampião em sua viagem a Mossoró. Destacam-se ações de Jararaca como assassino frio, que não tem piedade de suas vítimas, que mata da forma mais banal possível, encaixando-se no perfil do monstro social, que não merece piedade e que deve ser julgado pelos crimes que cometeu. Observa-se que esses discursos são produzidos em curtos períodos e que insistem em dizer aos leitores que os cangaceiros não merecem perdão.

As matérias jornalísticas apontam para uma importante discussão acerca da apropriação dessas narrativas pelos indivíduos que não medem esforços na produção imagética dos cangaceiros como bandidos. Essas narrativas são tecidas minuciosamente através do uso de entrevistas concedidas pelos cangaceiros que foram presos após o ataque a Mossoró<sup>30</sup> e, devido às circunstâncias, são levados a prestar depoimentos forais. O objetivo de tal prática, segundo o *Correio do Povo*, era “levar aos leitores as

---

<sup>29</sup> O Mossoroense. 16-10-1927. Percebe-se a preocupação do jornal em manter seus leitores a par dos acontecimentos sobre o ataque dos cangaceiros a Mossoró. O interesse dos jornais em entrevistar os cangaceiros presos (Jararaca e Mormaço) permite-nos pensar como a imprensa contribui para a construção do fato, uma vez que essas reportagens eram acompanhadas das imagens dos cangaceiros. Discutindo sobre a importância da imagem nos jornais, Marialva Barbosa afirma que “a imagem, sob a forma de ilustração, mas realizada a partir da fotografia que estanca o tempo ou a partir do olhar daquele que presenciara a cena, congela o instante passado, tornando-o presente, isto é, atual. Carregada de atualidade, essa imagem também é verossímil.” (BARBOSA, Marialva. **Historia Cultural da Imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. – Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 36).

<sup>30</sup> O jornal *O Ceará*, de 21 de junho de 1927, comenta que, poucos dias depois do ataque, uma tropa tri-estadual, de 500 soldados saiu em perseguição a Lampião (CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**; Trad. Sarita Linhares Barsted. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980).

mais completas informações sobre a terrível intentona de sicários que a politicagem bandida armou e atirou contra nós.”<sup>31</sup>

Percebe-se que as informações de Mormaço são usadas como forma de legitimar a caracterização dos envolvidos nos acontecimentos em Mossoró. Não são os jornalistas que estão falando, mas um membro do Bando de Lampião que relata sobre as vivências e experiências no cangaço; que comenta sobre os membros do grupo. Exemplo disso foi a lembrança de Mormaço sobre certas atitudes do grupo: “ alguns ficavam atrás para, nas estradas, forçarem algumas moças, como também mulher casada; que sabe que alguns desses eram mais audaciosos, neste sentido, entre os quais Moreno, Jararaca e Nevoeiro.”<sup>32</sup>

Continuando o relato sobre o ataque a Mossoró, Mormaço lembra que “Sabino chegou muito espantado onde estava Lampeão e nós, dizendo que Jararaca e Colchete já tinham morrido e que elle tinha escapado por milagre.”<sup>33</sup>. Naquele momento, o grupo sentiu que tinha que recuar. Jararaca e Colchete já estavam mortos, não podiam mais esperá-los.

A relação com a morte era intensa para esses sujeitos, que viviam constantemente em alerta, porém essas revelações trazem uma conformação de que, para o grupo, Jararaca já estava morto e sua relação com aquele tipo de vida tinha chegado ao fim. Existe, porém, outro elemento que embaraça a situação: relatar que os cangaceiros que tinham sido feridos no ataque a Mossoró estavam mortos dá certa normalidade à morte de Jararaca.

---

<sup>31</sup> Correio do Povo. 27-11-1927.

<sup>32</sup> Correio do Povo. 27-11-1927. Mormaço foi preso em Araripe, no Ceará, mas foi transferido para Mossoró. Nessa cidade, ele concedeu uma entrevista que fora publicada pelo *Correio do Povo* no dia 27 de novembro de 1927. Na oportunidade, mormaço informou sobre os detalhes do plano que tinha sido montado para o ataque a Mossoró e sobre as ações do grupo no momento de evacuar da cidade.

<sup>33</sup> Correio do Povo. 27-11-1927.

Aliados a essa estratégia de deslocar as atenções da morte de Jararaca para outros assuntos, como as consequências do ataque e a glorificação da resistência, os jornais procuravam formas de descaracterizar qualquer abuso da força policial. Em julho de 1927, *O Nordeste* comenta sobre a situação em que se encontrava o destacamento policial e seus agregados, que combateram os cangaceiros um mês antes.

Conhecendo as dificuldades com que o governo do Estado se vem debatendo, neste momento, de grandes gastos com a repressão aos bandidos que assolaram as nossas terras, sob a chefia de Lampeão, a imprensa local, representada pelo “O Nordeste”, “O Mossoroense” e “Correio do Povo” promoveu entre o commercio e classes conservadoras, uma subscrição, a fim de manter uma mesada diária aos soldados do Esquadrão, aqui destacados, cujas diárias são exíguas e insuficientes para a manutenção dos mesmos.

E, assim, desde 4 do corrente se vae mantendo essa nobre ação do povo mossoroense a situação monetária dos soldados, ou que sejam estes incorporados ao Esquadrão, daremos os nomes dos bemfeitores e a nota da importância arrecadada.<sup>34</sup>

Comentar a situação financeira dos soldados reforçava sua importância em prol da manutenção da ordem da cidade. Pensava-se na cidade, na ordem e na condição financeira dos soldados, e eram esquecidos os questionamentos sobre um acontecimento que poderia macular todo um processo que começou quando foram mapeadas as ações do grupo no Estado e culminou com a resistência em 13 de junho.

As poucas matérias publicadas sobre a morte de Jararaca em 1927 referem-se basicamente ao anúncio de sua morte e ao conhecimento de sua identidade e suas ações. Nas matérias, as lembranças sobre o ataque eram recheadas de comentários sobre a violência empreendida por Jararaca diante de suas vítimas.

---

<sup>34</sup> O Nordeste. 22-07-1927.

Em 1974, após 47 anos, a morte de Jararaca volta a ser notícia nos jornais. *O Mossoroense* republicou a entrevista concedida por Jararaca a Lauro da Escóssia, em uma matéria que comentava mais especificamente sobre o ataque.

Mossoró não se rendeu

Recordando o ataque do grupo de Lampião a esta cidade, há 47 anos passados – “Lampião vem aí, vai matar todo mundo” – tal pânico que envolveu a cidade naqueles instantes – alguns ficaram e receberam o grupo de cangaceiros com medo e com tiros. Mataram uns, prenderam outros.

– Não, nada. Sujeito simpático. Ele começou me dizendo que se chamava José Leite, tinha 22 anos e nasceu no dia 5 de maio em Buíque, Pernambuco. Sujeito moreno, muito moreno, mas não era magro. Era solteiro e andava com Lampeão há um ano e alguns meses. Ele tinha um fuzil Mauser e cartucheiras de duas camadas, mais 500 mil no bolso e uma caixinha com obras de ouro no valor de 1 conto de réis. Disse que o ataque a Mossoró foi idealizado por Massilon Leite, e que Lampeão relutou um pouco, por causa da história das duas igrejas. Que quando Lampeão chegou a Mossoró não gostou nada, nada mesmo, daquela “igreja de bunda redonda” (de onde estavam partindo os tiros contra o grupo).<sup>35</sup>

Por que reproduzir uma matéria publicada em 1927? Por que trazer à tona a reportagem sobre a entrevista de Jararaca? Quase meio século depois, as notícias sobre o ataque ganham novamente o espaço nos jornais. O que teria acontecido com aqueles questionamentos feitos há quase cinquenta anos? Lembrava-se de Jararaca como sujeito simpático, que comentava sobre os receios de Lampião em atacar Mossoró. Não tocavam mais em seus crimes, tampouco queria chamá-lo de Jararaca. Por quê?

---

<sup>35</sup> *O Mossoroense*. 13-06-1974.

Durante o dia de finados de 1976, *O Mossoroense* edita a matéria “Flores, orações e lágrimas para os que fizeram a viagem”, mostrando com espanto os túmulos mais procurados no cemitério São Sebastião (Mossoró), entre eles o túmulo de Jararaca.

Quais os túmulos mais procurados pelo povo?

Vários, vários, principalmente de pessoas que morreram em “odor de santidade”, ou que, após mortas, passaram a ser veneradas como santas...

Há casos e casos. Uma menina do Alto da Conceição (“ou foi São Manuel, mulher?”), que sofreu muito, morreu virgem, a vida inteira sem gemer, sem reclamar, oferecendo tudo a Deus e a Nossa Senhora! Ou aquela jovencinha que morreu há muitos anos e cujos despojos não foram destruídos pelo tempo? Pessoas de boa família local. Muita gente, também, vai rezar junto à cova daquela que, em vida, foi conhecida pela alcunha de Pata Choca. Outros, pagam promessas diante do túmulo do cidadão José Leite de Santana, morto em 19 de junho de 1927, em Mossoró, nascido nos sertões de Pernambuco, mais conhecido pelo apelido de Jararaca, cabra de Lampião. Preso durante o frustrado assalto a Mossoró, foi (teria sido) trucidado no dia seguinte, a sangue frio. Uns dizem até que foi enterrado vivo... Por judiação.<sup>36</sup>

As notícias veiculadas nos jornais, durante a década de 1920, não impediram a lembrança sobre Jararaca. Preocupados em manter a imagem da cidade e produzir discursos que justificassem os acontecimentos relacionados ao cangaceiro, a imprensa local não divulgou as visitas a seu túmulo durante décadas.

O túmulo de Jararaca aparece na imprensa local como lugar de visitação durante o dia de finados. Sua imagem não é mais apresentada como de um cangaceiro frio e cruel, mas como um dos “santos cultuados em cemitério”<sup>37</sup>, que carrega o peso de ter

---

<sup>36</sup> *O Mossoroense*. 02-11-1976.

<sup>37</sup> Segundo Eliane Tânia, “esse tipo de santo cultuado nos cemitérios parece estar em permanente constru o por seus devotos (e por seus críticos). Através de suas várias formas de narrativas orais, eles

sido bandido, porém as particularidades sobre sua morte são retomadas nas narrativas nas décadas de 1950 a 1970.

“Enterrado vivo! Por judiação”. Eram expressões que estavam na página do Jornal, fazendo com que a lembrança sobre a invasão dos cangaceiros a Mossoró reaparecesse. Essas notícias trazem uma particularidade: Jararaca era tido como milagreiro e seu túmulo o mais visitado no dia de finados.<sup>38</sup>

---

articulam acontecimentos históricos relativos à memória local, regional e mesmo nacionais (invasão da cidade, perseguição policial, morte de bandido) e paradigma (modelos éticos, cosmológicos, religiosos, morais) e constroem, através de práticas rituais (prestações funerárias, promessas, testemunhos orais, discussões públicas que obedecem a certos protocolos), um comentário social singular da realidade, do passado e do presente”. (FREITAS, op. cit. p. 43).

<sup>38</sup> Pensando na importância da notícia no jornal impresso, Juvenal Zanchetta afirma que “por mais que seja a abordagem de determinado fato, o jornal não pode prescindir do contexto que cerca esse fato, pois a comunidade de onde se obtiveram elementos para constituir a notícia é a mesma para quem a versão (a notícia publicada) será apresentada. É ali que essa notícia terá maior impacto” (ZANCHETTA, op. cit. p. 55). Nota-se que, além de divulgar as visitas ao túmulo de Jararaca, o jornal cita posicionamentos relacionados à morte de Jararaca, como se a morte fosse o elemento mais importante para a construção das memórias em torno da santificação de Jararaca.

## 1.2. Em defesa da Cidade.

Em 1930, é publicado o livro *No Tempo de Lampião* do escritor cearense Leonardo Mota. O trabalho apresenta uma das primeiras impressões sobre a morte de Jararaca. A publicação se transformou em meio de divulgação das possíveis condições em que teria ocorrido a morte de Jararaca. Escritores como Raimundo Nonato (*Lampião em Mossoró*) e Câmara Cascudo (*Flor de Romance Trágicos*) utilizaram as informações contidas nessa obra.

Impressa em livro, a narrativa sobre a morte de Jararaca contribuiu para a produção de outras narrativas sobre o acontecimento. Elas, por sua vez, passavam a contar com depoimentos de membros do corpo policial, com suas memórias sobre a trajetória de Jararaca.

Leonardo Mota deixa evidente que o caso não tem nada de normal: “Jararaca morreu, mas não foi de morte morrida: foi de morte matada.”<sup>39</sup> As particularidades sobre a morte do cangaceiro se configuram como outra versão. Essa versão traz uma imagem espantosa e agressiva e serviu para apresentar Jararaca como vítima das transgressões da polícia, fato reforçado com a informação de que seu corpo foi profanado no ato do sepultamento.

O que era murmúrio ganha espaço na obra de Leonardo Mota como momento singular da trajetória de Jararaca em Mossoró. Utilizada por outros escritores, essa narrativa contribui para a elaboração de outros posicionamentos sobre a morte do cangaceiro.

Em 1955 é publicado, pela editora Pongetti, o livro *Lampião em Mossoró*, coletânea organizada por Raimundo Nonato. O autor mapeou notícias de jornais,

---

<sup>39</sup> MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampeão**. 2. ed. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. 1967. p. 36.

depoimentos de autoridades civis e militares, Boletins Bibliográficos da Coleção Mossoroense, trabalhos em literatura de cordel como os de José Pereira Lira (*A Derrota de Lampião em Mossoró*) e “*A vida de Lampião nos Sertões*”, de José de Lima de Oliveira, bem como o Diário do Coronel Antônio Gurgel e os depoimentos dos cangaceiros Francisco Ramos de Almeida (Mormaço), José Leite de Santana (Jararaca), Miguel Inácio dos Santos (Casca Grossa) e Manuel Ferreira (Bronzeado) com suas informações sobre a presença de Lampião no Rio Grande do Norte e a trajetória dos cangaceiros que participaram do ataque a Mossoró.

No que se refere à morte de Jararaca, Raimundo Nonato retoma a narrativa de Leonardo Mota, através do livro *No Tempo de Lampião*. No entanto, essa versão sobre a morte de Jararaca só ganha visibilidade em Mossoró, com a publicação dos trabalhos de Raimundo Nonato (1955) e Câmara Cascudo (1966), uma vez que essas obras passam a circular nos espaços de leitura da cidade (Biblioteca Municipal e do Colégio Diocesano).

Após 28 anos do falecimento de Jararaca, as narrativas reaparecem e apresentam detalhes que não foram divulgados pela imprensa em 1927. Em sua maior parte, esses detalhes recorrem ao trabalho de Leonardo Mota, que escrevendo sobre a trajetória de Jararaca em Mossoró afirma que “só depois de pensado, interrogado e, até, de fotografado, o Jararaca morreu. Mas ninguém o viu morto, pois o enterramento foi dado como feito alta noite.”<sup>40</sup>

O que intriga não são os relatos sobre as circunstâncias que levaram à morte de Jararaca, mas os significados que passam a ser dados a essa narrativa, uma vez que as lembranças sobre o ataque servem de suporte para a circulação das lembranças sobre Jararaca. Nesse aspecto, os relatos dos jornais locais, que na época só publicaram

---

<sup>40</sup> MOTA, op. cit. p. 36.

pequenos fragmentos do acontecimento, passam a publicar, após três décadas, a narrativa que fazia o contraponto ao que era publicado na imprensa mossoroense na década de 1920.

Raimundo Nonato cita que, ao chegarem ao cemitério, os policiais mostraram ao cangaceiro:

uma cova, aberta lá num canto, quase fora do ‘sagrado’ e lhe perguntaram se ele sabia pra que era aquilo... Foi quando Jararaca falou froncado e destemido:

– Saber de certeza não sei não, mas porém estou calculando... Não é pra mim? Agora isso só se faz porque eu me vejo nesta circunstância, com as mãos inquirida e desarmado! Um gosto eu não deixo pra vocês: é se gabarem de que eu pedi que não me matassem. Matem! Matem!, que matam mas é um home! Fique sabendo que vocês vão matar o home mais valente que já pisou nesta terra.<sup>41</sup>

Jararaca é apresentado como o cangaceiro valente, destemido, que não se curva diante de seus inimigos (mesmo que seja diante de situação que leve a sua morte), não foge de seus posicionamentos, não pede perdão e nem misericórdia aos seus carrascos. Mantém-se a imagem do homem forte, como os cangaceiros.

A idealização de Jararaca como o homem mais valente que já pisou nesta terra vai ao encontro da dubiedade da imagem do cangaceiro: para os inimigos era um ser cruel, bandido, desordeiro, criminoso frio e cruel, mas para os coiteiros, era quem vingava suas intrigas, protegia os amigos e mantinha os compromissos assumidos.

Essas tensões em torno da morte fazem parte do cotidiano das populações que sofriam (ou não) com as ações empreendidas pelos cangaceiros. Porém, quanto à sensibilidade em relação à morte, especificamente a morte trágica, percebe-se que “a

---

<sup>41</sup> NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. Fundação Guimarães Duque. – Mossoró. 2005. p. 129. – Coleção Mossoroense. Série C, n° 1488.

morte não é fácil de ser encarada como fato corriqueiro, banal e sem significado mesmo sendo esta a sua única condição. No entanto, isso só é possível pela presença de longas tradições cristãs no imaginário<sup>42</sup> em relação à morte trágica. Sensibilizar-se com o outro, ou com a “morte do outro”<sup>43</sup> faz parte desse emaranhado de crenças que sobrevivem por meio de experiências sociais diante da morte, enquanto fenômeno que sensibiliza o outro. Quanto aos cangaceiros, essas sensibilidades diante da morte trágica passam a ser construídas por narrativas baseadas em memórias fragmentadas e diferentes, presentes na escrita sobre o cangaço, e que contribuem para a circulação da noção de morte trágica como condição que favorece uma ressignificação do ser social diante da morte, abrindo-lhe a possibilidade do perdão.

Continuando a apresentação dos detalhes publicados na década de 1930, no Ceará, por Leonardo Mota, Raimundo Nonato descreve as ações da polícia no cemitério.

Um soldado, naturalmente de combinação com os outros, deu-lhe um tiro de revólver na cabeça. A bala pegou bem no mole do pé do ouvido, lá nele. O Jararaca amunhecou das pernas e caiu de olho virado. Aí, os soldados o empurraram com os pés pra dentro da sepultura. Só demoraram enquanto tiraram os ferros das algemas. Quando o cadáver rolou pra cova, fizeram luz e espiaram: o finado tinha caído de bruços. Mas, ninguém se embaraçou com isso: por cima do corpo ainda quente as pás de terra deram serviço...<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Se o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam (PATLAGEAN, Evelyne. **A História do Imaginário**. In: LE GOFF. *A História Nova*. – 5. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.p. 391), no que se refere a morte no imaginário, está é experienciada de múltiplas formas, principalmente por seu caráter trágico, característica que permite olhares diferenciados sobre as formas de morrer.

<sup>43</sup> ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**; tradução: Priscila Viana de Siqueira – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.p. 72.

<sup>44</sup> NONATO, op. cit. p. 129.

Escrita na década de 1930, essa forma de narrar à morte de Jararaca não teve qualquer divulgação por parte da imprensa em Mossoró. Jararaca representava o cangaceiro, o facínora. Essa imagem do cangaceiro se mantém, porém a noção de injustiçado não caiu no esquecimento por encontrar na memória e oralidade (mesmo sofrendo ressignificações) uma forma de circular.

Em 1966, é publicado *Flor dos Romances Trágicos*, de Câmara Cascudo. Nesse trabalho, Cascudo escreve um breve comentário sobre a vida de José Leite Santana. Partindo de sua participação no Exército, seu retorno de São Paulo a Pernambuco, sua entrada no cangaço até sua empreitada a Mossoró. A narrativa é ancorada nos escritos de José Otávio Pereira Lima, João Martins de Ataíde e Leonardo Mota (os dois primeiros através da literatura de cordel).

Cascudo organiza o livro de forma que os fatos são narrados a partir de versos, seguidos de brevíssimos comentários, nos quais Jararaca é apresentado como o pior dos cangaceiros. A construção da imagem de Jararaca como o pior cangaceiro é significativo para a produção e ressignificação das memórias a partir das leituras dessas obras, uma vez que Cascudo tem ampla influência no “cenário cultural” da cidade. Em Mossoró, seus trabalhos são recebidos com credibilidade pela Coleção Mossoroense, que os publica e distribui para os espaços de leitura da cidade. Em *Flor dos Romances Trágicos*, busca-se uma sequência cronológica que dê sentido à sua trajetória como bandido. O último poema do livro é intitulado: *Vida e Morte de Jararaca*. Nele, são expostas certas particularidades da relação que Jararaca mantinha com suas vítimas, na maioria das vezes como um assassino frio e cruel. É importante frisar que esses poemas circulavam com facilidade em Mossoró. Embora Jararaca fosse apresentado como o pior dos cangaceiros, por sua violência, não se deve esquecer que essa literatura também faz descrições sobre sua morte, como as estrofes abaixo:

No dia 19 à madrugada,  
A noite estava escura e tenebrosa,  
O tenente em condução bem preparada,  
Transportou a fera vil e asquerosa;  
Na estrada Jararaca quis correr,  
Foi pior, que mais tarde veio a morrer!

Pesada luta a fera então travou  
E quase que fugia dessa vez  
Se não fora um soldado que o agarrou  
Com força destemida altivez.  
Jararaca foi morto de punhal,  
E enterrado num podre lamaçal.<sup>45</sup>

Mesmo representado como uma fera vil e asquerosa, os versos apresentam uma execução predeterminada, cujo cenário não poderia ser outro: o cemitério à noite, pois ambos seriam encarregados de omitir aquela tenebrosa operação.

Cascudo é um dos escritores potiguares que facilmente circulam nos espaços de leitura da cidade, e suas narrativas têm grande receptividade pela intelectualidade e autoridades locais. Levando-se em conta que o período de divulgação do trabalho de Cascudo corresponde a um momento de reafirmação da cidade e de seu potencial diante do cenário do Estado.

*Flor dos Romances Trágicos*, livro em que aparece a história de Jararaca, trata de questões do cotidiano dos cangaceiros. O exótico é utilizado como uma forma de apresentar os fatos para a consolidação da imagem do cangaceiro, porém outra imagem também estava presente neste trabalho: *Mossoró, cidade da resistência*. A história de Jararaca em Mossoró entrava nessas obras como elemento para a consolidação de uma memória oficial sobre a resistência.

---

<sup>45</sup> CASCUDO, Câmara. **Jararaca**. 2ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 2227. Série B. 2002. p. 20 – Coleção Mossoroense.

No entanto, os elementos que fizeram parte direta ou indiretamente da luta contra os cangaceiros entrariam nessa memória (como é o caso da memória sobre Jararaca) em um contexto, cuja importância política e cultural da cidade ganhava novos contornos no âmbito estadual, bem como a importância que o novo grupo dirigente<sup>46</sup> daria a esse passado, procurando inseri-lo em seus projetos voltados ao turismo, como mostra a proposta das comemorações do cinquentenário nos anos de 1970.

Em 1970, Raul Fernandes publica *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Nesse trabalho aparecem informações prestadas por militares e civis que escoltaram Jararaca da prisão ao cemitério São Sebastião, na noite de 19 de junho de 1927. A novidade é que a narrativa é construída a partir das falas dos policiais e funcionários da Cadeia Pública de Mossoró. As entrevistas utilizadas ajudam a perceber como as lembranças (apresentadas após 42 anos) podem ser entendidas no contexto em que se procurava constituir uma memória para a cidade.

Na elaboração dessa memória, surgem elementos que atendem aos interesses que reafirmam a cidade da resistência como necessária às narrativas que apresentam as particularidades dos acontecimentos de 1927. No caso de Jararaca, essas publicações trazem tensões geradas pela presença do cangaceiro em Mossoró.

---

<sup>46</sup> Segundo Lemuel Rodrigues, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC) e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a eleição de Dix-Sept Rosado para prefeito de Mossoró, em 1948, inaugura um dos maiores reinados de uma família sobre uma cidade do Estado do Rio Grande do Norte e, com ele, é criada toda uma estrutura de mando rosadista como, por exemplo, o Boletim Bibliográfico, hoje Coleção Mossoroense, que já dispõe de mais de quatro mil títulos publicados sobre a história de Mossoró, da família Rosado e de outros temas como as secas. (SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação de mando**. – Mossoró. – Queima Bucha, 2004. p. 121-122). Essas novas narrativas sobre a cidade da resistência não teriam problemas em apresentar as particularidades da morte de Jararaca, pois essas próprias narrativas continuariam a tratá-lo como um bandido. Assim, a preocupação do novo grupo dirigente era consolidar uma memória que atendesse a seus interesses políticos – utilizar o passado como forma de construir uma imagem da cidade no presente e utilizá-lo como forma de consolidação de uma memória e de um grupo no poder.

Raul Fernandes, ao descrever a preocupação das autoridades mossoroenses em querer entregar Jararaca às autoridades estaduais, permite-nos outra interpretação das ações dos policiais durante a suposta viagem de Jararaca para Natal.

Jararaca nada desconfiava. Retiraram-no da cela, sustido por dois soldados. Vinha desfigurado, de cabeça pendida. Reclamou, antes de entrar no carro, as alpercatas. Não queria chegar descalço à Capital. Um oficial, esboçando sorriso maldoso, respondeu que “em Natal lhe daria um par de sapatos de verniz.”<sup>47</sup>

A citação foi publicada em artigo de Pedro Sílvio de Moraes no livro *Lampião em Mossoró*, de Raimundo Nonato<sup>48</sup>, e utilizada por Raul Fernandes quando se referiu à permanência de Jararaca na cadeia pública de Mossoró. Demonstra que o plano de levar Jararaca a Natal era uma justificativa para não deixar evidências sobre a articulação montada para exterminar o cangaceiro. Pedir para ir calçado para a capital, isso era sinal que Jararaca não desconfiava das intenções dos militares, e que não queria se apresentar como um homem rústico.

A expressão do suposto oficial “em Natal daria um par de sapatos de verniz” evidencia a premeditação da morte de Jararaca pelos militares. Estes fariam a justiça que achasse conveniente. A narrativa mostra a preocupação de livrar seus idealizadores, como fez o chofer Homero Couto. A formação de memórias que pudessem livrar os envolvidos nas ações que envolviam Jararaca era premente, como aparece na fala de Homero:

---

<sup>47</sup> FERNANDES. op. cit. p. 238.

<sup>48</sup> Raimundo Nonato faz um apanhado das principais reportagens dos jornais que circulavam em Mossoró durante a invasão (O Nordeste, O Mossoroense e o Correio do Povo), bem como lança mão de muitas entrevistas concedidas por pessoas (militares e civis) que participaram da resistência aos cangaceiros, em 1927.

O carro Willys Night, de capota de lona, era bastante espaçoso. Dois soldados largaram o bandido no chão da viatura e sentaram-se. Homero na direção estranhou aquele arranjo. Atravessou ruas desertas. Entrou na Avenida principal – Augusto Severo. Ao avistar a Estação, recebeu ordem de prosseguir. Desconfiou de algo macabro, em andamento. O cemitério ficava logo adiante. Minutos depois mandaram-no parar, frente ao portão. Apressadamente, os soldados deixaram o veículo. Jararaca compreendeu haver chegado o instante derradeiro.<sup>49</sup>

Percebe-se que o chofer demonstra não saber dos objetivos daquela escolta e retira toda e qualquer indicação de culpa que possa ter no caso da morte de Jararaca. Esse tipo de narrativa procura construir uma memória que reconhece em certos personagens apenas a participação pelo serviço prestado aos policiais. Continuando com suas informações, o chofer apresenta as indagações de Jararaca quando este reconhece estar em uma cilada: “Isso aqui é o caminho de Natal?”<sup>50</sup>. Nesse momento, “um soldado puxou-lhe a perna doente, com extrema brutalidade. Ouvia-se um grito lancinante: Valha-me Nossa Senhora?”<sup>51</sup>.

O apelo ao sagrado é constante na vida do cangaceiro, mesmo sendo uma vida marcada por saques e atitudes cruéis em relação aos seus inimigos, fato muito conhecido através das lutas de parentela ou a serviço dos coronéis. Esses homens dispunham de certos códigos religiosos tradicionais como orações e objetos religiosos (como medalhas), eram tementes às questões sagradas.

Sobre essa relação com o sagrado, Raul Fernandes escreve a partir de uma entrevista concedida por Antônio Fernandes<sup>52</sup>:

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 239.

<sup>50</sup> FERNANDES. op. cit. p. 239.

<sup>51</sup> Ibid., p. 239.

<sup>52</sup> Era filho de Francisco Fernandes de Oliveira e Maria Fernandes de Oliveira (Donos do Sítio Bom Jardim). A entrevista foi concedida a Raul Fernandes na cidade de Natal, no dia 09-11-1966.

Deixando a fazenda “Nova”, os quadrilheiros dirigem-se ao Sítio “Bom Jardim”, três quilômetros adiante. Às primeiras notícias, o fazendeiro Francisco de Oliveira fugiu levando a família. Havia ocorrido a sua esposa D. Maria Fernandes de Oliveira, guardar por segurança, os objetos de valor numa caixa e enterrá-la. Assim procedeu, assustada com os boatos de Lampião nas cercanias. Passaram-se os dias. Aproximava-se a festa do padroeiro da cidade de Vitória, atual Marcelino Vieira. Ninguém queria perdê-la. Desacreditando na vinda dos cangaceiros, arrancou a botija. Retirou as joias a serem usadas na festa – anéis, brincos, pulseiras e um trancelim de ouro. Depois de lavadas guardou-as no santuário. A caixa com dezesseis libras esterlinas, alfaias, algumas varas de trancelins, relógios de algibeira, corrente, tudo de ouro, e mais quatro patações de prata, foi posta num baú. No alvoroço da partida, não houve tempo para levá-las. Os cabras derrubaram portas, quebraram móveis e o relógio de parede. Retiraram a roupa de casa. Exultaram ante o tesouro encontrado. Um deles vendo as coroas de ouro e prata, adornando as imagens dos santos, apressou-se em abrir o pequeno móvel. Estava para profaná-la, quando Jararaca interveio: – Pare! Você pode fazer o que quiser nesta casa, menos tocar no oratório! Quase nada escapou à sanha dos assaltantes. Após servirem-se de rapadura e queijo, retiraram-se, conduzindo cinco animais arreados. A pressa impediu-lhes de maltratar os moradores.<sup>53</sup>

O apego e o respeito às coisas sagradas eram uma constante na vida desses sujeitos. Nos momentos de angústia, recorriam ao sagrado como uma forma de poderem se livrar de situações de perigo.

Essa memória aumenta as possibilidades de se cristalizar no imaginário a ideia de mártir, através de determinadas narrativas nas obras sobre a Invasão de Lampião a Mossoró; permite entender como os autores que escreveram sobre esse acontecimento não conseguem diferenciar a invasão dos cangaceiros a Mossoró da

---

<sup>53</sup> FERNANDES. Op. cit. p. 95-96.

trajetória de Jararaca em Mossoró, a ponto de colocarem a morte de Jararaca como extensão da invasão, fato não admissível na década de 1920.

Quanto à construção e circulação das narrativas, elas se inserem em um contexto específico para a consolidação das memórias sobre os acontecimentos de 1927, como é o caso das inúmeras impressões que a Fundação Vingt-Un Rosado<sup>54</sup> faz das obras sobre a invasão dos cangaceiros a Mossoró, constituindo-se em lugar de produção e reprodução de discursos sobre a resistência.

Essa recorrência a um discurso pautado no perdão na hora da morte tem um significado importante para a construção simbólica do cangaceiro Jararaca como milagreiro, pois no imaginário do devoto Deus perdoa a todos aqueles que, nas horas minguantes, vão a seu socorro.

A morte, para a tradição cristã, perpassa tradições em que a piedade oriunda de situações trágicas funciona como um mecanismo que é capaz de sensibilizar o homem no momento de seu sofrimento final.

Recorrer ao sagrado funciona como recurso dos que não podem mais acreditar nos homens. O sagrado aparece como oportunidade a uma vida melhor, principalmente quando a situação não permite à vítima nenhuma reação. Jararaca não recorre ao sagrado pensando em se livrar daquela situação incômoda, mas essas sensações ganham outros sentidos diante dos ouvintes das narrativas. Estes passam a

---

<sup>54</sup> Fundada por Vingt-Un Rosado (1920-2005), a instituição tem como objetivo promover a produção historiográfica e cultural no Oeste Potiguar. Pelos esforços de Vingt-Un, a instituição se transformou em um importante centro de produção e divulgação cultural do Rio Grande do Norte. Através da Coleção Mossoroense são publicados trabalhos em diversas áreas do conhecimento, como geologia, história e religião. Vingt-Un manteve um amplo e profícuo contato com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Isso resultou uma biblioteca rica em trabalhos voltados sobre a seca e seus efeitos no semiárido. Quanto às produções ligadas ao estudo do cangaço, a Fundação é o principal espaço para publicação sobre a temática no Rio Grande do Norte, uma vez que as obras utilizadas nesse capítulo foram várias vezes reimpressas através dos financiamentos da instituição. Sendo controlada por um membro da família Rosado, grupo que controla a política local há décadas, essa instituição muito contribuiu para a consolidação de uma memória sobre a invasão e resistência ao Bando de Lampião, pois publica e faz circular as obras que tratam sobre o assunto. Essas obras chegam às bibliotecas, museus e escolas de Mossoró em um movimento constante de manutenção de uma memória que fortalece a ideia de cidade da resistência.

acreditar em perdão e remissão. As formas de recepção das narrativas são múltiplas e os significados da escrita produzem formas diferenciadas de interpretar e sentir, como fica expresso no texto do momento da morte de Jararaca.

O soldado do lado oposto desferiu-lhe violenta coronhada de fuzil na cabeça, sem dar-lhe tempo ao mais leve gesto de defesa. Sucederam-se as pancadas. Tomavam proporções altíssimas, em meio ao silêncio da noite. Pareciam que socavam terra.

Arrastado para fora do carro, atirado ao chão, ainda estertorava. Deram-lhe algumas punhaladas no peito e no pescoço, deixaram-o inerte. Colocaram-no dentro da sepultura, perto de Colchete.<sup>55</sup>

Não houve defesa, pois a voracidade de fazer justiça com as próprias mãos levava os policiais ao extremo: executaram Jararaca como um animal, batiam em seu corpo com uma indignação incontrolável. Era a apoteose da justiça contra aqueles que, durante parte de sua vida, tinha caminhado pelo lado do banditismo. Jararaca fora julgado de forma sumária. Nem suas súplicas ao sagrado foram capazes de tirá-lo de tal situação. Jogado na cova, sem direito a um sepultamento digno de cristão, sem os aparatos que o ritual fúnebre, no silêncio da escuridão.

Outro trabalho publicado na década de 1970 e que faz referência à morte de Jararaca foi *“Lampião, Cangaceiros e Nordeste”*, de Aglae Lima de Oliveira. Esse livro faz longo relato das experiências vividas pelos cangaceiros com os coronéis, as volantes, as mulheres e entre os próprios cangaceiros diante de micro poderes dentro das relações políticas no interior dos bandos. Sobre a trajetória de Jararaca, a narrativa difere das outras versões sobre a prisão:

---

<sup>55</sup> FERNANDES, op. cit. p. 240.

Passaram-se dois dias. À noite o bandido saiu às ruas escondido e, nos fundos da casa, não avistou viva alma, agachou-se e tratou de enterrar o seu tesouro, constituído de anéis, brilhantes, medalhas, moedas de prata, um punhal com cabo de ouro e 120 contos de réis. Ao amanhecer, necessitando de roupas, solicitou ao dono da casa que fôsse comprar uma roupa feita no mercado. O italiano, de posse do dinheiro, 500 mil réis, delatou-o à polícia. Cinco homens, ocultos no matagal, esperavam o sinal. Um soldado apitaria para pega-lo. Jararaca foi prêso e submetido a interrogatório pelas autoridades. Uma semana depois seguiu de automóvel para o cemitério local, acompanhado de dois soldados. Cavou sua própria sepultura. Dois tiros de revolver na cabeça abateram o bandido. Deixou, onde estêve o homiziado, duas belíssimas cartucheiras, balas partidas em quadro para os estilhaços matarem a vítima, bornais e alforje.<sup>56</sup>

Essa narrativa tem uma característica peculiar: Jararaca consegue um lugar (a casa do suposto italiano) para passar uma pequena temporada. Isso contrasta com as outras versões, nas quais o cangaceiro não consegue sair do matagal. Mesmo localizada próxima à Estrada de Ferro, a casa do italiano foi incluída como refúgio para Jararaca e não modifica o espaço em que ocorreu sua captura. No final da narrativa, Aglae comenta a respeito da traição sofrida por Jararaca. E sobre sua morte, posiciona-se de forma muito simples, fato que não a distancia muito de versões menos elaboradas e contadas por muitos autores, quando muitas vezes estão se apropriando ou transformando a versão organizada por Leonardo Mota.

Aglae Lima faz referência a uma entrevista feita a Sebastião Farias (em Campina Grande), na qual o informante cita uma possível aparição de Jararaca a um casal em Mossoró. Segundo a tradição popular, quando alguém enterra alguns pertences de valor e não consegue reavê-los, após a morte surge uma espécie de elo entre o morto

---

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1970. p. 196-197.

e esses objetos. Assim, esse elo precisa ser desfeito, pois, segundo essas crenças populares, a alma não consegue sua total transcendência, precisando que os vivos façam o trabalho para os mortos. Esse trabalho acarreta na libertação da alma em relação aos bens materiais deixados.

A aparição, descrita por Aglae, ocorreu alguns dias após a morte de Jararaca:

Decorridos alguns dias, um casal pobre, que vivia de matar bodes, foi contemplado com o tesouro de Jararaca. Residiam a um quilometro do italiano o cidadão Francisco Rosário e sua espôsa, Joana Rosário, conhecidos por Chico e Joaquina Rosário. Em uma sexta-feira, D. Joaquina sonhou com Jararaca, que lhe pedia proteção, aflito e implorava para que ela desenterrasse o dinheiro. Explicava que sua alma estava nas trevas, penando, porque enterrou seu dinheiro. Dava-lhe a botija. Mostrou no sonho o local, debaixo das três oiticicas. O sinal era uma medalha: “Deus te guie”. D. Joaquina prometeu desenterrar o tesouro. Esperou mais duas sextas-feiras e sonhou do mesmo modo. Resolveu, então, cavar a botija, acompanhada do espôso, feliz porque ficaria rico. O casal chegou às oiticicas à meia noite em ponto. Ela furou, de propósito, o dedo polegar esquerdo e, com o sangue, riscou um signo de Salomão. Viu vultos e ficou de cabelo arrepiado. Desenterrou e trouxe os haveres do bandido para casa. De acôrdo com a superstição, matou um pinto e amarrou na perna dessa ave um laço de fita encarnado. Deixou o local aberto, mudou-se e não cobriu o buraco. Tudo isso deve ser feito para quem encontra dinheiro enterrado porque evita morrer após a retirada do tesouro. O casal Rosário comprou uma fazenda por 80 contos de réis. Esse fato ocorreu, realmente, conforme declarações do Sr. Sebastião Farias, cidadão portador de credenciais, residente em Campina Grande, Paraíba. Sebastião Farias foi testemunha ocular do tiroteio em Mossoró, por ocasião da visita de Lampião, e viu os objetos de ouro, inclusive o punhal, em mãos do casal Rosário.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> OLIVEIRA, op. cit. p. 196.

O interessante é a forma como ocorre esse contato: uma relação de troca, uma negociação, o dinheiro pela libertação. Situação familiar a um indivíduo que, como cangaceiro, sabia negociar a liberdade de suas vítimas, mediante pagamento. A situação fora invertida, agora a relação ocorria em um campo simbólico, no qual vivos e mortos tinham algo a receber.

A benevolência e piedade para com os mortos ganham força e estimulam a realização do pedido do morto e se configuram de forma imagética – pelo sonho. Permitem, também, um campo de possibilidades para o surgimento de representações sobre o outro (morto), mas não funcionam como um espaço fechado de que só o morto necessita. Nessa circunstância, os vivos passam a fazer parte desse jogo de pedidos e negociações com o transcendental, exigindo sua parte no momento em que participam de uma nova negociação: é recebendo que se oferecem preces e luz.

Em 1980, o jornalista Felon Almeida publica no Jornal *O Povo* reportagens sobre a transformação do cangaceiro Jararaca. Dessas matérias é publicado o livro *Jararaca: o cangaceiro que virou santo*. Felon Almeida produz um relato baseado nos clássicos livros de Leonardo Mota (*No Tempo de Lampião – 1930*), Optato Gueiros (*Lampião: memórias de um oficial ex-comandante das forças volantes – 1952*) e Nertan Macedo (*Capitão Virgulino Ferreira Lampião – 1962*). A obra mostra que as visitas ao túmulo são motivadas por devoções religiosas, fato que reforça a ideia de que as visitas aumentaram, na década de 1970, pela divulgação dos fatos de 19 junho de 1927, por consequência das festividades do cinquentenário da resistência aos cangaceiros. Isso contribuiu significativamente para aumentar as publicações sobre a trajetória de Jararaca.

Ao (re)apresentar a versão de Leonardo Mota sobre a morte de Jararaca, Felon ampliou a narrativa, com detalhes sobre o assassinato, ao comentar que

“Jararaca foi sangrado, de maneira bárbara, fria e covarde, pelo soldado João Arcanjo, um sujeito de pequena estatura e de grande perversidade,”<sup>58</sup> reforçando a ideia de que Jararaca não teve direito a defesa, nem “lhes deram tempo sequer de morrer.”<sup>59</sup> Afirma que “Jararaca foi sepultado ainda com vida,”<sup>60</sup> evidenciando que a polícia dispunha de membros que transgrediram as normas disciplinares da instituição e realizavam atitudes que os aproximavam das posturas tomadas pelos cangaceiros em suas vidas de transgressores.

Dos livros utilizados para analisar como as narrativas sobre a morte de Jararaca foram construídas, ressignificadas e como circulara pelos lugares de memória em Mossoró, o trabalho de Fenelon é o único que associou a narrativa de morte de Jararaca às memórias do jornalista Lauro da Escóssia.

Segundo Fenelon, “em conversas com o jornalista mossoroense, este garantia que não havia ódio nos gestos e nas palavras de Jararaca. Havia desprezo, isto sim, muito desprezo, não ódio.” Com esse comentário, pergunta-se: Como Jararaca poderia ter desprezo? Desprezo de quem? “Não ter ódio” pode ser entendido como estar consciente das atitudes e posturas tomadas durante sua vida de cangaceiro. Mas isso justificaria não ter ódio? Ora, isso não quer dizer que esteja arrependido do que fizera durante sua trajetória transgressora, todavia é o que se pode compreender a partir das palavras de Lauro da Escóssia (citadas por Fenelon Almeida) quando substitui o ódio por desprezo.

Esse posicionamento (também) pode ser compreendido como uma forma de retirar de Jararaca todo um estigma que carregara em sua vida de cangaceiro: cruel e frio. Essas características, que outrora estavam presentes nos escritos de Lauro, são

---

<sup>58</sup> ALMEIDA, Fenelon. **O cangaceiro que virou santo**. Recife, Editora Guararapes, 1981. p. 84.

<sup>59</sup> Ibid. p. 85.

<sup>60</sup> Ibid. p. 85.

ressignificadas na década de 1970. Suas lembranças<sup>61</sup> sobre o passado produzem, por meio do jornal *O Mossoroense*, outro olhar sobre Jararaca.

Essas obras contribuem para fomentar outras versões sobre a invasão e trajetória de Jararaca, através dos espaços que acolheram a leitura sobre o ataque e sobre a trajetória de Jararaca (bibliotecas públicas e museus). Mas esses espaços são permeados pela busca em consolidar um tipo de memória que atendesse aos interesses dos grupos dirigentes e que postulassem espaços simbólicos significativos em seus projetos para a construção de uma imagética sobre Mossoró.

A circulação dessas narrativas contribuiu para fomentar novos olhares sobre Jararaca, mas não eliminou a memória que caracteriza Jararaca como um injustiçado. Encontramos um espaço de disputas de memória: memória da resistência e memória sobre Jararaca milagreiro e que traz à luz questões ligadas ao catolicismo popular<sup>62</sup>.

Em 1996, é lançado pela Coleção Mossoroense o livro *Nas Garras de Lampião*, de Raimundo Soares de Brito, que publica o Diário do Coronel Antônio Gurgel.<sup>63</sup> São os escritos do coronel Antônio Gurgel sobre os preparativos para o ataque a Mossoró e a retirada do bando para as terras do Ceará. No tocante à morte de Jararaca, começa afirmando que “muita história fantasiosa gira por aí em torno do

---

<sup>61</sup> Pensando na relação das lembranças com o passado, David Lowenthal afirma que “as lembranças não são reflexões prontas sobre o passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta”. (LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História: trabalhos da Memória. São Paulo. n.º. 17. nov. de 1998. p. 103.

<sup>62</sup> Discutindo sobre o catolicismo popular no Brasil, Riolando Azzi defende que existem duas formas de catolicismo no Brasil: o tradicional e o renovado. Quanto ao tradicional, suas práticas estão relacionadas “às procissões, às promessas e romarias, entre outras.” (AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis, RJ. – Editora Vozes. p. 10). É nesse sentido que o catolicismo, de matriz ibérica, ao ser introduzido no Brasil, através da ação das ordens religiosas, misturou ao longo do processo de conquista espiritual com elementos-símbolo de outras práticas religiosas, dando ao cristianismo no Brasil características que diferem do catolicismo divulgado pela ordem. É nessa vasta religiosidade que foge ao controle político da Igreja Católica que se operam práticas devocionais como as que estamos pesquisando a respeito de Jararaca.

<sup>63</sup> O Coronel Raimundo Gurgel foi prisioneiro do grupo de Lampião e escreveu em seu diário os acontecimentos que marcaram a presença do grupo em Mossoró.

assunto.”<sup>64</sup>. Essas histórias, quando impressas, enalteciam a resistência mossoroense e apresentavam os desdobramentos sobre a permanência de Jararaca em Mossoró.

As publicações que citam a morte de Jararaca não acusam as autoridades políticas locais de terem participado do plano que levou à morte de Jararaca. Aliás, *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró* deixa evidente a não participação do prefeito Rodolfo Fernandes: “o prefeito soube da ocorrência, através de comentários. Jamais se imiscuía em assuntos afetos à justiça. Entretanto, reprovou o acontecimento. Matar um preso, além de grave violação às leis humanas, ofuscava o brilho da vitória.”<sup>65</sup> Assim, as autoridades ficam ilesas. A construção do herói era formulada: Rodolfo Fernandes não cedeu às pressões de Lampião; articulou a população contra os cangaceiros e organizou a resistência com a construção das trincheiras. Mesmo diante de tão perigoso inimigo, não aceitaria (é o que pode ser interpretado a partir das palavras acima citadas do livro *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*) que algo desse porte acontecesse com qualquer membro do grupo. Era a produção do herói da resistência, que surgia das grandes pilastras da vitória sobre os cangaceiros.

Rodolfo Fernandes deveria ser aclamado por todos, citado nos jornais como o articulador da resistência, político de fibra, homem público moderno, que não se aliou a política de compromissos, tão intensa naquele período, cujos protagonistas eram os coronéis, como ele. Rodolfo Fernandes fora construído por essa mídia que estava nas mãos dos Nogueiras e, posteriormente, dos Escóssias e Rosados, grupos dirigentes que controlavam a imprensa local. Construía-se a imagem do herói, o herói da resistência aos cangaceiros, em Mossoró.

Reforçando a ideia da não participação dos civis e dos políticos no plano que matou Jararaca, Raimundo Soares de Brito usa os depoimentos (feitos por Raimundo

---

<sup>64</sup> BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião**. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado, 1996. Série C. v. 910. p. 103. – Coleção Mossoroense.

<sup>65</sup> FERNANDES, op. cit. p. 240.

Nonato, em *Lampião em Mossoró*) de Pedro Sílvio de Moraes e Clóvis Marcelo de Araújo<sup>66</sup> para reafirmam que “nenhum civil participou da escabrosa operação.”<sup>67</sup>

Mantêm-se os argumentos que afirmam a não participação de civis e políticos na operação que culminou com o falecimento de Jararaca, sendo culpado o destacamento policial. Manter essa ideia no imaginário dessa cidade e fortalecer com essas afirmações o brilho dos mossoroenses em lutar pela manutenção da ordem e dos bons costumes significa reafirmar as características de cidade ordeira, pacata e de povo trabalhador, dadas a Mossoró desde o final do século XIX.

Era a imagem da “Cidade da Resistência” que afastava da maioria da população qualquer sentimento de culpa na atrocidade cometida a Jararaca. Mesmo que os posicionamentos não fossem homogêneos, essa imagética encobriria os ânimos mais radicais. No entanto, a outra imagem continuava existindo nas lembranças e nos gestos dos que faziam sua peregrinação ao cemitério São Sebastião, em busca de alguma graça ou para efetivar o pagamento de algo já conseguido.

A memória do injustiçado sobreviveu à margem de uma memória produzida e disseminada a serviço da glorificação de homens que formavam a cidade da resistência. Os fragmentos que aparecem sobre a morte de Jararaca nos livros, desde a década de 1930, são resultados das transformações e ressignificações pautadas nos interesses de manter a imagem da cidade em evidência no cenário estadual, como aconteceu nas comemorações do cinquentenário da resistência (1977).

---

<sup>66</sup> Componentes do destacamento policial de Mossoró na época da invasão.

<sup>67</sup> BRITO. op. cit. p. 108.

### 1.3. As comemorações do cinquentenário.

Em 1973, quatro anos antes do cinquentenário da invasão dos cangaceiros a Mossoró, o jornal *O Estado de São Paulo* (19 de junho), publicou a entrevista que Jararaca concedeu a Lauro da Escóssia. Nessa reportagem, o jornal paulistano comenta que na “heroica defesa da cidade é morto o bandido Colchete e gravemente ferido o lombrosiano Jararaca. Hoje, Lauro da Escóssia, agora dono do jornal *O Mossoroense*, discorda pelo menos da qualificação de lombrosiano<sup>68</sup> para Jararaca.”<sup>69</sup>.

Segundo *O Estado de São Paulo*, Lauro da Escóssia não considerava Jararaca como um lombrosiano, isto quer dizer que, para o jornalista, Jararaca não possuía caracteres inatos aos criminosos. Ao deixar de qualificar Jararaca como lombrosiano, Lauro nos remete a pensar na influência que as experiências presentes exercem nos posicionamentos e comportamentos individuais tomados dentro dos quadros referenciais do passado, sendo possível entender por que o “quadro de referências de nossas lembranças antigas, (...) se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.”<sup>70</sup>. O que esses posicionamentos significavam naquele momento para os leitores que conheciam a trajetória e as histórias de Jararaca? Desse modo, as histórias contadas sobre Jararaca reaparecem na imprensa. Duas ficaram famosas: a primeira diz respeito à pergunta de “D. Marola Silva (esposa do senhor Viriato Silva) se os vinte tantos traços que tinha na coroa de sua arma eram anotações de morte feitas pelo mesmo”. A resposta foi com ironia: “é tudo mentira, minha senhora. Eu nunca matei ninguém. E deu boa gargalhada” (entrevista concedida por Jararaca a Lauro da Escóssia e editada no

---

<sup>68</sup> O termo lombrosiano relaciona-se à Cesare Lombroso, criminologista italiano (1835-1909) que, com seus estudos de antropologia criminal, fez amplas análises sobre as características do biótipo dos criminosos.

<sup>69</sup> *O Estado de São Paulo* – 19-06-1973.

<sup>70</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29.

Jornal *O Mossoroense* em 19 de maio de 1927). A segunda história é sobre a morte de um menino que ao ser jogado para o alto foi aparado na ponta do punhal de Jararaca.

Em 1977, nos cinquenta anos da invasão dos cangaceiros a Mossoró, o Jornal *O Mossoroense* organizou a coluna “Lampião em Mossoró”, assinada por Lauro da Escóssia. Seriam organizadas dezessete reportagens sobre os acontecimentos envolvendo os cangaceiros chefiados por Lampião e os mossoroenses. A atitude do jornal faz parte da proposta dos dirigentes locais<sup>71</sup> no intuito de organizar as comemorações da vitória diante dos cangaceiros.

Assim, pensar nas comemorações da resistência aos cangaceiros, antes de tudo, era pensar nas estratégias para atrair a população a participar das comemorações. Na perspectiva de consolidar a imagem de Mossoró como “cidade da resistência” no cenário regional, a preparação das comemorações foi permeada pelas parcerias feitas entre a Prefeitura Municipal de Mossoró com a Igreja Católica e o Colégio Diocesano Santa Luzia.

Quanto à circulação das narrativas a partir do jornal *O Mossoroense* (na década de 1970), era necessário que as novas gerações conhecessem os acontecimentos que culminaram na resistência e absorvessem as narrativas do jornal como verdadeiras.<sup>72</sup> Os organizadores das comemorações utilizam o passado como forma de aproximar as pessoas dos acontecimentos do presente. O passado surgia “como meio de combate contra a amnésia colectiva, ou melhor, como forma de luta pela produção (e

---

<sup>71</sup> João Newton da Escóssia (Prefeito Municipal de Mossoró), Lauro Monte Filho, Lauro da Escóssia (Diretor do Jornal *O Mossoroense*), Júlio Rosado, Manuel Leonardo Nogueira, Dorian Jorge Freire (jornalista), Pe. Sátiro Cavalcante Dantas e Elder Heronildes da Silva (Reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte).

<sup>72</sup> Debatendo sobre essa questão, Halbwachs comenta: para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstituída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter lembrança. É preciso que essa reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. (HALBWACHS, op. cit. p. 39)

reprodução) de uma nova memória, assim elevada a uma espécie de garantia da necessária articulação entre passado, o presente e futuro.”<sup>73</sup>.

Tanto os jornais como a literatura disponível sobre a temática na década de 1970 são importantes para a massificação dessas memórias, uma vez que os jornalistas e escritores recorriam às lembranças sobre os acontecimentos de junho de 1927 como forma de escrever sobre o acontecimento.

Lauro da Escóssia seleciona lembranças da resistência. Essas lembranças circularam na cidade e influenciaram leituras, apropriações e interpretações sobre os acontecimentos que afligiram os cidadãos por conta da presença dos cangaceiros nas terras potiguares e se tornaram o padrão para a uniformização de uma memória que se propõe oficial.

As passagens lembradas pelo jornalista sobre fragmentos da vida cotidiana de Mossoró (1927) eram lançadas à população local como formas de sensibilizar os leitores sobre a importância da vitória naquele contexto e a necessidade de comemorá-la no presente. A coluna tem como função pedagógica a promoção de uma identificação histórica a partir das narrativas sobre a resistência.

Na edição de 15 de maio de 1977, os comentários foram relacionados ao cotidiano da cidade e as reações diante da possibilidade do ataque.

A vida social da cidade não vinha sofrendo solução de continuidade. Tanto que, dia 12 daquele mês, realizava o Humaitá Futebol Clube uma de suas elegantes festas dançantes na residência do Sr. Humberto de Aragão Mendes, prédio em que hoje reside a viúva do Dr. Lavoisier Maia à Rua Souza Machado, festa esta em que era exigida indumentária branca a rigor para os cavaleiros, enquanto as senhorinhas e senhoras se apresentavam com elegantes vestidos azul

---

<sup>73</sup> CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. – Fortaleza; Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005. p. 109.

e branco. E quando melhor se encontrava a festa em seu auge de animação, começaram a circular boatos alarmantes: Lampião atacou a vila de São Sebastião (hoje Governador Dix-sept Rosado), incendiando um vagão da Estrada de Ferro com algodão e depredando a estação ferroviária. O povo fugiu de suas residências, diziam os boatos, refugiando-se em sítios e matos distantes.

Estas e outras notícias haviam sido transmitidas pelo chefe da estação ferroviária daquela vila, Sr. Aristides de Freitas, que conseguiu fugir em um “trolley” nos instantes em que o bando sinistro penetrava na vila. Alguns dos participantes da imponente festa, inclusive os diretores daquele clube esportivo procuraram dissuadir os alarmes, enquanto pais de famílias já se mobilizavam em busca de suas filhas para a retirada da cidade. O apito da locomotiva da ferrovia suplantara o pânico dos mossoroenses. Os trens começaram a se movimentar conduzindo família e quantos quisessem fugir de Mossoró para Areia Branca.<sup>74</sup>

A referência às festas dançantes organizadas pelo Clube Humaitá<sup>75</sup> é utilizada por Lauro como forma de causar impactos nos leitores da década de 1970 sobre as consequências da invasão nos ânimos dos mossoroense. A persistência em demarcar os espaços onde ocorriam esses eventos que congregavam parte dos potentados da cidade, e sua preocupação em apresentar esses espaços no presente, demonstra a busca em aproximar os lugares da cidade nos anos de 1920 aos lugares da cidade nos anos de 1970. Essa produção e elucidação dos antigos e novos espaços da cidade pela coluna visam a aproximar as experiências da população desse período com os lugares que serviram como referências, e que ficaram na memória do jornalista. Lauro utilizava momentos marcantes para sensibilizar os contemporâneos sobre os

---

<sup>74</sup> O Mossoroense – 15-05-1977.

<sup>75</sup> Para Geraldo Maia, a história do futebol em Mossoró começa oficialmente em 14 de outubro de 1919, quando é criado o Humaitá Futebol Clube, no dizer da época “o primeiro grêmio esportivo da cidade”. Tudo começou num encontro que teve lugar no sítio “Canto”, de propriedade do farmacêutico Jerônimo Rosado, que reuniu os senhores Lauro da Escóssia, João Batista de Oliveira e José Hemetério Leite. (<http://www2.uol.com.br/omossoroense/050210/conteúdo/artigo.htm>) acessado em 01-02-2010.

acontecimentos de 1927 e achava por bem publicizá-los por conta da necessidade de certos episódios relacionados à resistência serem lembrados.<sup>76</sup>

No terceiro artigo da coluna, intitulado “Dia D”, são narrados os principais momentos e detalhes da resistência:

Lampião penetrou com um grupo no prédio da União dos Artistas fazendo cerrado tiroteio entre a trincheira da Estrada de Ferro, onde estavam Saboinha, muitos funcionários da ferrovia e outros defensores. Outro grupo chefiado por Sabino, lugar tenente de Lampião e do qual faziam parte Jararaca, Colchete e vários bandidos, passou a guerrear nas imediações da residência do prefeito Rodolfo Fernandes, na Avenida Alberto Maranhão. Este grupo ficou na mira dos fuzis dos que estavam na torre de São Vicente, de onde partiram, ao que se admite, os projéteis que mataram Colchete com profundo ferimento sobre o olho esquerdo, arrancando-lhe parte do cérebro, isto na esquina da residência do Sr. Antonio Ferreira Neto, e feriram gravemente ao seu companheiro Jararaca, com um tiro no peito, alcançando-lhe o pulmão, quando este procurava “desarvorar” aquele seu colega abrindo-lhe a camisa e retirando-lhe seus pertences e armas. Jararaca foi ainda atingido por uma segunda bala que se alojou numa de suas pernas. Jararaca, de punhal na mão, quis romper a fuzilaria que vinha do parapeito da casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, procurando transpor os fardos de algodão defronte aquela residência, para uma luta corpo a corpo com os defensores da cidade. Não conseguiu e já de regresso desse frustrado intento foi atingido mortalmente.<sup>77</sup>

Os detalhes que o jornalista apresenta são impressionantes e dão uma noção de como a resistência aconteceu. Os cangaceiros não esperavam tal resistência e não

---

<sup>76</sup> Para Paul Ricoeur “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos a lembrança.” (RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p. 26). O que estava sendo publicado em *O Mossoroense* eram reportagens da década de 1920 (memória), mas entrelaçadas de lembranças de Lauro da Escóssia a partir de suas experiências e percepções sobre o passado.

<sup>77</sup> O Mossoroense – 17-05-1977.

conheciam a área urbana da cidade. As ruas citadas, os posicionamentos estratégicos dos mossoroenses e os lugares que os cangaceiros estavam dão a entender que Lauro presenciou tudo de um lugar especial, mas era preciso construir esses lugares, esses momentos, pois a narrativa apresenta o passado e as peculiaridades referentes a ele como recurso de aproximar os leitores da memória sobre a cidade.

Quanto a Jararaca, o jornalista começa narrando as ações do cangaceiro para despojar<sup>78</sup> o companheiro Colchete (morto em combate). Mesmo ferido, Jararaca tentou realizar o trabalho de abrir a trincheira para os outros, mas não obteve sucesso, devido aos graves ferimentos saiu “rastejando na escuridão da noite até atingir a via férrea,”<sup>79</sup> onde conseguiu se esconder.

Nota-se que as narrativas (por serem sequenciais) criam expectativas sobre os próximos temas. Isso empolgava a leitura de cada texto e deixava curiosidade sobre os seguintes. A narrativa sobre Jararaca vai ganhando sentido na medida em que trazem os novos posicionamentos de Lauro da Escóssia a respeito de Jararaca.

As atitudes de Lauro da Escóssia em ressignificar acontecimentos relacionados à resistência mossoroense, colocando Jararaca nas narrativas das comemorações do cinquentenário como cangaceiro, é pensar no outro (o cangaceiro Jararaca) quando o outro não existe. Jararaca não é mais o perigoso cangaceiro, mas uma imagem que remete a lembrança do cangaceiro como cruel ou como homem que foi morto sem direito a defesa (mal morrer), um injustiçado. Para termos noção dessa situação, no dia 25 de maio de 1977, a coluna “Lampião em Mossoró” cita detalhes sobre a morte de Jararaca e sobre as “constantes romarias de fiéis que fazem preces e pedem sua intercessão.” Além disso, pergunta ao leitor: estaria Jararaca salvo?<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> Era uma prática no cangaço despojar o companheiro que estava morto. Primeiro para que a polícia não conhecesse a identidade do bandido, segundo para retirar do morto os seus pertences.

<sup>79</sup> O Mossoroense – 18-05-1977.

<sup>80</sup> O Mossoroense – 25/05/1977.

Ao lançar questionamentos sobre as peculiaridades da trajetória de Jararaca em Mossoró, *O Mossoroense* contribuía para fomentar as discussões nos espaços da cidade, mesmo porque os artigos da coluna continuariam divulgando que Jararaca “sob algemas e ainda vivo foi jogado na cova em que ainda permanece levando consigo um rol de atrocidades cometidas na vida do cangaço.”<sup>81</sup>. Essas matérias forneciam o material necessário para a realização das atividades artísticas nas escolas como precursoras dos espetáculos que seriam organizados pelo poder público, porque debateriam sobre as reportagens que estavam sendo veiculadas nos jornais e nos livros publicados sobre a temática. As narrativas sobre o cangaceiro chegavam aos estudantes através do teatro, música, literatura e das memórias das famílias que produziram uma memória sobre o acontecimento.

As encenações teatrais e o vestibular da canção (curso de música, organizado no Colégio Diocesano Santa Luzia) abordavam a temática da invasão de Lampião a Mossoró (era inevitável falar de Jararaca). Do Colégio Diocesano ao pátio da Igreja, as encenações ganharam a rua e para comemorar a resistência, para constituir uma memória oficial sobre os acontecimentos de 1927.

As comemorações do cinquentenário motivaram os jornais do Estado a exaltar a resistência, com a publicação de sucessivas edições sobre a “audaciosa investida do terrível chefe do cangaço, além de realçar a bravura do povo mossoroense de pegar em armas para repelir, como fez tamanha afronta a sua soberania.”<sup>82</sup>

A proposta era divulgar o que estivesse disponível nas mãos dos organizadores, como os escritos de Padre Mota sobre Jararaca,<sup>83</sup> e refutar o que fosse contrário à comemoração, como o posicionamento do jornalista Woden Madruga, ao

---

<sup>81</sup> O Mossoroense – 08-06-1977.

<sup>82</sup> O Mossoroense – 26-05-1977.

<sup>83</sup> Segundo Padre Mota, Jararaca, ao ser “denunciado, foi preso no dia seguinte e confessado, foi justificado dias depois”. (Livro de Tombo da Paróquia de Santa Luzia – fl. 51. 1927).

dizer que “esse negócio de Lampião em Mossoró está ficando chato. Já era chato. Está ficando mais.”<sup>84</sup>. Em resposta, Jaime Hipólito Dantas (também jornalista) conclama: “Mossoroenses de 1977, uni-vos e não leiais, nunca mais, o natalense Woden Madruga.”<sup>85</sup>. A resposta nos moldes propostos pela comemoração, isto é, como busca pela identidade local, momento em que a população da cidade se identificaria pelo passado.

Os festejos do cinquentenário da invasão dos cangaceiros a Mossoró deixaram visíveis as intenções das autoridades locais e estaduais em promover o desenvolvimento do turismo. Isso era possível porque o popular passou a ser visto como algo exótico e que poderia ser apresentado como forma de mercadoria. Sobre essa questão, Ana Amélia Rodrigues de Oliveira afirma que, desde os anos de 1920, os intelectuais estavam interessados pelas pesquisas sobre a cultura popular e que a luta para o reconhecimento dos estudos folclóricos era uma preocupação de intelectuais, como “Amadeu Amaral, Mário de Andrade, Câmara Cascudo e outros.”<sup>86</sup>

Para se ter uma ideia das preocupações dos folcloristas em estudar o que chamavam de popular, Câmara Cascudo, ao escrever *Flor dos Romances Trágicos*, procurou imprimir novos rumos aos estudos folclóricos relacionados à temática do cangaço. Seus estudos sobre Lampião e Jararaca, principalmente pela literatura de cordel e das análises de folcloristas, como Leonardo Mota, ajuda-nos a entender a transformação do cangaço e do cangaceiro na perspectiva dos estudos folclóricos. Lampião, por exemplo, deixou de ser caso de polícia e passou a ser um caso folclórico. Isso nos faz entender por que a cultura popular deveria ser “censurada para ser estuda”<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> Tribuna do Norte (Natal, 07-06-1977).

<sup>85</sup> O Mossoroense – 08-06-1977.

<sup>86</sup> OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, Separar, Mostrar – memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)**. – Fortaleza: UFC, 2008. p. 135. (Dissertação de Mestrado.)

<sup>87</sup> CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**; tradução de Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 55. – (Coleção Travessia do Século).

e, posteriormente, utilizada como mercadoria dentro da lógica do turismo. É o que se percebe na fabricação de objetos (pinturas e imagens de cangaceiros feitas em cerâmica), que lotam as lojinhas dos memoriais e museus.

Nessas circunstâncias, é possível pensarmos que os usos do passado, além de variarem temporalmente, apontam-nos (no caso do popular) um uso pautado em uma estratégia: o Estado em querer, na construção de uma comemoração, produzir uma memória oficial sobre o acontecimento e ao mesmo tempo propor políticas para o incremento do turismo.

O objetivo era divulgar, em todo o Estado, as comemorações, lançando-as no calendário cívico municipal. As comemorações foram realizadas entre os dias 07 e 13 de junho e propunham, além da consolidação da “cidade da resistência”, o fomento do turismo, como bem mostrou o artigo “Lampião e o nascente turismo em Mossoró”, onde Júlio Rosado defende a necessidade de viabilização e expansão do folclore na cidade, alegando que as parcerias montadas com as universidades (UFRN/URRN), instituições culturais (GAM/Fundação José Augusto) e profissionais ligados à cultura popular (como Veríssimo de Melo e Tarcísio Gurgel) se constituem em “esforço dos mossoroenses através de suas entidades representativas, em que se destaca a Assessoria de Turismo Municipal, dirigida pelo teatrólogo Lauro Monte Filho, para que a alternativa do desenvolvimento pelo turismo seja implantada também.”<sup>88</sup>. Como se percebe pelo artigo acima citado, a preocupação com o turismo estava na pauta do governo de Tarcísio Maia (1975-1979) e, entre as formas de viabilizá-lo, enquanto atividade econômica estava a utilização do passado por meio da realização de comemorações. Assim, a luta contra os cangaceiros em Mossoró era apontada como um

---

<sup>88</sup> O Mossoroense – 11-06-1977.

acontecimento da história da cidade que contemplava a proposta de desenvolvimento turístico.

Foi com essas iniciativas que as comemorações seriam associadas ao turismo e viabilizaria a política dos espetáculos em Mossoró. Dessa maneira, as comemorações (como o cinquentenário) instituíam festas, calendário cívico e presentificavam o passado conforme interesses das autoridades locais.

*O Mossoroense* foi o responsável pela cobertura completa do evento. A programação era divulgada diariamente e contava com atividades musicais e teatrais sobre a temática do evento. A presença das autoridades estaduais (governador e secretários de Estado) foi uma tônica durante a semana, prova de que as autoridades locais articularam essas presenças com o objetivo de dar consistência política ao evento, e demonstrar a viabilidade do turismo na cidade.

Observando a “Programação Comemorativa ao Cinquentenário da Resistência Cívica da Cidade de Mossoró ao Bando de Lampião,” percebe-se que, desde a abertura, no dia 07 de junho até o dia 13, as atividades e realizações culturais existentes estavam pautadas em celebrar a importância da resistência aos cangaceiros como uma forma de reforçar as atividades turísticas da cidade.

Entre as atividades culturais da semana, estava o lançamento do livro *Cangaço, Recordações do Ataque*, de Gilbamar de Carvalho, no qual apresentava os caminhos dos cangaceiros até a invasão a Mossoró, bem como as lembranças dos contemporâneos sobre a resistência. Também na programação, estava a apresentação dos cantores José Alves e Antônio Dias, patrocinados pela Fundação José Augusto<sup>89</sup>; do Grupo Folclórico Boi Calenba, do Xaxado da Paraíba, patrocinado pela EMPROTURN; os concursos de música, organizados no Colégio Diocesano Santa Luzia; a exposição do

---

<sup>89</sup> A Fundação José Augusto Severo foi criada em 1963. Mantida pelo governo do Rio Grande do Norte, essa fundação “busca estimular, desenvolver, difundir as atividades culturais do Estado, bem como as manifestações de cultura popular.” [http://fja.rn.gov.br/fja\\_site/index.asp](http://fja.rn.gov.br/fja_site/index.asp) – acesso em 17-012-2010.

desenhista natalense Eliphos Levi Bulhões, na Galeria de Arte Mossoroense, do jornal “O Mossoroense”, promoção da Universidade Federal do RN, Universidade Regional do RN e Prefeitura Municipal de Mossoró; a 1ª Apresentação do Espetáculo da Resistência, original de Tarcísio Gurgel, direção de Carlos Furtado, promoção do Centro Mossoroense Esportivo e Cultural de Natal; e o debate sobre a Invasão de Lampião a Mossoró, cujo debatedor foi o professor Raimundo Nonato da Silva.

O dia 13 de junho de 1977 começou com uma Alvorada, realizada pelas Bandas de Música Municipal e da Polícia Militar. Às oito horas, Padre Sátiro Cavalcanti Dantas celebrou, na Capela de São Vicente, uma missa em Ação de Graças. Às nove horas, houve visita, com aposição de flores, ao túmulo do Cel. Rodolfo Fernandes, com toque de Silêncio pelo Corneteiro da Polícia Militar. Encerrando os festejos, aconteceu uma Sessão Magna, com entrega de “Medalha da Resistência” pelo Prefeito João Newton da Escóssia e o Governador Tarcísio Maia, e apresentação do Espetáculo da Resistência.

Em mensagem à população, o prefeito João Newton da Escóssia esclarece os motivos que levaram a organizar as comemorações:

Quando nos propusemos a elaborar um programa para as comemorações do cinquentenário da resistência cívica deste município ao bando de “Lampião”, fizemo-lo com o propósito de enaltecer a cultura àqueles homens que arvoraram na bravura do civismo.

Entendemos que é no culto dos espíritos fortes, provados pelos embates da vida, que nos elevaremos à mesma grandeza de combatermos, quer seja contra a violência dos que nada têm a perder, e sim a destruir, quer seja para construirmos o futuro do indivíduo, da família e da comunidade.

É-nos grato, por dever e elevada compreensão, destacar, nestas comemorações, a figura ímpar de Rodolfo Fernandes. Àqueles que se

somaram ao grande prefeito de 1927, na luta contra o chamado “rei do cangaço”, e que já faleceram, nossa homenagem póstuma. Aos que ainda vivem, nossa admiração e gratidão. Àqueles que hoje se doam à preservação da paz do povo, à participação dos programas de governo e à comunhão de sentimentos nobres e ações eficazes, nosso maior incentivo e apoio.<sup>90</sup>

Com esse discurso, o prefeito João Newton abre as comemorações, exaltando a importância dos resistentes e seus compromissos pelo bem da comunidade. Congratular os vivos e rememorar os mortos aparece como forma de efetuar a construção de um ritual cívico que transforma a cidade em espaço propício a uma memória oficial sobre a resistência. Ligar o presente ao passado como forma de identificar a cidade como lugar dos mais altos valores pregados pelo bem comum remete à imagética que, desde o século XIX, foi produzida sobre Mossoró como uma cidade rica e pacata. Esse discurso omite todos os conflitos existentes na cidade, deixando na penumbra das páginas dos jornais e das comemorações do cinquentenário as diferentes formas de vivenciar e apropriar as narrativas circulantes sobre os acontecimentos de 1927.

A cidade, que qualifica Jararaca como milagreiro, é diferente daquela das comemorações, que organiza a “visita, com aposição de flores, ao túmulo do Cel. Rodolfo Fernandes,<sup>91</sup> e prepara um “toque de silêncio”<sup>92</sup> diante de seu jazigo, como forma de prestar homenagem pelo ato de resistir.

Observa-se que, nos primeiros dias de comemoração, as atividades estavam voltadas às “manifestações culturais locais” (cantadores de repentes, produções musicais pautadas na temática do cangaço e as danças folclóricas regionais) e as

---

<sup>90</sup> Mensagem do prefeito João Newton da Escóssia na Solenidade de Abertura da Semana Comemorativa do Cinquentenário da Resistência Mossoroense ao Bando de Lampião – O Mossoroense – 12/13-06-1977.

<sup>91</sup> NONATO, op. cit. p. 374

<sup>92</sup> Ibid. p. 374.

produções intelectuais presentes nos concursos de poesia, música do Colégio Diocesano e encenações da invasão dos cangaceiros à cidade de Mossoró. Essas atividades mobilizavam os alunos e seus familiares em encontros festivos no interior do Colégio. Essas encenações simulavam a resistência a partir das narrativas dos livros publicados sobre o assunto (*Lampião em Mossoró* – 1953, de Raimundo Nonato; *Flor de Romances Trágicos* – 1966, de Câmara Cascudo e *Lampião, Cangaço e Nordeste* – 1970, de Aglae de Oliveira). Nessas apresentações, eram montados os cenários no auditório do Colégio Diocesano, e os alunos representavam as personagens envolvidas na trama.

Um dos organizadores dessas comemorações foi Padre Sátiro Cavalcante que nessa época era o diretor do Colégio Diocesano e Capelão da Igreja de São Vicente. Pe. Sátiro nos apresenta pontos relevantes dessas comemorações na construção da memória sobre Jararaca.

Quando Mossoró completou o primeiro centenário de município, eu disse: eu vou memorizar. Vamos materializar esse fato e fundei a Escola 13 de Junho. A Capela possuía uma casa, ali na Rua Romário (não sei o que), então eu fundei a escola que foi inaugurada no dia 31 de dezembro de 1970. No outro dia do primeiro centenário de Mossoró, e logo em 1971, ai não sei bastante, não sei se você viu no jornal referência a isso em 1971 – 72, mas também promovi um seminário sobre a entrada de Lampião. Um debate de mais de 4 horas e radiado pela emissora rural de Mossoró. Tive de trazer pessoas fidedignas, por exemplo: eu trouxe o Dr. Abel. Dr. Abel era o promotor da época, quando escreveu o bilhete a Lampião. Então, ele contou todo aquele fato que você conhece muito bem – o bilhete. Tava presente também o Sr. Tertuares. Tertuares era uma reserva moral de Mossoró. Era o venerável da Loja Maçônica 24 de junho, a mais antiga loja de Mossoró e também muitas outras pessoas, mas eu quero citar, principalmente, o cabo Batista. O cabo Batista era aposentado e

estava bem velho. Ai, nessa época, ele narrou de uma maneira bem minuciosa como foi o enterro de Jararaca. Ele contou como Jararaca foi preso, como você conhece muito bem aquela entrevista de Lauro da Escóssia. Uma entrevista muito complexa, onde o jornalista devido sua curiosidade não aprofundou bastante, mas de qualquer maneira, hoje é um documento histórico de muito valor. João Batista falou que estava no cemitério quando chega o sargento com um guarda trazendo Jararaca algemado e, ao entrar, Jararaca viu o cemitério e disse: vocês me enganaram macacos. Vocês me enganaram! Vocês me disseram que iriam me levar para Natal, mas vocês vão é me matar! Isso alguém, o próprio sargento, dá uma coronhada de rifle ou fuzil no crânio de Jararaca e ele desmaia. Tiram do carro e arrastam até onde estava Batista, que esperava com outro. A cova já estava cavada. Ai, quando eles chegam o jogam na cova. Isso tudo foi contado por Batista e pelo cabo que estava presente. Jogaram Jararaca arquejando no buraco e um dos soldados disse: homem acabe de matar!

Não se faz isso com um cristão, mas o sargento disse: cale a boca! Não diga nada! Mossoró amanheceu o dia suspeitando, mas a versão oficial era que tinham levado para Natal. Isso despertou a curiosidade da população: levaram pra Natal ou mataram e enterraram? A população fez fila para visitar Jararaca na cadeia. A fila chegava longe. Tem até um fato interessante que o pai de Rafael Negreiros, Manuel Negreiros. Este chegou e disse: cangaceiro felá da puta... pra lá... não sei o que mais... não sei o que mais. Então Jararaca disse: o senhor não tem vergonha de insultar um homem algemado, seu covarde. O bicho era valente mesmo (risos)! Eram essas coisinhas que a população passou de ouvido a ouvido. Então, diz João Batista que ele foi enterrado vivo e arquejando. Ai a cova ficou conhecida. A população descobriu que ele não foi levado para Natal. Como é uma tendência popular ficar sempre do lado da vítima, desde então, a população ficou a favor de Jararaca. Ai você pergunta: e Colchete? Porque Colchete também não ficou assim? A bem da verdade ninguém sabe qual foi o túmulo de Colchete e porque houve a ausência desse conhecimento? Não houve paixão do povo.

Compaixão do povo só Jararaca, que foi realmente arrastado e caluniado. E teve essa morte, assim fria, né.<sup>93</sup>

Padre Sátiro fez um apanhado de suas principais realizações como diretor e Capelão da Igreja de São Vicente, bem como se coloca como um dos idealizadores desses marcos comemorativos. A partir de seu lugar social, constrói sua narrativa sobre seus feitos, enquanto padre e diretor do Colégio Diocesano, bem como mostra o quanto sua fala é construída com dados dos sujeitos que estiveram presentes no desfecho que levou a morte de Jararaca. Percebe-se que o eixo narrativo e as memórias de Pe. Sátiro sobre Jararaca surgiram a partir dos mesmos referenciais utilizados pelos memorialistas (Leonardo Mota, Raimundo Nonato e Raul Fernandes): as lembranças<sup>94</sup> dos que estiveram presentes no cemitério ou que foram contemporâneos do acontecimento, sendo os referenciais temporais presentes em seu relato, marcados por uma cronologia (comemoração do centenário da cidade de Mossoró e do cinquentenário da invasão de Lampião, ambos respectivamente em 1970 e 1977) que apresenta “diferentes dimensões do tempo, e constituem a dinâmica das trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos da história. São os chamados tempos vivos, que comportam em si referenciais identitários”<sup>95</sup> que ao serem lembrados, durante a produção dos documentos orais, expõem as experiências dos sujeitos no ato de lembrar, por meio de “referências documentais, que auxiliam a expressão das lembranças. São os chamados documentos

---

<sup>93</sup> DANTAS, Sátiro Cavalcante. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, localizado a Praça Dom João Costa, nº 511, no Bairro Santo Antônio – Mossoró-RN. No dia 22/07/2009.

<sup>94</sup> Para uma definição entre lembrança e memória, Astor Antônio Diehl defende que as lembranças podem ser apresentadas “como rastros e restos de experiências perdidas no tempo, como pegadas do passado, praticamente impossíveis de serem atualizadas historicamente. E quando, essas lembranças são atualizadas, correm o risco de ser idealizações de vivências, podendo até mesmo ser ponto de referência para romantizar o passado. (...) Já a memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente.” (DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação.** –Bauru, SP: EDUSC, 2002.p. 115-116).

<sup>95</sup> DELGADO, op. citp. 46.

significativos, que , muitas vezes, funcionam como ancoras no decorrer do processo narrativo.”<sup>96</sup>

Sua fala vai além das comemorações, pois narra a partir da lembrança das histórias do cabo Batista,<sup>97</sup> os detalhes da execução de Jararaca, como a população ficou sabendo da história e como construiu uma devoção em torno do túmulo de Jararaca. Enquanto padre, Sátiro evidencia as precauções que a Igreja mantém com esse tipo de devoção popular, porém busca para tal, uma justificativa ao afirmar que o “povo fica do lado da vítima” e comenta a importância do túmulo na construção dessa devoção, uma vez que o mesmo fenômeno não acontece com o cangaceiro Colchete por conta da não existência de uma marcação sepulcral, fato que reforça a importância do túmulo como lugar dos mortos e ponto de convergência entre o tempo sagrado e o mundo dos vivos.

Outro relato interessante é o de Raimunda Almeida, professora de história do Colégio Diocesano e organizadora de atividades escolares alusivas à invasão.

Um dos temas foi o Nordeste, dentro do Nordeste estava Lampião. Eu não tenho nenhuma cópia (das músicas) no momento, porque os meninos foram voltando e eu fui entregando, e infelizmente eu não guardei. Mas era a criatividade e o conhecimento da família que faziam com que o grupo realçasse as canções.<sup>98</sup>

Lampião surge, na fala de Raimunda Almeida, como um sujeito constituinte do que se convém chamar de Nordeste. Para Durval Muniz de Albuquerque, o Nordeste

---

<sup>96</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>97</sup> O Cabo Batista que Padre Sávio se refere, era o soldado João Batista do Nascimento que participou da operação que supostamente levaria Jararaca para Natal. Ele foi entrevistado por Raul Fernandes em 25 de dezembro de 1971.

<sup>98</sup> ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró, no dia 10/08/2009. Nota-se que o conhecimento das famílias era importante não só para a produção das músicas, mas para consolidar na memória dos jovens certas narrativas que circulavam no seu espaço familiar. Eram memórias que circulavam nas conversas entre idosos e os mais jovens, muitas vezes contadas a partir das ações de certo membro da família que participou da resistência. Essa memória de família aparece nesses concursos musicais e fazem parte das comemorações como uma força muito grande, uma vez que os festivais musicais eram acompanhados das apresentações teatrais.

é uma “invenção imagético-discursiva”<sup>99</sup>, construída em cima de um discurso regionalista e da constituição de tipos sociológicos, como o vaqueiro, o beato e o cangaceiro.

Em *A Invenção do Nordeste e outras artes*, o autor faz uma análise da construção do Nordeste como um discurso promovido pelas elites do final do século XIX, como forma de manutenção do poder em relação à emergência de outros centros de poder, basicamente no sul do país. Sua análise parte da construção de um discurso produzido a partir dos intelectuais que utilizaram a seca, o banditismo e o messianismo como fatores importantes para a “construção de um espaço fechado de poder, uma região capaz de garantir a manutenção da mesma hierarquia de poderes, bem como a dominação tradicional.”<sup>100</sup> Foi caracterizando o Nordeste como pobre, violento e fanático que alguns intelectuais do final do XIX e início do século XX promoveram a emergência de uma imagem do Nordeste. Mas esse Nordeste construído pela literatura e outras artes (música e pintura) também chega às camadas populares por meio da literatura de cordel, uma vez que o discurso do cordel é um “difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste.”<sup>101</sup>

A consolidação desse Nordeste rústico é de grande importância para a apropriação de seus sujeitos por parte do folclore. A professora Raimunda Almeida utiliza o tema Nordeste, porque este já se constitui, quando se olham os movimentos, como cangaço e beatismo, como um “espaço mítico”<sup>102</sup> e objeto de estudos dos folcloristas.

Se a escolha do tema era abrangente, o refinamento da temática se aproximava das memórias das famílias a respeito do ataque do bando de Lampião. No

---

<sup>99</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. – 2. Ed. – Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001. p. 49.

<sup>100</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, op. cit. p. 71.

<sup>101</sup> Ibid. p. 113

<sup>102</sup> Ibid. p. 117.

entanto, como expressou a professora Raimunda Almeida, o conteúdo das canções era resultado dessas memórias, que poderiam ser passadas pelos mais velhos aos jovens como forma de se manterem, no seio da família, as memórias dos participantes da resistência, ou como interpretação das leituras feitas dos trabalhos que versam sobre a invasão, como os livros de Raimundo Nonato e de Raul Fernandes. Estas obras foram as que mais circularam nas bibliotecas públicas e no Colégio Diocesano, sendo acessíveis aos jovens que frequentavam esses espaços.

Quanto às encenações, faziam parte das atividades programadas na disciplina de História e ganhou espaço nas comemorações do cinquentenário como espetáculo público realizado no adro da Igreja de São Vicente. De atividades pedagógicas a apresentações oficiais, essa trajetória permitiu aos trabalhos dos alunos do Diocesano um público maior e eclético.

Inseridos em uma programação que propunha enaltecer a imagem da resistência e de seus heróis, através das narrativas do passado glorioso de Mossoró, as atividades escolares interessavam aos organizadores, pois continham memórias que trafegavam o interior dos lares das famílias mossoroenses. Segundo Raimunda Almeida, “era o ensino médio que organizava. O bando entrou na capelinha do Colégio. Nós levamos esse bando lá pra Igreja de São Vicente. Foi muito interessante, lá no patamar.”<sup>103</sup> Foi interessante porque a atividade escolar ganhou aspecto de espetáculo que deveria emocionar e renovar a imagem da resistência heroica. Inseriam o espetáculo teatral como forma de aproximação do passado com o presente, como imagem que motivasse a inserção de Mossoró como cidade que valoriza a cultura e comemora as vitórias de seus homens e seus feitos gloriosos.

---

<sup>103</sup> ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró no dia 10/08/2009.

**Foto 01:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

Aviso que o bando de cangaceiros estava chegando a Mossoró



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

**Foto 02:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

Organização da Resistência.



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

**Foto 03:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

A entrada dos cangaceiros em Mossoró.



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

**Foto 04:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

O ataque a Mossoró.



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

**Foto 05:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

Cangaceiro Jararaca baleado



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

**Foto 06:** Encenação da Invasão de Lampião a Mossoró (1977).

Elenco



**Fonte:** Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

As encenações apresentavam desde a troca de bilhetes até o combate. Ao comentar sobre a distribuição dos personagens entre os alunos, Raimunda Almeida afirma que:

Não tinha nenhum homem que quisesse ser Jararaca. Foi uma mulher que teve que ir. Uma menina, Meire. Ela foi a única que foi ser Jararaca, porque os meninos não queriam morrer de jeito nenhum. Não queriam não, sentiam-se mal. Naquele grupo ninguém queria ser Jararaca, mas todo mundo queria ser Lampião. Porque Jararaca foi condenado. Ele foi sofrido, injustiçado. Eles consideravam Jararaca injustiçado, não tinha como se defender, Lampião podia fugir. Lampião era o herói. Ninguém queria ser Jararaca!<sup>104</sup>

O que distingue Jararaca de Lampião nessas memórias é a imagem do herói e do injustiçado. Lampião conseguiu fugir e suas histórias, muitas delas fantásticas, chegavam a esses meninos através de fragmentos do passado, expressos tanto na cantoria popular (oralidade), nos cordéis e nas memórias dos contemporâneos. Mas uma coisa distancia esses dois cangaceiros em Mossoró: a prisão e morte de Jararaca. A permanência de seu corpo na cidade fez com que sua trajetória fosse acessível a aqueles jovens, através das memórias presentes em suas famílias e por outros canais, como as obras que tratam do assunto, pelos jornais e durante o dia de finados, quando da visita a seus familiares, se defrontavam com os rumores das visitas ao túmulo de Jararaca. Sua trágica morte influenciava muito mais que sua vida de bandoleiro, nas decisões dos jovens em não querer representá-lo. Ninguém quer uma morte trágica. Se o medo da morte é uma constante, maior é do mal morrer.

A senhora Raimunda Almeida deixa entender, em suas palavras, que as preocupações dos jovens nos momentos finais dos ensaios eram prementes no que diz

---

<sup>104</sup> ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró, no dia 10/08/2009.

respeito ao confronto com os cangaceiros, ocorrendo certa euforia durante a prisão de Jararaca: “nesse momento eles batiam palmas, porque Jararaca tinha sido vencido e ficavam comentando entre si como era que tinha sido mesmo?”<sup>105</sup>

Como o Colégio Diocesano de Santa Luzia tinha grande influência na educação da região Oeste do Rio Grande do Norte, “os novatos que não eram mossoroenses iam lá ao local para ver como tinha sido”<sup>106</sup> o conflito com os cangaceiros. A frequência com que as narrativas no Diocesano, sobre a invasão, eram retomadas nas aulas de campo (Igreja de São Vicente) contribuiu para a curiosidade dos alunos.

A Igreja de São Vicente, com suas torres cravadas com as balas dos cangaceiros, sobrevive às reformas como prova material do ataque. Durante as comemorações, esse espaço foi utilizado para a realização dos espetáculos artísticos e motivou os dirigentes eclesiais a incentivarem as visitas dos alunos do colégio da diocese a esse espaço. A Igreja de São Vicente sai das comemorações do cinquentenário como um espaço onde a memória do ataque cede lugar para a memória da resistência. Debater sobre as diferenças entre a memória do ataque e a construção da memória da resistência passa pelos objetivos das comemorações, que, ao propor lembrar o ataque, os jornais preparavam as festividades para a resistência. Foi isso que levou o prefeito João Newton a começar seu discurso exaltando o espírito forte dos homens que enfrentaram os cangaceiros.

A visibilidade de Mossoró como cidade turística, a partir do uso do passado necessitava, expor os sujeitos envolvidos nesses acontecimentos. Cangaceiros e mossoroenses aparecem de formas distintas: no jornal, a visibilidade é dos cangaceiros,

---

<sup>105</sup> Id.

<sup>106</sup> Ibid.

os quais tramam e realizam o ataque; nas festividades, a visibilidade passa para os “resistentes,” laureados pela memória gloriosa da vitória.

Por outro lado, as comemorações também incentivaram a produção de trabalhos como o folheto *13 de Junho de 1927*, do aluno universitário Aldivan Honorato, que começa oferecendo o trabalho “à memória de Rodolfo Fernandes e a todos os que participaram do combate de 27.”<sup>107</sup> Esse folheto é um importante documento para entendermos o acesso às leituras sobre o cangaço e à invasão dos cangaceiros a Mossoró. Logo nas primeiras páginas, Aldivan comenta: “o trabalho só foi realizado graças à pesquisa junto à Biblioteca Municipal, onde encontrei material de primeira plana, consultando livros sobre o assunto, principalmente ‘A Entrada de Lampião em Mossoró’, de autoria do professor Raimundo Nonato.”<sup>108</sup>

É peculiar como os folhetos de cordel reproduzem as narrativas constituídas pelos jornais e intelectuais a respeito dos cangaceiros em Mossoró. No folheto *13 de junho de 1927*, temos:

Jararaca ao ser preso  
E prestar depoimento  
Forneceu nomes e dados  
Sem nenhum ressentimento  
De todos os companheiros  
Do seu cruel regimento <sup>109</sup>

Nota-se que o cordel faz circular as informações expressas na entrevista feita por Lauro da Escóssia. O cordel tem importância nessa circulação por que é acessível tanto na leitura como no preço à população mais pobre. Para Durval Muniz, “o cordel

---

<sup>107</sup> HONORATO, Aldivan. **13 de Junho de 1927**. Mossoró. 1977. p. 2 – Coleção Mossoroense. Série B – Folhetos. nº 122.

<sup>108</sup> HONORATO, op. cit. p. 5

<sup>109</sup> Idem.p. 18.

produz uma realidade nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades.”<sup>110</sup>

Em outra estrofe desse cordel, verifica-se a preocupação com a data da invasão:

Assim, o 13 de junho  
Faz parte de nossa história  
Mostrando para o Nordeste  
O nosso efeito de glória  
Derrotando Lampião  
Isto eu guardo na memória.

Numa prova de amor,  
O povo se reuniu  
E aos bravos mossoroenses  
Num só bloco se uniu  
Mostrando seu patriotismo  
Ao bando repeliu<sup>111</sup>

É plausível que as produções do período das comemorações procurem dar ao dia 13 de Junho importância para a história local como forma de ressignificar os acontecimentos pretéritos e aproximá-los do tempo presente. Esses versos mostram a eficácia das datas nas comemorações, funcionando como algo que tem significado na vida social da cidade e se faz necessário na relação com o tempo presente. Dessa forma, as comemorações agem e têm valor para a constituição ou consolidação dos interesses dos organizadores em colocar em prática suas propostas para a cidade.

Nessas comemorações, heróis e bandidos aparecem, sendo que, em muitos momentos, os bandidos têm mais visibilidade que os heróis, como é o caso atual das comemorações dos 13 de Junho em Mossoró. A visibilidade de Mossoró como cidade

---

<sup>110</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, op. cit. p. 113.

<sup>111</sup> HONORATO, op. cit. p. 19.

da resistência, através de seus espetáculos, remonta a década de 1970 e só foi possível pela imagética pejorativa que os cangaceiros carregavam.

As narrativas circularam pelos jornais e ganharam forma nos cordéis e encenações do dia 13 de junho. Os resistentes foram lembrados, Rodolfo Fernandes visitado em uma cerimônia necrorromântica. Os cangaceiros tiveram caminhos diferentes: os que conseguiram evacuar da cidade continuaram sua saga pelo sertão, mas os que ficaram na cidade são exemplos das diferentes formas de comportamento do homem diante da morte. Colchete, vítima do ataque, foi sepultado e esquecido, enquanto Jararaca fora preso e julgado sumariamente em condições adversas, mas continuou na memória dos vivos.

O cinquentenário mostrou a cidade que comemora a vitória e a cidade que oferece flores e orações ao túmulo de Jararaca, personagem principal dos olhares e sensibilidades de uma religiosidade que se faz presente no cemitério e em outros lugares de memória.

## CAPÍTULO II – ENTRE O MUSEU E O MEMORIAL

A cidade contemporânea torna-se um labirinto de imagens. Ela se dá uma grafia própria, diurna e noturna, que dispõe um vocabulário de imagens sobre um novo espaço de escritura. Uma paisagem de cartazes organiza nossa realidade. É uma linguagem mural com repertório das suas felicidades próximas. Esconde edifícios onde o trabalho foi encerrado, cobre os universos fechados do cotidiano.

Michel de Certeau<sup>112</sup>

### 2.1. O Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia.

O museu é um espaço de exposição e construção de olhares sobre o passado. Lugar em que “a cultura material é elaborada, exposta, comunicada e interpretada,”<sup>113</sup> onde os objetos expostos em salas e galerias tendem a conservar o passado. No entanto, “os fragmentos do passado não podem ser vistos apenas como peças que reproduzem suas utilidades originais, mas como objetos que devem ser pensados e relacionados criticamente a outros objetos do presente.”<sup>114</sup>

Nesse aspecto, o Museu surge como espaço em construção, quer pela ação dos diretores, quanto à organização e exposição dos objetos, quer pelas atitudes dos

---

<sup>112</sup> CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**; tradução Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1995. – (Coleção Travessia do Século). p. 46.

<sup>113</sup> BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. v. 5. – jan./dez. 1997. p. 190.

<sup>114</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. N° 1. 1993. p. 213.

visitantes em relação ao que se observa. Seu o papel social não se restringe a guardião do passado, mas incita a reflexão sobre a importância social e simbólica dos objetos nas experiências e relações sociais das sociedades em que estavam inseridos. Foi nessa direção pela uniformização da história que os objetos poderiam apresentar abrangência “universal, nacional e local/regional”<sup>115</sup> e de construção de identidades.

Assim, as questões relacionadas à abrangência, à forma de organização do acervo, ao papel social do museu e sua transformação em lugar de memória fez do Museu Histórico Municipal de Mossoró um lugar de fabricação e reprodução da memória da resistência ao bando de Lampião e da trajetória de Jararaca em Mossoró.

Com a intenção de constituir espaços voltados à coleta de materiais geológicos, paleontológicos, arqueológicos e de mineralogia, pesquisadores como Câmara Cascudo e Vingt-Un Rosado demonstraram interesse em organizar museus que facilitassem a conservação dos objetos como resquícios do passado e incentivassem a pesquisa dos recursos minerais no Estado do Rio Grande do Norte.

Na edição de abril de 1950, O Boletim Bibliográfico<sup>116</sup> comenta sobre a possibilidade de organização de dois museus no Rio Grande do Norte. Cita-se a tipologia do museu e o zoneamento geográfico à sua construção.

Ocorre-nos a essa altura, repetir a valiosa sugestão de Luis da Câmara Cascudo, sobre a fundação de mais dois museus, com maior amplitude dos que estamos lembrando. O Museu de Natal e um museu na região do Seridó, que talvez pudesse se localizar em Currais Novos. O Museu de Natal preocupar-se-ia mais com as Ciências Sociais no RN. O Museu de Currais Novos se especializaria

---

<sup>115</sup> Ibidem. p. 213

<sup>116</sup> O Boletim Bibliográfico foi criado pelo Decreto nº. 04 de 05 de abril de 1948, da Prefeitura Municipal de Mossoró. Órgão de publicação mensal da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró e do Museu Municipal de Mossoró, publicava as atividades desenvolvidas na biblioteca como no museu e em seus relatórios aparecem os dados das pesquisas e visitas feitas a essas duas instituições, bem como a publicação de artigos sobre personalidades da cidade e de assuntos de interesse local como a produção de sal e os problemas sociais como a seca.

em Geologia e Mineralogia do Rio Grande do Norte. O Museu Municipal de Mossoró, em funcionamento desde 30 de setembro de 1948, preocupar-se-ia principalmente com arqueologia e paleontologia do RGN. Pois a sua Seção de Arqueologia já está reunindo mais de 1010 peças, quase todas do nosso Estado já oferecem regular material para estudo e o fato de se localizar a cidade de Mossoró na região cretacea, região mais rica em fósseis no Estado, além de sua proximidade de regiões possivelmente quaternárias, pois há informações de fósseis de mamíferos no Trapiá, Município do Assu e em São Miguel, no interior do Estado, indicaria um maior desenvolvimento para a seção de Paleontologia. A especialização não redundaria em exclusivismo. Qualquer um dos museus possuiria duplicatas ou documentário fotográfico do que tivesse os outros, e também colecionaria o que tivesse na região de interesse científico, e que não fosse da alçada os seus congêneres. Resumindo: o Museu de Mossoró procuraria se especializar cada vez mais em arqueologia e paleontologia do RGN, o Museu de Natal seria um verdadeiro Museu Social do Estado e o Museu de Currais Novos estudaria de preferência a geologia e a mineralogia da Província.<sup>117</sup>

A criação do Museu Municipal de Mossoró ocorreu a partir da fundação da Biblioteca Municipal durante a gestão de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, em 1948. Maria Lúcia Escóssia, diretora do museu desde 1984, afirma que:

O Museu nasceu com a criação da Biblioteca Municipal. O prefeito dessa época era Dix-Sept Rosado, então com a ideia de Dr. Vingt-Un Rosado, irmão de Dix-Sept, foi criada a biblioteca que funcionou no ACEU. Então, eles resolveram dividir e criar o Museu, é tanto que o Museu não tem Lei de fundação, quem tem é a Biblioteca. Ele funcionou lá até muito tempo, mas depois as coisas ficaram guardadas durante muito tempo. Em 1976 ele foi reativado e ficou ali na Rua 30 de Setembro sob a direção de Lauro da Escóssia, isso era

---

<sup>117</sup> Boletim Bibliográfico. Ano II. n.º. 23. abril de 1950. p. 07.

prefeito João Newton Escóssia. Então, o Museu ficou lá durante muito tempo até que foi criado o Centro Histórico Cultural Manoel Hemeterio e o Museu começou a funcionar nesse local.<sup>118</sup>

A necessidade de estrutura física adequada é apontada por Maria Lúcia como um dos maiores problemas. Há mais de uma década que essa instituição necessita de reforma, sendo que suas coleções estão expostas a muitos problemas característicos dos museus. Sem sede própria, tanto Museu como Biblioteca ocuparam diferentes espaços no centro da cidade, até sua transferência para o Centro Cultural Manoel Hemetério. Esse prédio fora construído em 1880 para funcionar a Cadeia Pública.

Os objetos líticos e cerâmicos são citados por Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva, como a coleção mais antiga e uma das mais expressivas do Estado.

Os artefatos desta coleção computam aquisições advindas das mesorregiões Agreste, Central, Leste e Oeste do território potiguar. A coleção é composta basicamente por duas categorias de artefatos: líticos e cerâmicos. A grande maioria dos artefatos (cerca de 95%) são líticos lascados e/ou polidos. O material polido pode ser agrupado nos seguintes conjuntos artefatuais: lâminas de machado, cunhas, cinzéis, mós, mãos de mó, almofarizes, pilões e batedores – esféricos e semi-esféricos. Nestes conjuntos sobressaem-se as lâminas de machado. No que diz respeito ainda ao material lítico polido, existe também na coleção algumas contas de colar e um tembetá (adorno labial). No que concerne aos líticos lascados, há no Lauro da Escóssia a maior coleção de pontas de projeteis do estado. De fato, a menor quantidade de peças na coleção arqueológica do Museu Histórico Lauro da Escóssia fica por conta das cerâmicas, são cinco cachimbos, ou mais precisamente cinco forninhos de cachimbo que apresentam

---

<sup>118</sup> CASTRO, Maria Lúcia da Escóssia de. 82 anos, diretora do Museu Histórico Lauro da Escóssia, desde 1984. Entrevista realizada no dia 23 de dezembro de 2010 em sua residência localizada no Centro da cidade de Mossoró.

decoração incisa e excisa, havendo em um dos artefatos a elaboração de motivos geométricos em uma das superfícies.<sup>119</sup>

Além dessa coleção, o Museu Lauro da Escóssia possui os exemplares dos jornais *O Mossoroense* (a documentação possui exemplares do jornal desde sua fundação em 1872), *O Nordeste* e o *Correio do Povo* (ambos circularam nos anos de 1920, mas os exemplares são reduzidos e poucos foram conservados). Apesar dos exemplares mais antigos se encontrarem deteriorados e de difícil leitura, essa documentação é importante, pois esses jornais citam e mapeiam a trajetória dos cangaceiros na zona oeste do Rio Grande do Norte. Outros documentos, como as fotografias de cangaceiros e dos habitantes de Mossoró entre 1920 a 1960 estão presentes nos arquivos doados pela família do fotógrafo Manoelito.<sup>120</sup> Há também as armas deixadas por cangaceiros e resistentes durante e após o combate de 13 de junho de 1927.

Esse acervo é composto pelo jornal *O Mossoroense*. Esse jornal foi vendido em 1975, mais ou menos, ai Lauro da Escóssia trouxe todos esses jornais pra cá. Nós temos desde o primeiro número, de 1872. Esses jornais servem muito para os universitários, são bem conservados. Aqui eles vêm e procuram *O Mossoroense*, pois não circulou diretamente. É o terceiro jornal mais antigo do Brasil ainda em circulação. Ele saiu de circulação em algumas épocas por questões políticas, por questões econômicas, mas são 38 anos que o jornal circula aqui em Mossoró.

---

<sup>119</sup> SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **A "Estratigrafia do Abandono" em dois museus públicos potiguares. O Público e o privado** - nº. 12 - Julho/Dezembro – 2008. p. 64

<sup>120</sup> Manuelito Pereira dos Santos Magalhães Benigno nasceu em Fortaleza-Ce em 1910 e faleceu em Mossoró em 1980. Quando chegou em 1933, “a cidade não dispunha de fotógrafo e, por isso, veio de Fortaleza a pedido da família Escóssia para trabalhar na Foto Escóssia, que ficava na Praça Rodolfo Fernandes e pertencia a Augusto da Escóssia.” (**Jornal de Fato, Caderno Domingo**, 15 de agosto de 2010. p. 09). O acervo de Manuelito está arquivado no Museu Lauro da Escóssia e dispõe de cerca de 50 mil fotos entre positivos e negativos.

Nós temos os jornais O Mossoroense, mas do cangaço nós temos pouco, como os estilhaços de bala que foi doado depois que foram fazer um serviço na Capela, encontraram os estilhaços de bala, aí trouxeram pra cá e temos também o acervo de Manoelito. Ele chegou aqui em 1933 e quando ele faleceu a família dele fez uma doação muito grande do acervo de seu Manoelito, nós temos aproximadamente 10 mil fotografias e uns quarenta mil negativos. As fotografias nós começamos a identificar. Como é gente do meu tempo, nós começamos a identificá-las. Tem muita foto identificada e muita gente procura essas fotos aqui.<sup>121</sup>

Maria Lúcia Escóssia cita a importância de Lauro da Escóssia para a composição de outro corpus documental para o museu: os exemplares do jornal *O Mossoroense* que ampliaria a tipologia das fontes do acervo. Aos poucos, o que era para ser um museu voltado para arqueologia e paleontologia ganha outra forma com a chegada de Lauro da Escóssia e do acervo do seu antigo jornal.

Essa nova documentação mudou paulatinamente o foco de atuação do museu e as visitas, pois a documentação jornalística serviu como forma de divulgar, por meio da comunidade estudantil que frequentava o museu, a invasão dos cangaceiros em 1927 e, com ela, toda uma série de acontecimentos, como a resistência dos mossoroenses, a prisão de Jararaca, sua entrevista a Lauro da Escóssia e os objetos deixados durante o combate.

O museu passava a ser o guardião da documentação que citava esse fato, e seus funcionários se preparavam para divulgá-la à sociedade mossoroense, através dos estudantes que visitavam a instituição. Foi montada uma estrutura para se constituir uma memória sobre a resistência ao bando de Lampião bem como a própria permanência de Lauro como o principal articulador dessa narrativa memorável.

---

<sup>121</sup> CASTRO, Maria Lúcia da Escóssia de. Entrevista realizada em 23/12/2010.

Antônio Filemon Rodrigues Pimenta começou a trabalhar no Museu Municipal de Mossoró em 1978. Em seu relato, expõe uma profunda admiração a Lauro da Escóssia:

Eu tive o privilégio de trabalhar com ele, logo quando eu cheguei ao museu. Nesse tempo seu Lauro era diretor do Museu, jornalista, repórter, tudo isso. Ele até gráfico foi no jornal *O Mossoroense*. Então, devido a essa atividade no jornal *O Mossoroense*, e como o Museu necessitava de um diretor que gostasse de cultura, que entendesse de cultura e que fosse ligado à cultura mossoroense, o prefeito Dix-Huit Rosado o convidou para ser diretor do Museu Municipal. Evidentemente, como ex-diretor de *O Mossoroense* levou todos os arquivos de *O Mossoroense* para o museu, inclusive ainda tem esse acervo. Nem o jornal *O Mossoroense* tem o acervo que existe no Museu Histórico Lauro da Escóssia. Esse acervo serve para as visitas. De primeiro a gente recebia muitas escolas, principalmente municipais, que agendavam as visitas ao museu. Minha preparação, quando eu trabalhava lá no museu, era escrever e esperar os alunos lá no museu. Não só mostrava os objetos, como muitas vezes a gente levava os estudantes para uma sala e dava palestras pra eles. E depois, com o museu já ficando precário, a direção passou a me mandar às escolas para fazer palestras. A ligação com a sociedade era essa. O ponto chave eram as escolas. Isso começou de 1970 pra cá, pois eu entrei no município em 1977 e cheguei ao museu em 1978. Essas atividades foram em 1985, pois antigamente o museu só recebia as escolas que estavam perto, as outras mais distantes não tinham nem transporte pra ir. Não tinha aquele processo de ônibus escolar, então era difícil para os colégios. Iam mais os colégios do centro, mas depois da mudança para o Centro Histórico, onde era a Cadeia Velha, a prefeitura já tinha condições de alugar um ônibus e mandar os alunos para a escola e para o museu. As próprias professoras agendavam. O museu se

organizava para receber, especialmente eu, pois era orientado para fazer esse trabalho.<sup>122</sup>

Filemon nos dá indícios de como eram organizadas as visitas e como o trabalho de exposição e discussão sobre os objetos eram feitos. Filemon passa a ser o articulador do que deveria ser escrito e dito sobre os objetos existentes no museu. Sua atividade no museu foi muito além de guia, pois em sua fala ele nos mostra como as visitas ocorriam (o público era, em sua maioria, alunos das escolas da educação básica): eram apresentados os objetos e posteriormente Filemon fazia uma exposição do material existente sobre o cangaço. Eram suas visões sobre a documentação existente sobre o cangaço que os visitantes ouviam:

A gente começava a contar a história do próprio prédio, em si. E depois passava pro Centro Manoel Hemetério, depois passava para os assuntos mais empolgantes da cidade, que é a Libertação dos escravos, o Motim das Mulheres, o Voto Feminino e evidentemente, não poderia deixar o cangaço, pois esse era o objetivo principal e a visita em si, a gente ia acompanhando, tinha os dados e eles iam fazendo perguntas. A curiosidade dele era que iam puxando a visita. O objetivo da gente era o leque histórico. Parece que são 52 mil peças, então a partir das perguntas dos alunos a gente ia orientando.<sup>123</sup>

Além da seleção dos acontecimentos que deveriam ser lembrados e comemorados, a existência de uma linearidade nas explicações aos estudantes fez com que um acontecimento passasse a ser mais divulgado que outro: tratava-se da relação de

---

<sup>122</sup> PIMENTA, Antônio Filemon Rodrigues. 64 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no dia 10/12/2010, na cidade de Mossoró.

<sup>123</sup> Idem.

Mossoró com o cangaço como o principal assunto e do Museu Municipal como lugar de memória desse fato.

Essa narrativa, quando se refere à cadeia pública, contempla desde a construção do prédio até a permanência de Jararaca nesse local. Quanto aos jornais, são vistos como documentos que comprovam e dão consistência ao que está sendo narrado sobre a resistência. É através dessas atividades que o museu passa a ser, além de um lugar de conservação do passado, um espaço que produz e reproduz uma memória sobre a resistência dos mossoroenses ao grupo de Lampião.

Nas margens dessa narrativa a trajetória de Jararaca aparece nas exposições e explicações aos visitantes, pois, entre as atividades desenvolvidas pelo museu, na época de Lauro da Escóssia, o dia 13 de junho tinha destaque, uma vez que Lauro organizava as comemorações do dia 13 de junho no Museu Municipal. Segundo Filemon Pimenta, “a cada ano que a gente comemorava o 13 de Junho, a gente ia melhorando as coisas. Aí depois, além daquelas fotografias, existiam exposições de livros e participação nas rádios no mês de junho.”<sup>124</sup> Com essas comemorações, as narrativas produzidas pelos funcionários do museu chegavam a muitos que não frequentavam a instituição.

Quanto a Jararaca, Filemon comenta a visão de Lauro da Escóssia:

Achava que Jararaca era um injustiçado, pela maneira de como foi assassinado. Bandido, ele sempre achou que ele foi, agora à maneira covarde com que mataram ele, seu Lauro achava que ele tinha sido injustiçado, porque primeiro mentiram dizendo que tinham levado pra Natal, mas levaram foi para o cemitério. Ele achou que Jararaca podia ser condenado porque era uma história viva. Ele podia revelar muito a

---

<sup>124</sup> PIMENTA, Felon Rodrigues. Entrevista realizada no dia 10/12/2010. É interessante perceber que, durante a direção de Lauro da Escóssia (1976–1988), as questões relacionadas à resistência dos cangaceiros a Mossoró e a trajetória de Jararaca foram tratadas com muita peculiaridade, uma vez que Lauro tinha vivenciado a resistência à tentativa de invasão dos cangaceiros e era o principal responsável pelas reportagens que circularam no jornal *O Mossoroense* sobre o assunto. É nesse sentido que Lauro da Escóssia, ao dirigir o Museu Municipal, esforçou-se em reforçar a atuação do museu diante desse acontecimento e influenciou na construção de uma narrativa sobre a invasão e sobre Jararaca.

história do cangaço, descobrir muita coisa. E seu Lauro me dizia que mataram ele como queima de arquivo, né. Ele me dizia que mataram Jararaca por causa disso, pois ele poderia descobrir muita coisa, muitos coronéis. Seu Lauro achava isso: que ele foi injustiçado. Que seja bem dito: Ele não achava que Jararaca fosse santo. Ele achava que Jararaca merecia pagar na cadeia pelos crimes que cometeu, mas não morrer da maneira tão rápida e violenta, tão mentirosa daquela maneira.<sup>125</sup>

As lembranças de Filemon Pimenta mostram o quanto a experiência de quem vivenciou os acontecimentos influenciou na construção da memória. Ser visto como bandido não era nada de se estranhar, mas apresentá-lo, como injustiçado por meio de narrativas produzidas a partir de instituições importantes como o Museu e o Jornal, fizeram de Lauro da Escóssia, enquanto homem de imprensa, o principal articulador e divulgador da visão de injustiçado a Jararaca.

Foi como diretor de Museu Municipal que Lauro da Escóssia encontrou espaço para produzir uma memória sobre o ex-jornal de sua família e sua atividade como jornalista. A organização do acervo já existente e a inclusão da documentação do *O Mossoroense* deram suporte para que a resistência conseguisse status de grande acontecimento da cidade. Assim, o Museu passava a ser uma instituição importante na produção das narrativas sobre o passado de Mossoró e para a manutenção de uma memória sobre Lauro e seu jornal (*O Mossoroense*).

Aqui tem história. Quando as escolas iam para o museu, eu contava a história do Museu, a história do prédio que é de 1880. Tem muita história bonita aqui, como em 1878, foi iniciada a construção da cadeia. Em 1880 acontece a inauguração simbólica da cadeia, em 1883, com o movimento abolicionista houve reunião aqui da sessão magna da libertadora mossoroense para libertar os escravos. Em 1927, aconteceu aqui no prédio a solenidade de votação da primeira

---

<sup>125</sup> Idem.

eleitora da América do Sul. Ela não era mossoroense, era natalense, D. Celina Guimarães Viana e também tem a prisão do destemido cangaceiro Jararaca. Todo mundo que vem aqui pergunta: a cela que Jararaca ficou foi essa? Mas eu explico que não. Não era desse jeito, devia ser muito diferente. Em 1980 foi o centenário do edifício, o prédio é tombado pelo Patrimônio Nacional com o nome de Dr. Manoel Heméterio.

Eles perguntam muito sobre Lampião, sobre Jararaca. Perguntam sobre a roupa de Jararaca, mas a gente conta a história que temos no Museu. Aqui no Museu, nós temos um acervo muito grande, nós temos arqueologia, paleontologia, o estandarte que foi confeccionado na época da libertação dos escravos pela abolicionista Amélia de Sousa Galvão. Nós temos os dados de Celina Guimarães Viana.<sup>126</sup>

Nota-se que, ao dar importância à resistência ao bando de Lampião, a trajetória de Jararaca em Mossoró surge à margem de uma memória que se constituía a partir dos posicionamentos de Lauro da Escóssia, na documentação jornalística e das conversas que mantinha com funcionários, como Filemon Pimenta e Maria Lúcia.

A documentação sobre o cangaceiro Jararaca está exposta na segunda ala do Museu Municipal Lauro da Escóssia e restringe-se à entrevista feita por Lauro da Escóssia, em 1927, e três fotografias feitas na cadeia pública. Constituída por cópias de fotografias que apresentam os cangaceiros e volantes que estiveram presentes em Mossoró em 1927, essa exposição é permanente. Tem destaque as imagens do prefeito Rodolfo Fernandes e sua residência (local que funcionou como trincheira em junho de 1927), duas imagens do cangaceiro Jararaca (uma entre os soldados que o prenderam, e a outra mostra Jararaca baleado na Cadeia Pública de Mossoró) e a foto de Lampião com o cangaceiro Luiz Pedro.

---

<sup>126</sup> CASTRO, Maria Lúcia da Escóssia de. Entrevista realizada em 23/12/2010.

**Foto 07** – Exposição sobre a Resistência Mossoroense aos cangaceiros.



**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Fotografia tirada no dia 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 08** – Jararaca Preso



**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Fotografia tirada no dia 01-06-2011. Acervo do autor.

Essa foto fica exposta na segunda ala do Museu. Não tem como um visitante não vê-la, pois a forma como está exposta, próxima à entrada da terceira ala, põe o visitante em contato direto com a imagem do cangaceiro. Jararaca é o cangaceiro mais exposto no museu.

As outras imagens apresentam resistentes e cangaceiros, que se enfrentaram em Mossoró. A foto dos cangaceiros foi tirada em Limoeiro do Norte, no Ceará, e revelada no Ateliê de José Octávio, em Mossoró no ano de 1927. Ainda compõe a exposição a fotografia de Lampião e alguns volantes, e a entrevista feita por Lauro da Escóssia a Jararaca

**Foto 09** – Mossoroenses que lutaram contra os cangaceiros em Mossoró.



**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Atualmente, no mês de junho, o Museu Lauro da Escóssia organiza outra exposição sobre o cangaço, como forma de marcar presença nas atividades comemorativas sobre a Resistência Mossoroense e de participar das festividades organizadas pela Prefeitura de Mossoró e Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), que nesse período organiza o Fórum do Cangaço (o evento está em sua 13ª edição). Esse fórum reúne alunos da educação básica e das universidades locais para participarem das atividades promovidas pela SBEC. No fórum de 2010, uma das atividades foram as visitas ao Museu, Capela de São Vicente e Memorial da Resistência.

**Foto 10** - Exposição sobre o Cangaço.



**Fonte:** Museu Lauro da Escóssia. Fotografia tirada no dia 01-06-2011. Acervo do autor.

Mesmo com poucos documentos, as narrativas que apareceram sobre Jararaca são intensas, uma vez que Jararaca foi o único cangaceiro preso, fotografado e entrevistado sobre os motivos que levaram os cangaceiros a invadirem a cidade. Assim Filemon Pimenta comenta que:

Além da documentação fotográfica, o único jornalista que conseguiu entrevistar Jararaca foi justamente seu Lauro da Escóssia. Lá tem a entrevista de Jararaca e ele teve uma participação muito importante na história do cangaço em Mossoró pelo seguinte fato: tem uma fotografia que tem um monte de cangaceiros, todo mundo conhece essa fotografia e ninguém identificava, mas quem identificou foi justamente Jararaca. Foi ele quem identificou. Um fotógrafo do Ceará, bateu essa foto e como lá não havia revelação na época, então mandaram revelar aqui em Luiz Otávio e aproveitaram Jararaca vivo, aí ele identificou todinho. Essa foi a importância de Jararaca. A documentação é justamente essa, o acervo fotográfico, a documentação de Lauro da Escóssia. Foi nesse depoimento que ele revelou um bocado de coisa.<sup>127</sup>

Ao lembrar-se das fotografias e da entrevista, o narrador não faz comentários sobre o conteúdo desses documentos, mas reforça a importância de Lauro na produção desses documentos e a ideia de que Jararaca poderia ser importante para o conhecimento das redes de proteção que envolvia os grupos de cangaceiros e proprietários de terra em laços de apadrinhamento e proteção no nordeste brasileiro.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> PIMENTA, Filemon Rodrigues. Entrevista realizada no dia 10/12/2010. A fotografia que Filemon se reporta foi tirada em Limoeiro do Norte e revelada em Mossoró. Segundo o entrevistado, quem reconheceu os membros do bando foi Jararaca. Uma cópia dessa foto se encontra em exposição no Museu Lauro da Escóssia.

<sup>128</sup> Sobre essa questão, Luis Bernardo Pericás comenta que um dos padrões de conduta mais comuns dos coronéis era a apropriação de terras e de pequenas fazendas pela força das armas ou sua compra de sertanejos endividados (ou que queriam mudar da região). Iam se apoderando de tudo em que pudessem colocar as mãos. Um pequeno número de latifúndios, portanto, anexava, legítima ou ilegitimamente, propriedades de moradores do sertão, aglutinando territórios, reconfigurando o espaço econômico regional a seu favor e controlando, política e economicamente, muitos minifúndios que permaneciam por lá. Era criada aí uma relação de dependência, de troca de favores e de clientelismo entre os patrões e sua parentela empobrecida, agregados e trabalhadores rurais. (PERICÁS, Luis Bernardo. **Os Cangaceiros:**

O Museu Municipal passa a ser um espaço de preservação da memória de um de seus diretores (Lauro da Escóssia) e de organização das comemorações do dia 13 de junho. Essas comemorações surgiram como atividades escolares no Colégio Diocesano de Santa Luzia e como espetáculos públicos no adro da Capela de São Vicente, agora chegavam ao museu, em 1977.

Os funcionários do museu que foram entrevistados, além de manterem contato com Lauro da Escóssia, trabalharam no museu no período de 1978 a 2010. Estes, em suas falas, citam passagens interessantes relacionadas às memórias sobre a santificação de Jararaca.

**MARCÍLIO** – Como eram as visitas ao túmulo de Jararaca na década de 1970?

**FILEMON** – Eu sempre pesquisei isso e perguntava às pessoas que frequentavam o túmulo. Era um misticismo, mas muitas pessoas foram influenciadas por um jornalista do Ceará, Fenelon Almeida, que escreveu um livro: *O Cangaceiro que virou santo*. Então, esse livro ajudou muito a criar um misticismo em torno desse fato, justamente pela maneira de como mataram ele. As pessoas acreditavam plenamente que ele virou santo.

**MARCÍLIO** – Como foi a recepção da obra de Fenelon entre a elite letrada mossoroense?

---

**ensaio de interpretação histórica.** – São Paulo: Boitempo, 2010. p. 27). Essa apropriação levou Maria Isaura Pereira de Queiroz a pensar na formação dos grupos de jagunços como forma de ampliação do poder e de proteção dos proprietários rurais, sendo as relações de parentesco um dos elementos responsáveis pela formação desses laços. “As relações de Parentesco, de aliança matrimonial, de compadrio, de prestações de serviço, de gratidão, uniu todos estes habitantes entre si, compondo grandes grupos de parentelas, circundados por famílias de rendeiros e de moradores e por toda a sorte de outros protegidos.” (QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço.** – 5ª ed. – São Paulo: Global, 1997. p. 20). Era por meio desses laços que os chefes de grandes parentelas se aliavam ou entravam em disputas sangrentas, fortalecendo a formação dos grupos armados a seu serviço. Foi com essa relação de dependência que vão se estruturar os dois tipos de cangaço: o dependente dos coronéis, que prevaleceu entre o final do século XIX e início do XX e o cangaço independente que vai até 1940. Ambos foram marcados por uma rede de informantes e de protetores, cuja origem se encontra nos laços de dependência política, na apropriação de terras e nos conflitos entre os proprietários de terras ou entre os políticos. Era nesse ambiente que os cangaceiros encontravam apoio e realizavam suas atividades criminosas.

**FILEMON** – Em primeiro lugar, pegaram mais por curiosidade. São pessoas que não têm nada com o cangaço. Como a história estava sempre na mídia e quando saía um livro do cangaço, as pessoas compravam. Para você ter uma ideia, todo livro do cangaço é bem aceito, seja qual for é bem aceito. Porque, se você procurar o que tem aí, é padre Cícero e Cangaço. Você vai numa livraria dessas que você encontra poucos livros do cangaço, porque sai logo. A sociedade aceitou para conhecer mais a história, pois naquela época não existiam livros, a não ser Raimundo Nonato com “Lampião em Mossoró” e Raul Fernandes, e só tinha esses dois que se baseavam historicamente e não tinha mais. Então, qualquer coisa que aparecesse no jornal todo mundo ia ler, porque era o assunto da história de Mossoró. O 30 de setembro é do mesmo jeito. Sempre sai matéria sobre ele, porque é história.

**MARCÍLIO** – Quanto à divulgação e circulação do trabalho do Fenelon Almeida, como ocorreu em Mossoró?

**FILEMON** – O livro foi extraído de matérias de jornais. Fenelon Almeida fazia uma matéria para sair no jornal e depois ele publicava. Em 1981 ele lançou o livro dessas matérias e muitos analfabetos ouviam dos coronéis. Eles diziam: “olha o Jararaca aqui... pá pá pá. Eles não liam, mas o coronel lia pra eles. Era o misticismo da época.<sup>129</sup>

Lançado em Mossoró, na Livraria Independência, em 1980, o livro de Fenelon é citado como uma obra que revolucionou as narrativas sobre Jararaca. Os livros que comentam sobre a invasão e a resistência dos mossoroenses ao bando de Lampião não comentavam sobre as visitas ao túmulo de Jararaca, tampouco falavam sobre as devoções que algumas pessoas faziam em sua intenção. São trabalhos que especificam mais sobre as condições do ataque e dos desdobramentos da prisão e morte de Jararaca.

---

<sup>129</sup> PIMENTA, Filemon Rodrigues. Entrevista realizada no dia 10/12/2010.

Já o trabalho de Fenelon, é especificamente sobre as visitas e as devoções no túmulo do cangaceiro.

O livro de Fenelon surgiu a partir de uma série de reportagens publicadas no Ceará pelo jornal *O Povo*. Para Filemon, “esse livro ajudou muito a criar um misticismo em torno desse fato”, mas, se o fato já estava criado, e as pessoas já faziam suas visitas desde a década de 1970, a importância do trabalho de Fenelon reside na circulação e penetração dessas narrativas (agora, por meio da escrita) nos espaços de leitura da cidade. Isso nos faz pensar na importância do livro na consolidação das narrativas.

Os impactos das notícias sobre o túmulo mais visitado de Mossoró ser o túmulo de um cangaceiro que realizava milagres não podem ser detectados facilmente. No entanto podemos entender como ocorria o processo de circulação dessas narrativas, uma vez que a maior parte dos devotos de Jararaca que foram entrevistados são analfabetos ou não concluíram o ensino fundamental e afirmam que não possuem o hábito de ler jornais, mas compravam cordéis e apreendiam as histórias que estavam neles. Em seu relato, Raimundo Edmundo Maria afirma que “tinha uns versos, daquele livro. Eu vi lá na rua e comprei. Li e deixei ali.”<sup>130</sup>

A influência dos cordéis<sup>131</sup> na produção de narrativas sobre Jararaca é significativa. Filemon Rodrigues comenta que:

---

<sup>130</sup> NASCIMENTO, Edmundo Maria do. Entrevista realizada em 22/05/2009.

<sup>131</sup> Os folhetos de cordel são mais acessíveis a essa camada da população que os jornais e os livros. Na fabricação dos versos de cordel, os autores utilizam-se de informações que podem ter origem tanto na oralidade, como em fontes escritas. Para Gilmário Moreira de Brito, “a produção de folhetos a partir de narrativas que surgiram da oralidade possibilita discussões e sondagens entre fronteiras da voz e da escrita, da imagem e da letra, uma vez que o mesmo depois de impressos, adquirindo o formato de linguagem escrita, guardam vínculos com oralidade intrinsecamente relacionados ao gestual e ao visual.” (BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste: inter-relações, oralidade, gestualidade, visualidade**. – São Paulo: Annablume, 2009. p. 27).

Inventavam até que ele sacudiu uma criança e aparou no punhal. Isso não foi verdade. Isso foi uma criação de Concriz, um coquista daqui de Mossoró que criou isso e deu certo. Então, essa invenção que Jararaca era perverso isso é mito. Quem criou esse negócio que Jararaca sacudiu o menino foi Concriz. Ainda hoje, ele está vendendo folheto de cordel sobre isso. Quando eu cheguei a Mossoró, já existia essa história. Ela foi contada pela mãe dele e avó dele e depois de muito tempo, ele passou para o cordel e ainda hoje ele tá vendendo isso. Vendendo folheto de cordel sobre essa ilusão. Sobre esse mito que botaram em Jararaca. O próprio Lauro vivia dizendo que nunca tinha escutado falar sobre esse negócio. Ele dizia que Jararaca nunca tinha contado esse negócio. E criação você sabe que existe muito sobre o cangaço, que Jararaca foi isso, Jararaca foi aquilo. Para contar essas histórias como a que cita que um cangaceiro obrigou outro a comer um quilo de sal já passou por vários cangaços. Foi Lampião, foi Zé Sabino, Jesuíno Brilhante, as pessoas criam.<sup>132</sup>

Os versos de Concriz relacionam-se com as oralidades. Todos os entrevistados, nesta pesquisa, que frequentam e devotam algo a Jararaca, cita o caso do menino morto na ponta do punhal. O que deveria só reforçar a imagem do bandido, passou a reforçar o sentimento de arrependimento por tal atitude. Não existem documentos que firmem esse assassinato. A única narrativa escrita sobre esse fato é o cordel: *Jararaca arrependido por ter assassinado um menino*, de Concriz. Outros folhetos de cordel circulam em Mossoró e possuem como tema a resistência aos cangaceiros.<sup>133</sup> Sua produção, é na maioria das vezes, independente, mas o poder público, através da Prefeitura Municipal de Mossoró, criou, durante os festejos dos 80 anos da Resistência Mossoroense, o Prêmio Fomento, voltado à produção de Bens e Serviços Culturais. Por meio deste,

---

<sup>132</sup> PIMENTA, Filemon Rodrigues. Entrevista realizada no dia 10/12/2010.

<sup>133</sup> Entre eles podemos citar: **A Resistência de Mossoró ao bando de Lampião há 13 de junho de 1927**, de Cícero Laurentino da Silva; **Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró**, de Severino Inácio; **Tem muito dinheiro gasto na cova de Jararaca**; **Os Bravos Mossoroenses resistiram a Lampião**, de Nildo da Pedra Branca; **Um prefeito bom de briga e o bando de Lampião**, de Antônio Francisco e **Mossoró na Resistência ao grupo de Lampião**, de Aldaci de França.

foram publicados os cordéis que disputavam o prêmio. O intuito da Prefeitura de Mossoró era divulgar a Resistência através de versos e pela inauguração de um espaço que narrasse a resistência. Foi nessa perspectiva que foi construído o Memorial da Resistência, uma obra agregada ao corredor cultural da cidade e que tinha por finalidade apresentar a narrativa oficial sobre os acontecimentos de 13 de junho de 1927.

## 2.2. O Memorial da Resistência.

Mossoró precisa de três monumentos.<sup>134</sup> Assim escreveu José Augusto Rodrigues em carta dirigida a Vingt-Un Rosado em 1989. José Augusto reforça a ideia de que Mossoró deveria construir monumentos que celebrassem a importância da libertação dos escravos (1883), da primeira eleitora do Brasil (1927) e da resistência ao Bando de Lampião (1927) como forma de ter nos logradouros públicos espaços comemorativos sobre esses acontecimentos.

Assim, após oitenta anos da invasão, o poder público municipal de Mossoró se empenhou na construção de um espaço que contemplasse os acontecimentos de 13 de junho de 1927. Surgia uma proposta de construção de um memorial que, além de ser um monumento comemorativo, promovesse a circulação da memória sobre a resistência mossoroense aos cangaceiros liderados por Lampião. Para isso, a construção do memorial foi articulada dentro de um projeto de urbanização que a Prefeitura de Mossoró estava empreendendo no centro da cidade.

O projeto contemplava os interesses do mercado de eventos e do turismo. Pretendia construir, ao longo da Avenida Rio Branco, uma série de estabelecimentos e aparelhos que direcionassem suas atividades ao lazer. Isso se dava por meio da organização de espaços que estivessem articulados com os acontecimentos que tinham ocorridos na cidade e que agregassem monumentos comemorativos. Essas propostas surgiam em detrimento das instituições<sup>135</sup> que, ao longo de décadas, tinham se constituído como espaços que guardavam e comemoravam acontecimentos, como a resistência da cidade ao bando de Lampião, em 1927.

---

<sup>134</sup> Revista Oeste. – Revista do Instituto Cultural do Oeste Potiguar. Ano 1989 – Série C. nº. 08. p. 95.

<sup>135</sup> No caso, as principais instituições eram o Museu Municipal Lauro da Escóssia e a Capela de São Vicente. A primeira guarda os documentos jornalísticos e fotográficos sobre a invasão, enquanto a segunda foi o local onde ocorreu o principal confronto entre cangaceiros e mossoroenses.

Dessa forma, a organização e a estruturação do projeto do memorial da resistência deveriam ser adaptadas ao perfil em que as autoridades políticas locais pensavam a respeito do tratamento que deveria ser dado aos documentos relacionados à resistência aos cangaceiros, bem como as formas narrativas pelas quais apresentariam ao público os acontecimentos de junho de 1927.

Foi com esse intuito que a Prefeitura de Mossoró resolveu construir um memorial que procurasse retratar a resistência ao bando de Lampião como um feito heroico. A partir da leitura das propostas iniciais de construção do memorial (iniciadas em setembro de 2005), percebe-se que, desde a organização do projeto até a execução e inauguração (dia 04 de junho de 2008<sup>136</sup>), evidenciam-se outros interesses que vão além da organização de um espaço que estivesse voltado para a memória ou para a história sobre esse acontecimento.

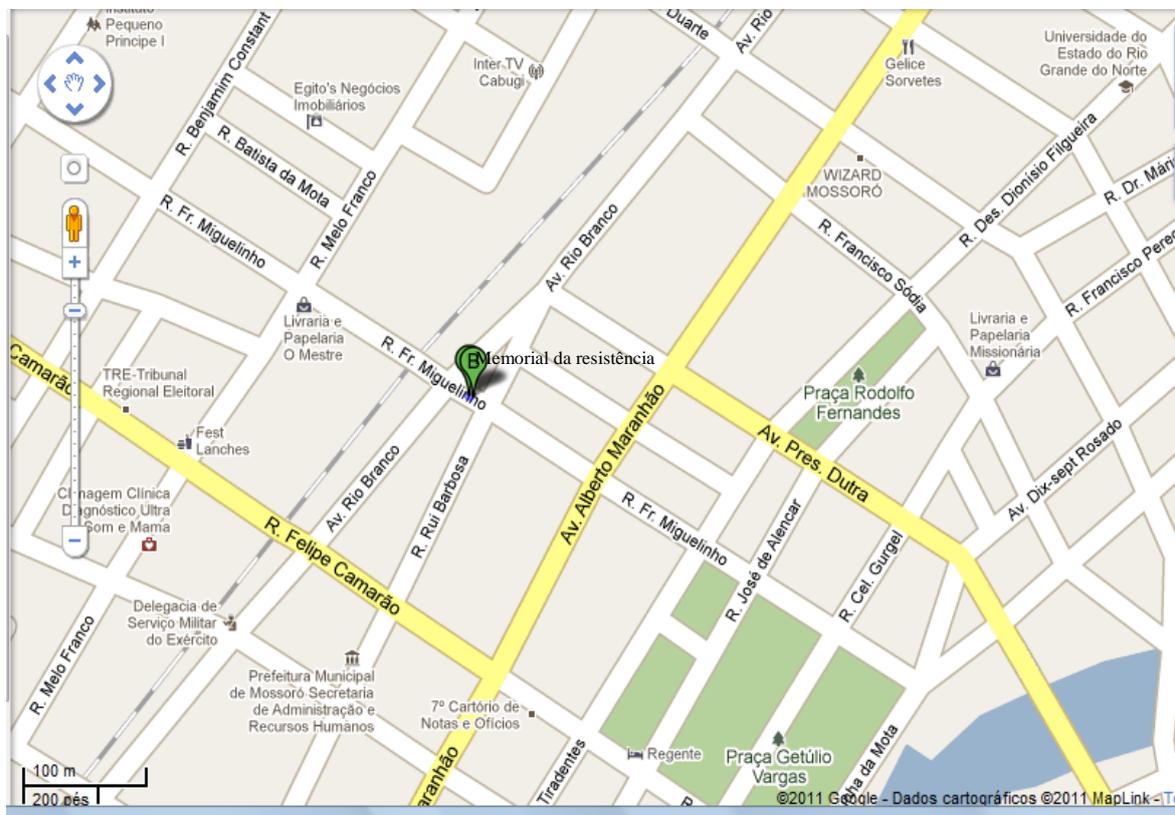
O que se constata, em relação ao projeto do memorial, é o interesse de finalizar o Corredor Cultural de Mossoró. Esse espaço é composto de diversos equipamentos ao longo da Avenida Rio Branco. A avenida foi, durante os governos Rosalba (1997-2004) e Fafá Rosado (2005-2008), um espaço privilegiado para a urbanização da cidade. Aí,

---

<sup>136</sup> Sobre os comentários referentes à inauguração do Memorial da Resistência de Mossoró, o jornal *O Mossoroense*, através da reportagem *O Mossoró cidade junina começa oficialmente com a inauguração do Memorial da Resistência*, não mediu críticas à cerimônia inaugural e ao memorial. Segundo o jornal, “a inauguração do memorial da Resistência começou com atraso. Pouco tempo antes da chegada da prefeita Fafá Rosado, o local ainda era um verdadeiro canteiro de obras. Portanto, o que estava marcado para as 20h começou às 21h, com apresentação da Banda de Música Artur Paraguai, Grupo Monxorós e Orquestra Sanfônica do Município. Na cerimônia estavam autoridades da política e parentes do prefeito da época da invasão, Rodolfo Fernandes. (...) O Memorial é belo, mas foi mal inaugurado. Como se não bastasse, esqueceram de dar crédito às fotos de Manuelito e de outros fotógrafos que registraram toda a história do período. As fotografias estão lá em tamanho gigante nos painéis, mas o visitante não saberá quem as fez.” (**O Mossoroense, 05-06-2008**). Enquanto *O Mossoroense* teceu críticas à inauguração, o *Jornal DE FATO* destacou o sucesso do evento. Na reportagem *Memorial se transforma em espaço de preservação da história*, o *DE FATO* apresentou o memorial como “uma verdadeira viagem no tempo. Uma sensação diferente ao andar e se deparar com o cangaceiro Lampião e sua companheira, Maria Bonita, e do seu bando, em imagens expressas em grandes colunas verticais. Mas o feito maior do Memorial é o de tornar conhecido o rosto dos heróis mossoroenses. Gente humilde, que enfrentou o medo, para empunhar armas contra um dos movimentos mais temidos do Nordeste brasileiro, o cangaço.” (**DE FATO, 05-06-2008**). Nota-se que os jornais tiveram posicionamentos diferentes quanto à inauguração do Memorial, fato que pode ser explicado pelos posicionamentos políticos de *O Mossoroense* (o jornal pertence ao grupo político que faz oposição ao governo Fafá Rosado), enquanto o *DE FATO* mantém, em sua reportagem, uma maior preocupação com a relevância do monumento que está sendo inaugurado, fato que não retira sua aproximação com o governo municipal.

foi utilizado o lugar da antiga Estação Ferroviária para a construção de um espaço que incorporou a Feira do Vuco-Vuco e agregou as chamadas praças de Convivência, Eventos, Esporte e Lazer; o Teatro Dix-Huit Rosado, a Estação das Artes Elizeu Ventania e o Memorial da Resistência. O que na proposta da Prefeitura Municipal de Mossoró era a construção do Corredor Cultural se transformou em um espaço com uma logística bem definida para o incremento de atividades econômicas. Quando se observam as transformações ocorridas, na Avenida Rio Branco, tem-se a noção do impacto que a política desses governos provocou nos espaços da antiga estrada de ferro. Essa política de urbanização não poupou as ruínas, que insistiam em mostrar os resquícios de um passado da cidade. As imagens abaixo mostram um pouco dessas transformações promovidas pela Prefeitura de Mossoró.

**Mapa 01:** Avenida Rio Branco – Corredor Cultural de Mossoró



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Mossoró.

**Foto 11:** Avenida Rio Branco - Corredor da Folia.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 12:** Avenida Rio Branco – Teatro Dix-Huit Rosado



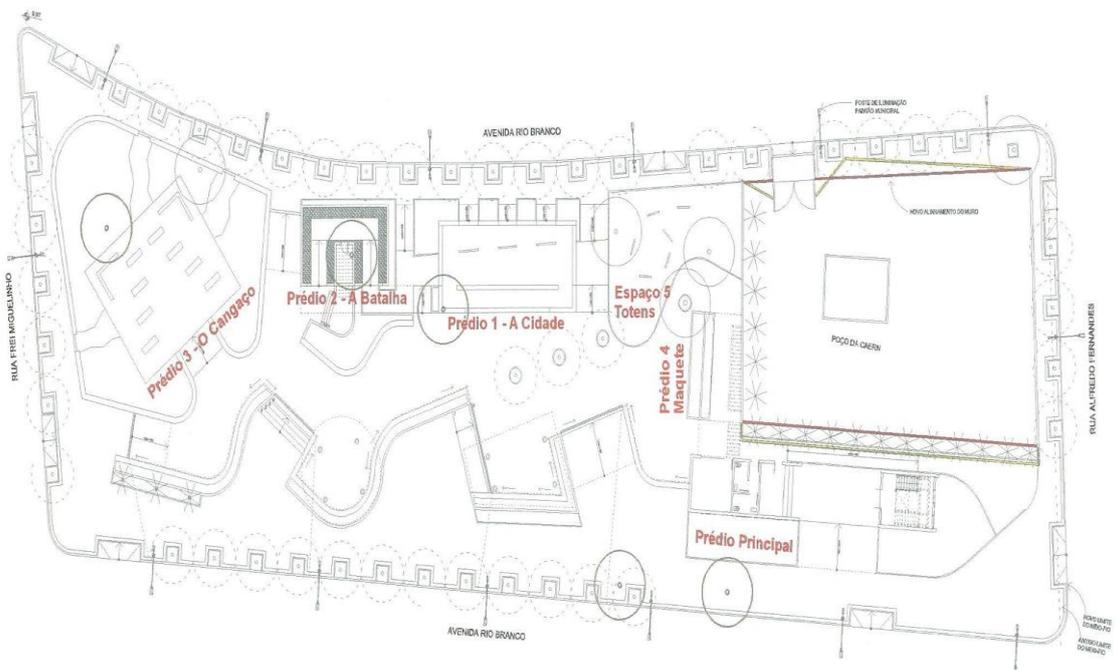
Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 13:** Avenida Rio Branco – Estação das Artes Eliseu Ventania



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 14:** O Memorial da Resistência - Planta Baixa



**Fonte:** Catálogo da Paluana Comunicação

**Foto 15:** Prédio Principal – Fachada do Memorial da Resistência



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 16:** Prédio 01 – A Cidade



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 17:** Prédio 02 – A Batalha



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

**Foto 18:** Prédio 03 – O Cangaco



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Essas construções e equipamentos estão dispostos linearmente ao longo dessa avenida e funcionam como espaços de lazer e de geração de renda, pois a Praça da Convivência está agregada ao Memorial da Resistência, funcionando como espaços voltados ao turismo na cidade. Muito mais empenhados na promoção das atividades turísticas da cidade do que na efetivação de um espaço voltado à memória sobre a invasão dos cangaceiros e a resistência dos mossoroenses, os governos das prefeitas Rosalba Ciarlini Rosado e Maria de Fátima Rosado promoveram, por meio da construção do corredor cultural e do memorial, espaços para narrar a resistência através de painéis e murais, distribuídos em três prédios dispostos no memorial e que contemplam a Cidade, a Batalha e o Cangaço.

Nas palavras de Yuri de Tasso Queiroz Pinto, secretário de obras:

Em toda cidade os fatos culturais são os que chamam mais a atenção do turista. A cidade de Mossoró não tem paisagens naturais que atráíssem a presença do turista, como belas praias, como serras interessantes, rios com comidas diferenciadas, ou rios caudalosos com cascatas, cachoeiras. A gente não tinha esse tipo de geografia que trouxesse o turista para a cidade de Mossoró. Então, qual o caminho para o turista visitar Mossoró? Então, a gente achou que poderia ser pelo turismo de eventos, e o turismo de eventos estaria ligado aos festejos. As populações das demais cidades gostam de visitar as cidades em virtude dos festejos de padroeiros, de datas comemorativas, como é o caso de Salvador, que já pegou determinada fama. O incidente de Lampião ocorreu no mês em que aqui no Nordeste a gente comemora o São João, então a cidade de Mossoró uniu o espetáculo Chuva de Balas no País de Mossoró (que é o espetáculo que retrata a invasão de Lampião) com os festejos juninos, fazendo uma grande festa e trazendo para a cidade de Mossoró um grande número de pessoas, isso também em função da acolhida que o povo do Nordeste presta ao turista. Assim, nada mais importante que retratar um fato histórico tão importante para o Brasil,

pois o cangaço é contado na história desse país. E isso é um dos fatos que marcaram o cangaço, pois são através desses eventos culturais que a gente consegue trazer esses turistas para a cidade de Mossoró.<sup>137</sup>

Esse espaço, além de agregar essa narrativa oficial sobre o passado da cidade, utiliza-o como forma de incrementar atividades turísticas na cidade, principalmente no mês de junho, quando a Prefeitura organiza uma série de eventos que se denomina “Mossoró – cidade junina”.

Desde sua idealização, foram três propostas para se chegar ao projeto final do Memorial. Na primeira proposta, feita pela empresa Paluana Comunicação,<sup>138</sup> a forma do Memorial seria composta por “04 núcleos de memória inseridos entre os jardins de uma praça com caminhos traçados entre árvores, onde se encontram e interagem a memória e o lazer.”<sup>139</sup> As preocupações em deixar o ambiente propício ao turismo foi uma tônica para as autoridades locais, uma vez que o Memorial da Resistência seria um espaço público que agregaria atividades comerciais como cafeteria e loja, levando o memorial a se constituir em “um espaço que propõe uma relação memória, arte e vida.”<sup>140</sup> Foi pensando nessa relação que a gestão de Fafá Rosado resolveu investir na construção do Memorial da Resistência e apresentá-lo como um espaço de comemoração aos resistentes mossoroenses ao bando de Lampião.

O espaço é constituído por tentativas de apresentar o passado da cidade como algo glorioso que agregasse ao Corredor Cultural um espaço que fosse possível

---

<sup>137</sup> PINTO, Yuri de Tasso Queiroz. Engenheiro. Entrevista realizada no dia 15/02/2011 na Secretária de Obras do Município de Mossoró, no bairro Bom Jardim, em Mossoró. Como secretário de obras do Município, Yuri de Tasso foi o responsável pelos trabalhos de organização e execução do memorial.

<sup>138</sup> Localizada no Rio de Janeiro, a Paluana Comunicação ganhou a licitação para a construção do Memorial da Resistência. Os primeiros trabalhos foram apresentados em abril de 2005. Foram organizadas três propostas de projetos para se chegar ao atual formato do Memorial da Resistência. A obra foi orçada em dois milhões de reais, segundo a planilha de orçamento do Memorial da Resistência, organizada pela Paluana Comunicação.

<sup>139</sup> Catálogo do Memorial da Resistência – Paluana Comunicação. Setembro de 2005. p. 02.

<sup>140</sup> Catálogo do Memorial da Resistência. – Paluana Comunicação. Setembro de 2005. p. 02.

conhecer o momento em que parte da população de Mossoró fez resistência aos mais perigosos cangaceiros do nordeste brasileiro. Lampião, como mito de invencibilidade, não conseguiu romper com a resistência montada em Mossoró, mas isso só foi possível graças a muitos fatores que vão desde o mapeamento das ações do bando no Oeste do Estado até a organização das trincheiras em uma cidade que dispunha de certa estrutura urbana.

Localizado na Avenida Rio Branco: trecho entre a Rua Alfredo Fernandes e a Avenida Frei Miguelino, o Memorial da Resistência é um espaço voltado à apresentação da cidade e de sua vida cotidiana na década de 1920. Seus painéis dão ênfase ao crescimento econômico, à estruturação urbana da cidade, à vida religiosa e à produção de uma imagem de cidade ordeira e voltada ao trabalho. Esses aspectos citadinos são mostrados em espaços organizados para tal, onde se evidencia uma lógica no posicionamento dos painéis e nas formas de apresentação da narrativa sobre a resistência.

O Memorial da Resistência possui uma estrutura física que agrega prédios posicionados linearmente, que dão aos mecanismos utilizados para apresentar a cidade e a resistência ao bando de Lampião uma sequência dos acontecimentos que levam o observador a pensar a invasão e a resistência como algo extraordinário que foi cristalizado nos *banners* e nos uso dos documentos expostos em painéis.

Nota-se que a manipulação das fontes para a construção dos painéis é um indício que nos faz pensar na forma que deveria ser apresentada uma memória sobre os resistentes e na maneira como utilizar os documentos disponíveis.

Assim, a Memória da Resistência seria um espaço de comemoração da resistência da cidade aos cangaceiros e sua estrutura funcionaria como suporte a uma

série de atividades voltadas à lógica do consumo e do turismo. Mais que rememorar a resistência aos cangaceiros, o Memorial seria um lugar voltado ao consumo.

Nele, o cangaceiro Jararaca seria apresentado, por meio de duas fotografias produzidas na cadeia pública. As histórias sobre a morte, visitas e devoções ao túmulo de Jararaca não aparecem. No prédio 03, cuja temática é o Cangaço, Jararaca só aparece uma vez e com pouca visibilidade na lateral do painel em que se encontra a fotografia de Nenê (mulher do cangaceiro Luis Pedro). Se não se observar lentamente, a fotografia de Jararaca, baleado, não será percebida. Isso provoca certa contradição em relação, ao que circula na cidade a respeito de Jararaca, chegando ao ponto de sua história ser uma das mais conhecidas na cidade. Por que colocaram fotos de cangaceiros que não estavam no grupo que atacou Mossoró em 1927, como é o caso de Corisco? E omitiram nos painéis do prédio 04 (O Cangaço) as fotografias de Jararaca? Acredito que, por conta do memorial ser para comemorar os resistentes, isso não conviria bem. Mas por que omitir um e divulgar outros, como Corisco? São por questões como essas que nos levam a pensar que o memorial foi organizado para completar os equipamentos do Corredor Cultural e dá-lhe um sentido de que está valorizando a cultura e preservando a memória.

A vontade de produzir uma narrativa sobre a resistência esbarrou na dificuldade das fontes disponíveis para tal e nas devoções em torno do cangaceiro Jararaca em Mossoró, que continuariam à margem dessa memória que pretende ser oficial. Omiti-la era uma maneira de continuar negando uma memória que fora construída ao longo dos anos. Nesse aspecto, as imagens que aparecem dos cangaceiros no Prédio 03 são dos que conseguiram fugir de Mossoró, enquanto os que malograram (Colchete e Jararaca) na cidade são restritos às laterais escuras dos painéis.

No museu, segundo os relatos de Filemon Rodrigues, a história de Jararaca causava grande impacto nos visitantes e era uma das mais citadas, quando se falava sobre a invasão e a resistência de Mossoró. Com o memorial, essas histórias eram descartadas, mas, para os idealizadores, o objetivo era fazer tudo na neutralidade:

A proposta era importante, porque não se tratava de construir uma praça com estátua, mas de resgatar a história com toda a isenção possível que a gente pudesse conseguir, para não retratar uma história contada por uma tendência. A gente começou a pensar dessa forma: que a gente poderia apresentar a história, elaborada por pessoas que iriam pesquisar, mas que não tivesse tendência de nenhuma família aqui da nossa cidade. E que a história fosse contada da forma mais imparcial possível. Esse era o meu pensamento, quando divulgamos que no lugar de uma estátua seria um memorial.<sup>141</sup>

O catálogo produzido pela Paluana Comunicação entre 2005 e 2006, mostra o processo de seleção e construção das imagens e como os responsáveis pela obra (no caso os técnicos da SEDETEMA, chefiados pelo engenheiro Yuri de Tasso Queiroz Pinto, que contava com o apoio de Gustavo Rosado, chefe de Gabinete na primeira gestão da prefeita Fafá Rosado – 2005-2008) organizavam os espaços e construía as imagens que seriam apresentadas ao público. Quando se observa o principal painel do Memorial (suas medidas são 13,2 x 8,4m), nota-se a intencionalidade em expor os principais personagens e lugares do acontecimento de 1927.

Pela análise do Catálogo, percebe-se que as primeiras versões do Memorial da Resistência não atendiam os objetivos das autoridades municipais. As imagens abaixo mostram as dificuldades da Paluana Comunicação em construir uma fachada que atendesse ao que o Memorial deveria ser e apresentar.

---

<sup>141</sup> PINTO, Yuri de Tasso Queiroz. Entrevista realizada no dia 15/02/2011.

Resistentes e cangaceiros dividiriam o mesmo espaço na fachada do prédio principal. Seus líderes estariam nos polos da imagem e seus grupos ficariam frente a frente na busca por imagem que contemplasse o que fora o dia 13 de junho de 1927. A montagem do painel principal do Memorial da Resistência é uma mistura de sujeitos e espaços (A Igreja de São Vicente e a Residência de Rodolfo Fernandes).

**Foto 19:** Primeira Apresentação de Fachada do Memorial da Resistência



**Fonte:** Catálogo do Memorial da Resistência (Paluana Comunicação - setembro de 2005)

Essa imagem é a primeira proposta para a fachada do prédio principal do Memorial da Resistência. Rodolfo Fernandes e Lampião ganham destaque. Nota-se a exaltação dos líderes da resistência, dos cangaceiros (em menor grau) e do cenário em que ocorreu o ataque. É uma imagem que anuncia tanto o espaço da resistência como os elementos nele envolvidos. No entanto, percebe-se que os rabiscos feitos na imagem servem de indício de que os organizadores do memorial não usariam essa imagem, pois o que se observa na fachada do memorial é uma imagem produzida por meio da

manipulação de outras imagens, nas quais a figura de Rodolfo Fernandes ganha destaque diante das demais, e a inclusão dos prédios como a residência de Rodolfo Fernandes (atualmente, transformada em Palácio da Resistência, sede do Governo Municipal) e a Capela de São Vicente complementam o painel, dando-lhe uma dimensão espacial do conflito.

À primeira vista, pode-se até achar que a inclusão desses prédios seria uma forma de reforçar a veracidade do acontecimento, mas, quando se observa a estrutura do lugar em que foi construído o memorial, percebe-se que a presença das construções no painel principal é uma forma de torná-lo independente dessas construções e de apresentá-lo com todos os elementos que em seu conjunto podem produzir a narrativa sobre a invasão e a resistência mossoroense aos cangaceiros.

**Foto 20:** Terceira Apresentação da Fachada do Memorial da Resistência.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Dessa forma, o local dispõe das fotografias e mapas que, articulados na intenção de dá consistência a esse espaço, produzem o sensacional, característica dessa obra desde os primeiros projetos apresentados pela Paluana Comunicação.

Nós procuramos um local mais próximo possível de onde tinha ocorrido o fato. Na verdade o Memorial está onde aconteceu parte do fato. O ataque de lampião a Mossoró ocorreu basicamente onde hoje é a Rua Alfredo Fernandes, atrás da Capela de São Vicente, então a localização não poderia ter sido mais bem pensada estrategicamente aquele deveria ser o local, pois dali a gente conseguia visualizar a casa que o prefeito residia, como também a Igreja, onde houve a troca de balas com o bando. Algumas pessoas ainda tinham na cabeça que ali seria erguida uma praça e um monumento a Rodolfo Fernandes, e a gente dizendo: não, nós não queremos um monumento, mas um memorial que pudesse retratar a história. Rodolfo Fernandes foi o comandante dessa resistência, mas também, tiveram diversas pessoas que decidiram enfrentar o bando com Rodolfo. Então, a gente tinha que lembrar de todas essas pessoas. Tenho certeza que o prefeito sozinho não tinha condições de enfrentar o bando de Lampião. Precisava que a sociedade civil da época viesse a se juntar com o prefeito para lutar contra Lampião. Com isso, não caberia nenhuma homenagem a uma única pessoa, mas a todos que decidiram enfrentar Lampião.<sup>142</sup>

As palavras de Yuri de Tasso nos mostram o quanto é interessante pensar na construção desses espaços, como eles são inventados e como suas consequências imediatas podem ser detectadas. Ver a residência de Rodolfo Fernandes e a Capela de São Vicente nos permite dizer que o memorial está no raio em que ocorreu a luta entre cangaceiros e mossoroenses, mas nos mostra também os desdobramentos dessa resistência em relação a Jararaca, coisa que o Memorial da Resistência omite, quando os

---

<sup>142</sup> PINTO, Yuri de Tasso Queiroz. Engenheiro. Entrevista realizada no dia 15/02/2011.

painéis com imagens dos cangaceiros não mostram o cangaceiro Jararaca, ou procuram omiti-lo em espaços quase imperceptíveis.

O Memorial da Resistência reforça o esforço das autoridades mossoroenses em produzir lugares de celebração de seu passado. Um passado cujos documentos (jornais e fotografias) existentes não foram utilizados como fontes capazes de questioná-lo, mas como forma de reuni-los e apresentá-los como a verdade, o real.

O memorial, que deveria celebrar a memória dos resistentes, vira um espaço onde os resistentes e cangaceiros ocupam os mesmos espaços nas telas. Em certo sentido, os resistentes ficam em segundo plano, pois os painéis apresentam mais as imagens dos cangaceiros do que os resistentes. Segundo Yuri de Tasso, essa questão está ligada a pouca disponibilidade das fontes sobre os resistentes.

A Prefeitura lançou um desafio à população para ela apresentar o que ela tivesse guardado em suas gavetas. Fotografias antigas que retratasse a cidade, os costumes e a maneira de vestir. Podia ser uma fotografia de um casamento, de um batizado, de um circo que estivesse na cidade. Naquela época era comum ter circo na cidade. Nós gostaríamos de ter algumas fotografias da cidade de Mossoró do começo do século XX até meados do século XX, mais ou menos por volta de 1950 a 1960. A gente gostaria de ter esse material fotográfico ou de qualquer outro que pudesse nos auxiliar para apresentar ao povo, como exemplo dos costumes da época. Mas isso, na verdade, não obteve maior êxito, pois a gente notou que a população não participou muito. Isso nos deixou bastante preocupados, porque a gente achava que ia achar um acervo bem maior, quando a população começasse a contribuir. Esse material não ficaria com a gente, apenas escanearia, utilizaria e deixaria para o povo conhecer esse banco de dados que a gente iria colocar. Paralelo a isso nós fomos ao Museu e começamos a verificar todo o conteúdo que existia no Museu sobre esse fato e sobre o cangaço, pois a gente poderia retratá-lo independentemente do fato. Do cangaço, a gente

percebeu que existia muito material, muita fotografia espalhada por todo o sertão. Nós temos fotografias do cangaço espalhadas praticamente em todos os lugares, mas da cidade e dos componentes da cidade a gente não achou muita coisa. A maioria das fotos que arranjou com o pessoal da cidade precisaria passar por um tratamento, porque a qualidade era baixa e o conteúdo era baixo. Já existiam desgastes nas fotos desses materiais que a gente gostaria de apresentar, mas do cangaço a gente estava confortável, porque tinha muito material apresentado, mas a gente não queria apresentar muita coisa do cangaço. Teria que apresentar o cangaço e a participação do cangaço aqui na cidade de Mossoró dentro do contexto da cidade da resistência. A gente basicamente se limitou a trabalhar com esse material, mas mesmo assim, ele se mostrou bastante extenso.<sup>143</sup>

Após 80 anos, o interesse em usar uma memória sobre os resistentes se depara na ausência de fontes sobre esses sujeitos. O problema era querer enquadrar uma memória<sup>144</sup> sobre os resistentes em Mossoró, quando os fragmentos existentes sobre esse passado pouco apresentam esses sujeitos.

O problema das fontes sobre os resistentes (também) levou à utilização da imagem dos cangaceiros, como é o caso de Lampião, Maria Bonita, Corisco, Juriti, Roxinho, Luís Pedro, Nenê e, em menor intensidade, Jararaca. São fotos que retratam cenas do cotidiano e que circularam pelo sertão. De acordo com Maria Eliza Linhares Borges, as imagens fotográficas “devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada

---

<sup>143</sup> PINTO, Yuri de Tasso. Entrevista realizada no dia 15/02/2011.

<sup>144</sup> Sobre a questão do enquadramento da memória, Michael Pollak argumenta que o trabalho de enquadramento da memória “se alimenta do material fornecido pela história.” e dele passa a produzir todos os elementos necessários a esse enquadramento, sendo possível a esse trabalho de enquadramento “reinterpretar incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.” (POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 2, n. 3, 1989, p. 09-10).

cultura, e também como uma forma simbólica que atribuiu significado às representações e ao imaginário social.”<sup>145</sup>

Observando por esse prisma, o memorial apresenta dois aspectos bem distintos: no primeiro, a cidade é apresentada em sua diversidade, sendo necessário mostrar elementos do cotidiano, como os times de futebol (Humaitá e o Ypiranga), o carnaval popular, a festa da Padroeira Santa Luzia, o crescimento urbano com a chegada dos primeiros caminhões e da estação ferroviária e, para completar a estrutura que a cidade possui, cita a estrutura educacional existente. Mossoró é apresentada como uma cidade em rápido crescimento.

Em 1927, os primeiros caminhões começaram a substituir os burros de carga, transportando sal e grande variedade de produtos. Mossoró era o maior parque salineiro do país e maior comprador de peles, algodão e cera de carnaúba. Tinha comércio forte e, já nessa época, várias indústrias alimentadas por energia elétrica, além de uma agência do Banco do Brasil. Outros sinais de progresso eram os dois estabelecimentos de ensino secundário – a Escola Normal e a Escola do Comércio e os colégios católicos Sagrado Coração de Maria, internato para moças, e Diocesano Santa Luzia, para rapazes.

O Plano urbanístico do prefeito Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins pretendia transformar as vias arenosas e reviradas em ruas e estradas arborizadas, aproveitando os floridos jatobás, castanheiras, flamboyants, tamarineiras, figos e cedros de espinhos das alamedas para amenizar o calor. À margem esquerda do Apodi, servida por ferrovia, Mossoró havia se tornado a cidade mais rica do todo o Estado. Era a “Capital do Oeste” “e despertava a cobiça dos bandos de cangaceiros.”<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. – 2 ed. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 73.

<sup>146</sup> **Catálogo do Memorial da Resistência** – apresentado pela Paluana Comunicação à Prefeitura de Mossoró em 2006.

O segundo diz respeito aos cangaceiros e, em menor intensidade, às volantes. Estes são apresentados em painéis, cujas dimensões são 1,70m de frente por 3,80m de altura, por 0,31m de lateral, e formam a galeria do prédio 03 (O Cangaco). Aí foram fixados fotos de cangaceiros e volantes mostrando suas armas e vestimentas. O destaque são os cangaceiros.

**Foto 21:** Galeria dos cangaceiros e volantes.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Mais vistosos e melhor localizados nos espaços do memorial, faz com que o visitante se debruce com o estilo de suas vestimentas e armas por meio dos painéis e da leitura das notas sobre os indivíduos representados nesse espaço. São imagens que

destoam da proposta de apresentação da resistência e nos levam a pensar que sua localização no memorial exprime as intenções dos organizadores desse espaço em inserir as imagens que causassem mais curiosidade ao público visitante.

Não era possível falar de resistência sem apresentar os cangaceiros, mas o que se percebe é que a visibilidade que as imagens dos cangaceiros dão ao memorial é mais forte que a dos resistentes. Os resistentes, por sinal, ficam restritos a um mural sem grandes proporções e com pouca iluminação.

**Foto 22:** Prédio 04 – Mural dos Resistentes



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

As imagens reproduzidas no Memorial da Resistência dão ênfase aos cangaceiros, e a narrativa exposta no Prédio 02 (que tem como tema: A Batalha), apresenta, a partir dos documentos<sup>147</sup> sobre a invasão, uma narrativa que tem como principal característica a linearidade dos acontecimentos citados nos jornais.

**Foto 23:** Prédio 02 – A Batalha - Exposição das matérias jornalísticas sobre a Invasão.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

<sup>147</sup> Entre os principais documentos utilizados na construção narrativa da Batalha, expostos no Prédio 02, estão às notas e reportagens dos jornais *O Mossoroense*, *O Nordeste* e *Correio do Povo*, que circularam em 1927.

Foto 24: Prédio 02 – A Batalha - Exposição fotográfica dos resistentes.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Foto 25: Prédio 02 – A Batalha - Exposição da matéria sobre a prisão de Jararaca.



Fotografado em 01-06-2011. Acervo do autor.

Construía-se algo que, de uma só vez, ofuscaria a importância do Museu e da Capela de São Vicente como lugar de memória sobre a invasão de Lampião e seus cangaceiros a resistência dos mossoroense ao bando. Isso fica mais claro na fala de Filemon Rodrigues, quando comenta sobre a relação e a diferença entre o Memorial da Resistência e o Museu Lauro da Escóssia.

Existe uma diferença muito grande, porque existia, antes do memorial as comemorações ao cangaço, que endeusavam o cangaço. Então algumas pessoas se sensibilizaram e perguntavam: por que não fazer uma homenagem aos defensores? Se você olhar para o memorial, você percebe que a maioria ali são os defensores, são os homenageados. Ali tem as fotografias do cangaço, porque realmente tem participação do cangaço, mas é o Museu, que conserva a história em si, que aconteceu desde junho de 1927. Lá tem os arquivos, tem os jornais. Eu mesmo fiz um levantamento de todos, mas só arquivos mossoroenses que saiu sobre a invasão. Já publiquei dois e tem mais pra publicar, desde *O Mossoroense*, *O Nordeste* e o *Correio do Povo*. Hoje não podemos mais fazer esse trabalho lá dentro do museu, porque não tem condições de manusear os jornais, porque se você abrir uma folha daquela, ela se desmancha sozinha. É só pra conservar mesmo! Então, a diferença, é basicamente essa, porque o Museu guarda a história do cangaço, que aconteceu no 13 de junho e o Memorial procura conservar a história dos defensores de Mossoró: Quem defendeu? Como defendeu? Evidentemente, mistura muito. Veja aquela fotografia de Maria Bonita. Ela não teve nem em Mossoró, mas tem lá.<sup>148</sup>

Os posicionamentos de Filemon vão de encontro ao discurso dos que organizaram o memorial. Era preciso construir um espaço que contemplasse os principais eventos ocorridos na cidade: “as datas culturais da cidade estavam um pouquinho esquecidas e havia a necessidade de um resgate dessas datas, desses

---

<sup>148</sup> PIMENTA, Antônio Filemon Rodrigues. Entrevista realizada em sua residência no dia 10/12/2010.

feitos.”<sup>149</sup> Porém, quando se analisa a documentação referente ao memorial, percebe-se que, entre as estratégias utilizadas para agregar o local a lógica do turismo e da história, estão a seleção das imagens dos cangaceiros e a utilização da documentação jornalísticas referente ao acontecimento. Nesse processo, o Memorial passou a ser o principal lugar de visitação e divulgação da história sobre o cangaço, a invasão dos cangaceiros a Mossoró e sobre a Resistência ao Bando de Lampião. Passou a ser um local de visitação de estudantes e turistas e, dessa forma, assumiu as funções que o museu executava no tempo de Filemon Rodrigues.

Os elementos que apresentam Jararaca são os mesmos que se encontram no Museu, mas com um detalhe: no museu a presença de Filemon Rodrigues, funcionário da instituição, levava os visitantes a conhecerem as narrativas que ele tinha produzido sobre os documentos do acervo do museu. As visitas que as escolas faziam na época de Filemon eram aulas sobre o prédio e o cangaço, enquanto no memorial o visitante não dispõe de um funcionário que fique explicando os painéis ali expostos.

---

<sup>149</sup> PINTO, Yuri de Tasso. Entrevista realizada no dia 15/02/2011.

## CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO DAS DEVOÇÕES

Como os pássaros que só põem seus ovos no ninho de outras espécies, a memória produz num lugar que não lhe é próprio. De uma circunstância estranha recebe a sua forma e implantação, mesmo que o conteúdo (o pormenor que falta) venha dela. Sua mobilização é indissociável de uma alteração. Mai ainda, a sua força de intervenção, a memória a obtém de sua própria capacidade de ser alterada – deslocável, móvel, sem lugar fixo. Traço permanente: ela se forma (e seu “capital”) nascendo do outro (uma circunstância) e perdendo-o (agora é apenas uma lembrança). Dupla alteração, e de si mesma, que se exerce, ao ser atingida, e de seu objeto, que ela só conserva depois que desapareceu.

Michel de Certeau<sup>150</sup>

### 3.1. O Cemitério, o túmulo e a fé.

Como espaço da cidade, o cemitério São Sebastião permite a visualização das fronteiras e transformações entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.<sup>151</sup> Margeando seus muros, a imponência dos túmulos da elite local abraçam os que ali se encontram.

---

<sup>150</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**; 13. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 162.

<sup>151</sup> No que se refere às transformações no espaço cemiterial, principalmente em relação à morfologia tumular, Antônio Motta afirma que “nos primeiros decênios do século XX inicia-se uma significativa mudança nos hábitos de enterramento e, com ela, novas formas de morfologia tumular irão gradativamente marcar os espaços cemiteriais, refletindo-se também no plano das representações e das atitudes que os vivos passam a dedicar aos seus mortos. É dessa época o gosto pelo túmulo individualizado, construído especialmente para abrigar um único indivíduo, com o intento de evocar traços reveladores da pessoa do morto, traduzido como expressão de afeto particularizado”. (MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. n°. 70. São Paulo. Out. 2009. p. 75.

Em seus corredores erguem-se construções fúnebres que unem famílias inteiras<sup>152</sup> e cujo valor simbólico faz do cemitério um espaço de memória<sup>153</sup> da sociedade mossoroense. Permeando a produção dessas memórias, encontram-se narrativas que atraem a curiosidade de muitos que circulam em suas alas durante o dia de finados. Entre essas narrativas, a do cangaceiro Jararaca é a mais conhecida. Escrevendo no *Jornal Meeting*,<sup>154</sup> em 1953, o jornalista Dorian Jorge Freire comenta que:

Jararaca morreu no dia 19 de junho de 1927. Sobre seu fim paira ainda um insondável mistério. Afirmam alguns que o bandido foi assassinado. Outros dizem que foi morto quando procurava fugir. (...) Tive informações, no entanto, de que, quando soube que iria ser transportado para Natal, o cangaceiro teria dito saber que iam matá-lo, mas que veriam que um cabra de Lampeão morria sem dar um gemido. Diz a tradição, porém que Jararaca foi levado da cadeia ao cemitério onde obrigaram-no a abrir uma cova, cortaram-no a facadas, estriparam seus órgãos mais íntimos e jogaram-no na cova, ainda vivo. Há quem afirme, ainda, que ele foi conduzido para o cemitério e ali morto a coices de baioneta, não sendo verdadeiras as versões de que teria sido levado para Natal, morto a facadas, teria

---

<sup>152</sup> Segundo Henrique Sergio de Araújo Batista, “o cemitério torna-se também um lugar de reunião da família. Se em vida não houve reunião, a morte apaga os percalços e a família torna a ser uma”. (BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001. p. 20).

<sup>153</sup> Pensando nas questões que envolvem memória e história, David Lowenthal afirma que “a história difere da memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, mas também no modo como é transmitido, preservado e alterado. Aceitamos a memória como uma premissa do conhecimento; inferimos a história a partir de evidências que incluem as lembranças de outrem. Ao contrário da memória, a história não é dada, mas sim contingente: é baseada em fontes empíricas que podemos decidir rejeitar por outras versões do passado.” (LOWENTHAL op. cit. p. 107-108).

<sup>154</sup> O *Meeting* era um “mensário independente em prol da cultura de Mossoró” (**MEETING**, n° 1. julho de 1953. p. 03). Entre seus diretores podemos citar Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas e José de Aragão Mendes e, entre os colaboradores, gente como Luis da Câmara Cascudo, Murilo Mendes e Aluisio Alves. O preço da revista avulsa era de Cr\$ 5,00 e a assinatura anual C\$50,00. Essa revista contava com correspondentes do Rio de Janeiro (Clara Pellegrino), São Paulo (Fernando Santiago), Salvador (Rosângela Moreno), Natal (João Batista Pinto) e Zona Oeste Potiguar (Raimundo Benjamin e Isaac Myro Faheina). Quanto ao seu conteúdo, estava voltada à publicação de contos, comentários sobre romances, cinema, indicativos de leitura, poesias, notícias locais e questões sociais locais e artigos sobre a cidade de Mossoró.

aberto sua cova e nela sido jogado ainda com vida. Sabemos, porém que a notícia da morte de Jararaca em Moçoró dificilmente pôde ser acreditada. O próprio chefe de polícia de Pernambuco descrevia que tivessem prendido Jararaca, “homem que não se deixa prender”. O fato é que ele não somente foi preso como também morto ou assassinado aqui. Há mesmo uma lenda que diz haver no cemitério local, ao lado da sepultura do criminoso, uma árvore que geme nas noites de chuva e chora toda vez que alguém se lhe toca.<sup>155</sup>

A morte de Jararaca deu muito que falar na imprensa mossoroense. Olhando para essa nota de Dorian Jorge Freire no *Meeting*, com o título “A verdade sobre a entrada de Lampeão em Moçoró”, a palavra mistério explicita o quanto a história de Jararaca continua no imaginário da cidade. Após 26 anos, a imprensa ainda enfocava o mistério sobre as condições em que teria ocorrido a morte de Jararaca. Essa história de que Jararaca teria cavado a própria cova e que teria sido enterrado vivo encontra no espaço cemiterial um ambiente de divulgação. Mas, é no túmulo, ou próximo a ele que a trajetória de Jararaca ganha força. O túmulo é o local de convergência, tanto para os que se sensibiliza como para quem continua a carregar na memória a imagem do cangaço.

Quando se observam os comentários dos que mantêm algum tipo de relação simbólica ou se posicionam a respeito de Jararaca, a piedade e a indiferença emergem como polos distintos na construção da memória sobre esse sujeito, e são fundamentais para a produção de discursos que caracterizam Jararaca como injustiçado ou servem para reafirmar suas ações no cangaço.

Foi no túmulo, no dia 02 de novembro de 2008, que encontrei, por volta das 5h 00min da manhã, Maria José Evangelista do Amaral, uma aposentada de 63 anos, colocando flores e fazendo orações diante do túmulo de Jararaca.

---

<sup>155</sup> FREIRE, Dorian Jorge Freire. *Meeting*. n.º. 1, 2 e 3. Julho, Setembro e Outubro de 1953. Coleção Mossoroense. Série A. n.º. 44. 1991. p. 19-20.

Meses após, quando fui entrevistá-la em sua residência, Maria Evangelista comentou que foi por intermédio de sua mãe que tinha entrado em contato com a história de Jararaca.

Ela conversava comigo sobre ele. Era assim, muito ignorante, que chegava a sacudir a criança. Dizia que ele sacudiu a criança pra cima e aparou na ponta da faca, mas ele se arrependeu. Aí eu dizia: mamãe, como é que pode um homem fazer tanta maldade e acontecer isso, e ele se salvar?

Aí ela disse: É minha filha.

Mas eu tive um aperreio muito grande. Aí me apeguei com ele. (...) Aí eu comecei. Eu prometi a ele se eu alcançasse, eu acendia, enquanto eu fosse viva um maço de vela na cova dele. Aí todo ano eu acendo. Aí quando não dá pra acender, às vezes eu sacudo dentro da fogueira.<sup>156</sup>

A narrativa sobre Jararaca se dá por meio de uma memória de família. Escrevendo sobre esse assunto, Myriam Moraes Lins de Barros afirma que “a importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo objeto das recordações dos indivíduos e espaço em que essas recordações podem ser avivadas.”<sup>157</sup> Assim, a mãe de Maria Evangelista, enquanto narradora das histórias sobre Jararaca, aparece na lembrança de sua filha, caracterizando esse indivíduo de duas maneiras: a princípio, como um ser voraz, capaz de atitudes violentas diante dos indefesos (caracterização do bandido). No segundo, Jararaca é mencionado como um indivíduo que se arrepende do ato cometido. Os indícios sobre as circunstâncias em que esse arrependimento ocorreu não aparecem, mas proporciona uma justificativa para a salvação do bandido.

---

<sup>156</sup> AMARAL, Maria Evangelista do, 63 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio, em Mossoró.

<sup>157</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. In: Estudos Históricos: Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989. p. 33-34.

Na construção da memória, as experiências do indivíduo no presente influenciam na caracterização temporal e espacial do acontecimento, uma vez que a memória “é uma reconstrução do passado, a partir do presente, uma função psicológica do indivíduo, mas no processo social ela se constrói e se estrutura através de ressonâncias que derivam das relações e vivências coletivas.”<sup>158</sup> Uma coisa é vivenciar o acontecimento, outra é lembrá-lo anos depois. São por essas questões que, ao se lembrar das conversas que tinha (na infância) com sua mãe, Maria Evangelista quebra a linearidade de seu relato quando lembra o questionamento feito a sua mãe. Depois de se lembrar dessa passagem de sua infância, comenta sobre sua devoção.

Raimunda Gomes de Souza foi outra entrevistada que conheci no cemitério, quando acendia suas velas e fazia suas orações no dia de finados de 2008. Em seu relato, diz que:

Eu não fui criada nem com pai, nem com mãe, mas eu fui criada por meus avôs. Foi na Fazenda Santa Júlia, na época era a Fazenda Cipó. Eu morava com meus avôs, então eu trabalhava na enxada, pequenininha com meus oito, nove, dez anos. Eu trabalhei muito em roça, nessas coisas. Meus avôs não deixavam passear. Não deixavam eu ir pra canto nenhum. Eu era muito presa. Você sabe! Esse povo muito antigo não deixava as filhas sair. Eu não saía pra canto nenhum, só era trabalhando. Minha infância foi essa. Sou católica, tudo da minha família era católico. Não estudei. Meus avôs nunca é que deixaram nós estudar. Só era trabalhando, só trabalhando na roça. Nunca estudei, mas meus avôs conversavam muito sobre ele, porque eles foram do tempo né. Foi no tempo que ele entrou aqui, eu mesma não conheci, porque eu não sou desse tempo, mas meus avôs conheciam e nós tínhamos muito medo. Aí tudo passou, passou, passou e eu me casei com Nenê. Aí eu já ouvia meu avô falar em Jararaca, nesse povo aí que eles tinham muito medo. Aí um dia eu só

---

<sup>158</sup> WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Telma Maria Grisi. (orgs.) **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. – Campina Grande: EDUEP, 2005. p. 05.

vivia indo pro cemitério com Nova. Ela era minha irmã, a que morreu. Aí, eu ia mais Nenê acender as velas lá nas covas dos finados que já tinha morrido. Meu avô e minha avó já tinham morrido. Aí, eu olhava pra cova dele, que não era como essa agora. Era assim pobrezinha, e via aquela labareda de fogo só de velas. Aí eu cheguei assim e disse:

- E o porquê disso? Isso é um homem ou é um menino.

- Não, é Jararaca. Ah! A cova de Jararaca é aqui!<sup>159</sup>

Raimunda Gomes apresenta todo um contexto, desde a infância com os avós na fazenda, as histórias que eles contavam sobre o medo que a população local tinha dos cangaceiros, sobre a invasão a Mossoró e a respeito do túmulo de Jararaca. Nessas circunstâncias, as memórias que aparecem no relato de Raimunda Gomes reforçam a idéia de que o narrador:

Expressa em sua fala seu contexto ideal, pois traz de volta coisas perdidas no tempo. Ele as significa e as coloca em movimento como um mecanismo de compor pedaços de uma história que, ao ser vivida, demonstra a possibilidade de trazer dados que se conectam com o imaginário da época. Ao que tudo indica, o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado.<sup>160</sup>

Para Tereza Gomes dos Santos, que é aposentada e trabalha de zeladora de túmulos há 30 anos no Cemitério São Sebastião,

a história do cangaceiro Jararaca foi o seguinte: Ele foi baleado e ficou lá nas carnaúbas, passou um homem e ele mandou o homem

---

<sup>159</sup> SOUZA, Raimunda Gomes de. 74 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência no bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró.

<sup>160</sup> FERREIRA, Amauri Carlos. GROSSI, Yonne de Souza. **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios**. In. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. p. 56.

comprar um remédio e no canto desse remédio, o homem trouxe a polícia. Aí ficou preso e sofreu muito. Dizem que ele foi enterrado vivo... Dizem que ele foi enterrado vivo. O túmulo dele era bem baixinho, uma coisinha pequena. Aí um homem de Caicó se apegou com ele, pois não arrumava serviço de jeito nenhum, tava parado. Aí pegou e se pegou e passou uma semana aí fazendo o túmulo dele. O túmulo é de cerâmica. Aí pronto. Um dia eu tava muito aperreada mesmo, não sabia o que fazia. Aí peguei no túmulo dele e me apeguei com ele. Aí apareceu o que eu pedi, e depois eu pedi de novo e fui atendida. Aí eu vou lá, lavo o túmulo dele, acendo vela, é muito bom.<sup>161</sup>

Com esse relato, Tereza Gomes apresenta indícios de que a história sobre Jararaca é uma apropriação feita a partir da circulação das narrativas produzidas pelos memorialistas que escreveram sobre o acontecimento<sup>162</sup> e que o túmulo é o elo que liga os vivos a Jararaca, sendo espaço sagrado onde se pede e se agradece. Outro ponto citado nessa fala diz respeito à possibilidade de Jararaca ter sido traído e enterrado vivo. Sobre essa traição o cordelista Concriz fez os seguintes versos:

(...)  
Mas Jararaca ficou  
Não pode caminhar  
Debaixo de uma ponte  
Um solitário lugar  
Aquele cabra valente  
Ficou a se lamentar.

Depois ele viu um velho  
Ali por perto rondando

---

<sup>161</sup> SANTOS, Tereza Gomes dos, 79 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 11/12/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio em Mossoró. Dona Tereza é uma das zeladoras que narra as histórias sobre o cangaceiro em Mossoró e sobre as visitas ao túmulo.

<sup>162</sup> Tanto Raimundo Nonato (Lampião em Mossoró), como Raul Fernandes (A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró) comentam sobre a denúncia de que Jararaca estava no carnaval, próximo à estrada de ferro.

Apontou-lhe o parabellum  
Terminou não atirando  
Pois da ajuda do velho  
Estava necessitando

Ele disse: - Oh, meu velhinho  
Lhe peço que me ajude  
Me dê remédio e comer  
Para eu tirar fome e grude  
Eu lhe dou muito dinheiro  
Se você me der saúde.<sup>163</sup>

A capacidade do cordelista em apreender as informações e leituras sobre o acontecimento e articulá-las em versos, dando-lhe uma sequência lógica e cronológica ao acontecimento, facilita a assimilação do fato. Tereza Gomes afirmou que nunca leu nada sobre a traição e morte de Jararaca, mas, em seu relato, especifica muito bem como os fatos aconteceram. Isso é possível, porque existem muitas formas de circulação da narrativa sobre Jararaca, entre elas o cordel.

O velho disse: pois não  
Vou lhe atender com perícia.  
Em vez de ajudar mesmo  
O velho foi à polícia  
E sem ninguém perguntar  
Ele deu logo a notícia

Os soldados foram ver  
Jararaca pra cadeia  
Ele parecia um bicho.  
Com a cara muito feia  
Como quem diz “jamais pago  
As honras de filhas alheia”

---

<sup>163</sup> SILVA, José Antônio da. **Jararaca Arrependido porque matou um menino**. Mossoró. – Queima-Bucha. 2006. p. 04. (Cordel)

Inda passou alguns dias  
Na prisão de Mossoró  
Dando entrevista ao jornal  
Todo inquirido de nó;  
Como ninguém encostava  
Vivia num canto só.

Foi morto enterrado  
Covardemente traído  
Com uma perna quebrada  
Sangrando sem dar gemido  
Dizem que quem lhe matou  
Era muito mais bandido.<sup>164</sup>

Quanto aos versos, nota-se que o autor produz em seu diálogo uma caracterização dos indivíduos apresentados: Jararaca é citado como se fosse um bicho, perigoso e irredutível diante dos soldados, logo o indivíduo que o matou é revestido das mesmas características do bandido. A forma como o cordelista se posiciona sobre a prisão e morte de Jararaca, afirmando que foi covardemente traído nos leva a pensar na importância desse fato para a construção da memória que tem Jararaca como um injustiçado e milagreiro.

O medo da morte e de ser enterrado vivo se mantém no imaginário e suscita discussões sobre as novas atitudes do homem diante da morte, mas escrevendo sobre a origem do medo da morte no século XIX, Philippe Ariès comenta que “efetivamente, existe uma ponte entre os dois mundos, que é o medo de ser enterrado vivo e a ameaça da morte aparente.”<sup>165</sup> Essas preocupações fazem parte do imaginário e contribuem na produção de memórias sobre esses sujeitos, daí a existência de práticas devocionais em cemitérios.

---

<sup>164</sup> SILVA, José Antônio da. op. cit. p. 05.

<sup>165</sup> ARIÈS, op. cit. p. 157.

A presença das pessoas que frequentam o túmulo de Jararaca é intensa durante o dia de finados. Para Carmelita Almiranda, estar diante do túmulo de Jararaca é estar feliz: “sinto uma alegria, muito amor perto dele ali. Quando vou pra o túmulo parece que é um milagre em cima de mim. Eu tenho muita fé nele..”<sup>166</sup>

Carmelita Almiranda não conhece as histórias sobre Jararaca, nem quando ele era cangaceiro do bando de Lampião. Carmelita só manteve contato com as narrativas que o apresentam como fazedor de milagres.

A gente morava lá no sertão. Aqui a gente já mora no que é dá gente! A gente não tem ganho que preste, mas a gente vai levando a vida até Deus melhorar. O negócio é ter fé em Deus. Já tenho meu ranchinho pra morar. Não tem coisa melhor, né? Agora, trabalho tá faltando aqui pra eu e ele (marido). Ele tem idade de se aposentar, mas ela ainda não chegou. E eu também tô pelejando, mas ainda não chegou, mas tá bom. Quando cheguei aqui em Mossoró uma pessoa que falou que a cova de Jararaca passava muito na televisão.(Grifo do autor) Que ele fazia milagre e que ajudava a muita gente. Aí eu peguei e fui lá. Aí pronto todos os anos eu vou lá, mas antes disso se eu precisar, eu vou. Foi assim que comecei a ir lá. Quando pensa que não, eu estava lá acendo uma vela pra ele. Quando chega perto do dia de finados já vou me lembrando. Na hora que vou para o cemitério, vou direto pra lá. Tudo que peço eu alcanço. Até hoje, eu alcanço. Graças a Deus. Nunca pedi nada a ele que não foi com fé.<sup>167</sup>

Cearense, de Tabuleiro do Norte, Carmelita Almiranda chegou a Mossoró em 1970. Veio em busca de dias melhores com o esposo, e logo se deparou com as narrativas sobre Jararaca. Seu depoimento mostra que sua fé não veio somente das narrativas circulantes na oralidade, mas também da televisão. É nesse trânsito de ouvir a

---

<sup>166</sup> PERREIRA, Carmelita Almiranda. 54 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 18/12/2010, em sua residência no bairro Belo Horizonte, na cidade de Mossoró.

<sup>167</sup> Idem.

narrativa e ir ao túmulo que esses sujeitos constroem sua relação com Jararaca e, após a primeira visita, a experiência no túmulo de Jararaca modifica o próprio trajeto das visitas futuras.

Francisca de Oliveira Sinésio comenta que visita o túmulo de Jararaca porque tem “pena dele por aquela morte muito trágica. Mataram ele. Dizem que ele não tinha morrido direito. Aí me dá aquela pena, né? Aí cada vez que eu vou ao cemitério, eu vou à cova de mãe, de pai e eu tenho que passar na cova dele, toda vida.”<sup>168</sup>

Visitado durante o dia de finados, o túmulo de Jararaca é a construção fúnebre que mais atrai atenções. Muitos passam em frente ao túmulo por curiosidade e escutam as narrativas sobre Jararaca. Histórias de que Jararaca teria suplicado aos soldados para não matá-lo, de que quebraram suas pernas e que o mesmo cavou a própria cova e que fora enterrado vivo.

Existe a narrativa de que todo ano o túmulo racha, sendo que muitos acreditam que é Jararaca querendo sair de sua prisão. Dessa forma, as atenções no cemitério estão voltadas ao túmulo de Jararaca, com seus pedintes, curiosos e inconformados com tal prática.

As narrativas sobre a vida de Jararaca e a construção das devoções nos fazem pensar no túmulo como espaço simbólico para a produção e divulgação das memórias sobre Jararaca. Percebe-se que os comentários feitos pelos zeladores de túmulos sobre a localização do túmulo de Jararaca e sua história são marcantes. É como se esses sujeitos estivessem a serviço da divulgação do túmulo. Seus comentários chamam a atenção dos que circulam no corredor principal do Cemitério São Sebastião e ativam a curiosidade.

Ao lado esquerdo da ala principal do Cemitério, aproximadamente a 60 metros da entrada e 20 metros do corredor principal encontra-se o túmulo de Jararaca. Lá,

---

<sup>168</sup> SINÉSIO, Francisca de Oliveira. 48 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 29/12/2010 em sua residência no bairro Aeroporto II, na cidade de Mossoró.

curiosos e devotos transitam durante o dia de finados para orar, pedir ajuda, criticar ou simplesmente olhar. É um espaço que atrai, tanto pela curiosidade das histórias contadas sobre a vida e a morte de Jararaca, quanto pelas histórias do bandido (matador de criança, saqueador, frio, cruel) ou do milagreiro, que intercedeu na resolução dos problemas cotidianos desses sujeitos.

É um momento em que as práticas desses sujeitos, diante do túmulo, são confrontadas com as memórias oficiais sobre os cangaceiros. Nesse campo de batalha, as incessantes lutas favorecem outros olhares sobre a ação dos vivos, que em visita à cidade dos mortos, evidencia a complexidade da fabricação da memória.

Atendo-se ao local onde Jararaca está sepultado, os devotos vão agradecer ou rogar por novos pedidos. No entanto, quando entrevistados, esses sujeitos passam a expressar suas dúvidas diante da salvação e santificação de Jararaca, como fez Tereza Gomes dos Santos, ao afirmar em seu relato que:

Ele não é santo, mas obra milagre. Aquele milagre que a gente pede, ele obra, mas santo ele não é não. Eu acho que ele tá num canto bom, porque, se a gente tá aperreada e se apegando a uma pessoa e é válida, essa pessoa tá num canto bom. Só pode dizer que tá num canto bom, mas santo ele não é. Santo não, porque ele fez muita perversidade, também. Furou um seio de uma moça, matou essa criança, tudo isso, mas na hora da morte ele se arrependeu. Eu não sei se a família dele veio ao cemitério esse ano. Eu fui ao cemitério, mas não sei se eles vieram. Às onze horas era muita vela acesa. Já veio muita gente de Fortaleza, vem gente de todo canto pra lá. É eu digo porque eu vi as velas acesas e tudo.<sup>169</sup>

É possível separar um santo da capacidade de realizar milagres? Ou os milagres se configuram como possibilidade independente da condição de santo?

---

<sup>169</sup> SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

Tereza Gomes dos Santos expressou sua sensibilidade ao falar a respeito dos pedidos que fizera a Jararaca.

Pedi sossego, descanso. Pedi a ele pra me amostrar a minha aposentadoria. Antes eu vivia juntando cobre lá na caixa d'água. Eu queimava e fazia um bolão de cobre pra vender, mas eu também juntava lata pra vender. E pagava, pagava. Quando foi com sessenta anos eu tava internada lá no São Camilo, aí o doutor cortou o meu atestado e não botou mais, mas continuei pagando. Aí quando eu completei 60 anos, a assistente social do IPERN teve lá na reunião dos véi, aí disse: quem pagou e que tiver 60 anos pode ir que se aposenta. Aí eu fui, era só um dia pra ele liberar que eu tinha um dinheiro dento. Aí eu pedi pra ele liberar. Era o Dr. José Brasil, pedi a ele pra liberar só um dia que era pra eu receber meu dinheirinho. Ai ele disse: o que é que você tem? Eu disse: o senhor sabe. O senhor que deu fim ao meu atestado, o senhor sabe. Aí ele ficou com raiva e ainda me deu três meses. Aí com 60 anos e três meses eu recebi. Aí me agoniei logo, não deixei nem terminar direito. Aí eu subi e me aposentei.<sup>170</sup>

A narrativa acima aponta dificuldades tanto de saúde como financeiras. Viúva, portadora de problemas psicológicos, zeladora de túmulos no Cemitério São Sebastião, essa senhora encontra em Jararaca uma fonte de refúgio e de apelo para interceder na resolução de seus problemas. Seu relato nos indica as dificuldades vividas como catadora de metais nas ruas de Mossoró e sua luta para pagar a previdência social.

MARCILIO – Como a senhora retribui a Jararaca as graças alcançadas?

TEREZA – Eu rezo e acendo as velas pra ele. Eu gosto de acender lá. Quando passa o dia de finados, o túmulo fica bem pretinho. Depois a

---

<sup>170</sup> SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

gente limpa. Boto umas rosinha. O negócio é a gente ter fé. Olhe, se a gente for fazer uma coisa e não tiver fé, o negócio não vai não.

MARCILIO – Mas ele não era bandido?

TEREZA – Mas na hora da morte ele se arrependeu, e foi atendido, porque o que ele fez e tá obrando milagre. O senhor pede a ele uma coisa de coração, com fé. O senhor vence. Se pedir uma coisa com fé, de coração, o senhor vence! Pedindo com fé. Só serve com fé! As coisas da gente só servem com fé! Sem fé não vence.<sup>171</sup>

As rezas e velas acesas no túmulo são a marcação do compromisso assumido diante da possibilidade de conseguir o que foi pedido. Em sua fala, a relação entre o devoto e o santificado é reforçada a partir da condição individual da fé. A fé é a parte do devoto para a existência do Jararaca milagreiro.

Carmelita Almiranda comenta que:

Ele é mais do que santo. Eu acho que seja, porque do jeito que ele foi, né, e como faz milagre, então é santo. O negócio é ter fé. Sem fé não adianta. Eu mesmo tenho fé. Já botei intenção na missa pra ele. Uma missa aqui no Belo Horizonte. Botei com o nome de Zé Leite. Sempre rezo e peço milagre. Peço que ele olhe pra situação da gente.<sup>172</sup>

Diferente de Tereza Gomes, Carmelita Almiranda não pensa que Jararaca não é santo, e retoma a importância da fé para a realização do milagre. O lugar preferido para os rituais é o cemitério, no dia de finados, mas esta prática também acontece no espaço familiar. Em sua residência, costuma rezar um “pai nosso, uma ave-maria, um creio em

---

<sup>171</sup> SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

<sup>172</sup> PERREIRA, Carmelita Almiranda. Entrevista realizada no dia 18/12/2010.

Deus Pai,”<sup>173</sup> enquanto que no túmulo gosta, “de ascender velas”: “Pra clarear mais a vida das pessoas, né? A vela clareia a vida da pessoa e reza e mais a vida dele, né?”<sup>174</sup>

As formas de agradecer os milagres pouco se diferenciam quanto à forma do ritual, porém quanto ao espaço, as mudanças são mais visíveis, pois entre os entrevistados existem os que frequentam o túmulo de Jararaca como único local de agradecimento e outros, além de visitarem o túmulo em outras datas, realizam alguma forma oração fora do espaço tumular.

Cecília Serafim fez um pedido a Jararaca para que seu filho conseguisse um emprego e, se alcançasse esse pedido, pagaria sua promessa acendendo “cinco caixas de velas pra ele. Ele arranhou e eu fui acender. Eu pedi com fé, mesmo.”<sup>175</sup> Nota-se que os pedidos não diferem dos que são feitos aos santos oficiais.

MARCÍLIO – A senhora reza pra ele só lá no túmulo?

CECÍLIA - Não, eu rezo em casa, também. Rezo um pai nosso pra ele. Só que eu não rezo todo dia. Eu não tenho devoção pra ele. Não é bom fazer devoção pra alma. A gente reza, mas não tem devoção. Acendo velas em casa e lá no túmulo. Lá eu fui pra agradecer. Eu tinha feito pra acender lá. Eu já tinha ido ao túmulo dele acender velas, mas foi a primeira vez com promessa. Eu tinha uma irmã e um neto enterrado lá. Aí a gente vai ao túmulo deles e depois ao dele. Faz muito tempo que eu visito o túmulo dele. Eu cheguei aqui em 1970, mas não sei bem o ano que comecei a visitar.<sup>176</sup>

Entre o pedido e o alcançado existem mudanças expressivas que delineiam a ritualística do agradecimento. Assim, ao expressar sua relação com Jararaca, Cecília

---

<sup>173</sup> PEREIRA, Carmelita Almiranda. Entrevista realizada no dia 18/12/2010.

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

<sup>176</sup> Idem.

Serafim afirma que não mantém devoção, mas faz orações e acende as velas prometidas por conta do pedido alcançado. Se, por outro lado, sua fala expressa a preocupação em não fazer devoção à alma, por outro se nota o quanto é complexa essa relação mantida diante de Jararaca.

Um pedido ao santo oficial ou não, nunca é feito à toa, porque se faz necessário ter um mínimo de conhecimento sobre a vida ou os “poderes” miraculosos de quem é aclamado. Mesmo que não conheça a trajetória pessoal ou a construção da santidade, esses sujeitos tiveram algum contato sobre qualquer aspecto da vida do santo, pois a afinidade de quem pede com a história de quem pode oferecer é, a meu ver, um elemento importante no ato que constrói a relação com o transcendente.

No Brasil, a existência de muitas devoções populares é feitas por conta da força discursiva e imagética promovida pela Igreja ou por meio das ordens religiosas ao longo do processo de cristianização. Santos como São Francisco e Santo Antônio (exemplos mais evidentes) possuem grande aceitação popular, mas suas histórias pessoais são pouco conhecidas pelos devotos das camadas mais humildes da população, mas isso não impede a construção das crenças.

Desligado de qualquer instituição que o tenha como mártir, Jararaca consegue ser visto por seus “devotos” como vítima.

MARCÍLIO – Por que a senhora reza pra Jararaca?

CECÍLIA – Por que tenho vontade de rezar. Que se for do jeito que o povo diz, ele morreu de uma morte muito aperreada. Quem sabe se ele não precisa de reza, de missa. (Grifo do autor)

MARCÍLIO – A senhora já pediu pra celebrarem alguma missa pra ele?

CECÍLIA – Não, pedi não. Mas qualquer dia eu vou mandar celebrar uma missa pra ele. Eu não sei se ele tem família. Às vezes a pessoa tem precisão, mas não tem ninguém que mande celebrar uma missa.<sup>177</sup>

A necessidade de um culto organizado e oficial, como a missa, surge no imaginário dessa devota como forma de ajudar a Jararaca em sua salvação. O interessante é que dona Cecília recorre a Jararaca devido a uma precisão e posteriormente suas orações e velas se transformam em ajuda à Jararaca, coisa que não acontece com os cultos oficiais. Essa inversão é peculiar, pois ninguém se relaciona com um santo, como São Francisco, na intenção de ajudá-lo, uma vez que a salvação oficial dos santos não é questionada. Os santos oficiais são vistos como seres transcendentais que estão a serviço dos necessitados. No entanto, recorre-se a Jararaca não por essas particularidades que os santos católicos possuem, nem por estar salvo, mas pela possibilidade de estar em trânsito: entre as condições em que morreu (a noção de mártir), fato que o torna especial nesse simbolismo construído no catolicismo popular.

Como Jararaca pode ser considerado santo, se para seus devotos existem dúvidas sobre sua salvação?

---

<sup>177</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

### 3.2. Negociações

Raimunda Gomes comenta que, ao chegar ao túmulo de Jararaca, começa a fazer suas orações e a lembrar das graças alcançadas. Seu ritual é marcado pela visita ao cemitério, na maioria das vezes acontece bem cedo, e sempre vai acompanhada do marido, Edmundo Maria do Nascimento, que também se considera devoto. A fala dessa senhora está direcionada à forma de agradecer por meio de rezas os pedidos atendidos.

Ele era bandido, como foi. Morreu do jeito que ele morreu, porque ele morreu muito aflito... A polícia matando ele, caindo. Eu acho que, quando ele caiu, ele se arrependeu de tudo que ele fez. De tudo, de tudo que ele fez. Eu acho que ele se arrependeu. Não sou só eu que alcancei essas graças. Muitas e muitas pessoas já têm me falado que alcançaram. Eu saio perguntando às pessoas que estão lá se elas alcançaram graça. Pois eu acho que ele se arrependeu na hora da morte. Ele era um cangaceiro muito valente, matava o povo, dizem que matava até criança. Jesus o botou num canto num canto muito merecedor, muito bom! Ele tá lá, onde Deus tá servindo, não sei, meu Deus, o que eu tô dizendo, né, porque eu sou pecadora, né? Dizem. É como naquele dia que estavam dizendo: “é muita besteira dessa mulher acreditar num bandido desses... Isso é um bandido, mas eu não vou dizer nada, né?” Mas eles dizem: “Vejam é uma perdição uma pessoa dessas se ocupar em acender vela num túmulo de um bandido, isso foi um bandido!” Eu escuto muita coisa, mas nem ligo. Meu marido acende as velas e eu cá, eu sabendo, meu Deus. Eles nem sabem o que eu alcancei! Duas graças em minha casa!

Sendo que esses duas graças alcançadas estão relacionadas a problemas familiares que tumultuavam a vida dessa mulher, que gostaria de ver o irmão livre das bebidas alcoólicas e das brigas por conta desse vício. Em sua fala, expressa sua angústia e apreensão por conta dos perigos que rondam os que se envolvem no alcoolismo. O

outro problema diz respeito à doença que seu neto contraiu e que passou a ter risco de morte. Suas orações estão voltadas ao agradecimento. Suas orações são a forma de agradecer para renovar a relação com o transcendental.

Eu rezo o Pai Nosso, Ave-Maria e ofereço a ele. Às vezes meu coração está pedindo outra coisa. Meu irmão faz cinco anos que ele faleceu. Eu pedi a ele, que ele deixasse ou de beber ou que Jesus tirasse ele. Que ele era muito insolente. Eu era muito sofrida, meu irmão judiou muito comigo. O nome dele era Raimundo José Gomes, eu era muito sofrida por causa dele. Às vezes eu via o povo empurrar ele, bater nele. Aí ele parou de beber. Deu um negócio nele lá, como se fosse um derrame. Aí ele disse: “olhe, Raimunda, você nunca mais vai ver alguém empurrar eu por causa de bebida.” Mas com um dois meses ele faleceu, de um ataque fulminante. Ele morreu de um ataque fulminante, com um mês que ele tinha parado. Aí eu disse: “olhe meu Deus, foi uma benção, pois eu não vi meu irmão chegar morto de facada, de tiro”. Não chegou! É por isso que eu digo que foi ele quem fez. Isso foi outra coisa que eu alcancei. Esse menino que você tá vendo, a dengue mordeu ele. Ele teve a dengue hemorrágica. Aí eu pedi em casa a Jararaca que ele fizesse esse menino escapar, pois era uma coisa horrorosa. Ele não ficou parecido com gente, era um bicho. Ele ficou lá no hospital Tarcísio Maia. Aí eu pedi a Jararaca para esse menino escapar. E ele escapou bonito, saudável e não precisou nem ir pra Natal, pois uma menina que teve, ela foi pra Natal e passou muitos dias. Ele não. Ficou internado oito dias no Tarcísio, mas tá ele. E eu pedi a Jararaca que acabasse, se tivesse algum foco aqui, por caridade fosse pra bem longe. E parece que foi, que ninguém foi mais picado. Agora vou levar ele pro túmulo de Jararaca. Esse ano eu vou levar ele pra ascender duas velinhas pra Jararaca, pois eu pedi e tá o menino.<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> SOUZA, Raimunda Gomes de. Entrevista realizada no dia 22/05/2009.

Jararaca aparece com poderes que tanto pode ajudar a manter a vida como pode ajudar na proteção dos homens, até mesmo aliviando as angústias dos que rogam em sua intenção. Como aconteceu com Raimunda Gomes, que ficou grata por seu irmão ter parado de beber e sua morte ter sido por causas naturais. Parece simples, mas no imaginário dessas pessoas a “boa morte” continua sendo almejada tanto para si como para os outros.

Quanto a outra dificuldade enfrentada por dona Raimunda, a diferenciação surge na comparação com outra pessoa que também está infectada pela virose e, por não contar com a ajuda do transcendental, não conquistou as mesmas ajudas, a ponto de ser transferida para outra cidade. A separação entre quem está protegido do que não está produz uma espécie de compromisso com o milagreiro, e, a partir disso, reafirmam-se os compromissos assumidos na hora do pedido. Um novo sujeito passará a frequentar o túmulo: o enfermo visitará o túmulo, poderá fazer orações e acender velas. É uma espécie de ciclo, no qual os envolvidos passam a envolver outros indivíduos, na maioria das vezes familiares que passaram por alguma aflição. Assim, tanto para a vida como para a morte, Jararaca é apresentado como esse ser capaz de “interceder” pelos que têm fé na resolução dos seus problemas cotidianos.

Foi assim: eu era muito sofrida de meu marido. É por isso que eu não quero dizer a ele. Quando minha irmã estava perto de morrer, ela revelou que tinha feito uma promessa para meu marido deixar de beber. Ela disse que se eu dissesse a ele as bebidas dele poderiam voltar. Olha, eu sofri tanto desse homem que você nem imagina. Eu me acabei assim de sofrer nas mãos dele, devido à cachaça. Aí, ela foi e pediu a Jararaca que ele deixasse de beber. E até hoje ele não bebe. Ele só bebeu até os quarenta anos. Ele tem 66, olhe como já faz tempo que ele não bebe! Com quarenta anos ele parou de beber!<sup>179</sup>

---

<sup>179</sup> SOUZA, Raimunda Gomes de. Entrevista realizada no dia 22/05/2009.

Foi com essa vontade de agradecer as ajudas alcançadas que o marido de Raimunda Gomes, o senhor Edmundo Muniz contou como fez suas preces em intenção de Jararaca e como entende as dificuldades das outras pessoas em tê-lo como alguém especial. Se sua esposa tinha pedido para que ele parasse de beber. Agora, Edmundo Muniz, que tinha como fonte de renda a profissão de sanfoneiro, tocador de baião, apegou-se a Jararaca no intuito de vencer um concurso musical promovido pela Prefeitura de Mossoró, durante os festejos juninos.

E tem uma coisa, acendo velas pra ele na minha casa, rezo no quintal na segunda, quarta e quinta. Acendo velas e rezo pro José Leite de Santana. Rezo Ave-Maria, Pai Nosso, o Credo e tudo no mundo. O que vem de reza eu rezo. Às vezes eu fico até de joelhos ali, como se fosse um santo, né (risos). O povo diz assim: “é Deus, rapaz é consentimento de Deus, se ele faz, é porque a fé quem cura né?” A fé é quem cura. Eu não sei, às vezes eu chego lá e tem aquele povo com besteira dizendo: “isso é um bandido, não sei o quê? Isso era pra ser pro prefeito, aquelas velas eram pra ser pro prefeito que defendeu a cidade, aquele negócio todo, né?” Mas eu não digo nada. O home teve um bucado de dias preso, história que contava meu avô. Quando ele entrou aqui, às 4 horas da tarde, passou um dia preso na cadeia baleado. Não davam nem de comer, nem nada. Levaram ele a meia noite lá pro cemitério e mataram na calada da noite. Ele pedia pra soltar um braço, ninguém soltou. O cabra que atirou nele, ele caiu emborcado. Ele fez uma oração, quando ele leu a oração, ninguém atirou nele, aqueles que estavam ali. Quem atirou nele foi o que ia chegando, um tal de João Arcanjo. Era cabo da polícia. Foi chegando de fora e disse: “vocês não atiraram no homem, por quê?” E fô atirando nele. Os que tava ali nenhum atirou. Diz meu avô, a história que os mais velhos contavam que ele caiu emborcado. Aí o povo diz que ele se arrependeu porque caiu emborcado, pronto. Eu não digo nada. O povo diz aquelas besteiras como: Jararaca era um bandido. Ele é quem sabe quando tava morrendo. O que ele passou nos dias que

ele passou ali. As devoções que ele fez, né? Os arrependimentos na hora que ele ia morrer. O arrependimento, diz que Deus perdoa né.<sup>180</sup>

Ao retomar a narrativa sobre as condições em que ocorreu a morte de Jararaca, ele conta uma particularidade: a noção de ‘corpo fechado’ por meio de orações é tido como uma espécie de proteção dado por meio de certos objetos ou orações. Na tradição popular, os cangaceiros possuíam certos objetos e conheciam certas orações que levavam a crença de que seu corpo estava protegido dos perigos que a vida no cangaço oferecia. Dessas histórias surgiram narrativas que citavam a capacidade dos cangaceiros de escaparem das mais adversas situações, quando estes se encontravam com as volantes. Argumentando sobre isso, Eric Hobsbawn afirma que a “invulnerabilidade do bandido não é apenas simbólica. Quase invariavelmente ela se deve a artes mágicas, o que reflete o interesse benevolente das divindades em suas atividades,”<sup>181</sup> a ponto de muitos bandidos utilizarem amuletos, recorrerem aos santos ou, no caso dos cangaceiros no “Nordeste brasileiro para os beatos locais.”<sup>182</sup>

Observando esse relato, percebe-se que as devoções não são idênticas, mesmo que as práticas sejam parecidas, as formas de agradecer não correspondam a uma devoção organizada. O que acontece com Jararaca é uma aproximação, cuja piedade diante de sua trajetória é associada ao discurso que reproduz sua característica de milagreiro, porém, nessas condições, o pedido vem acompanhado de algo que, necessariamente, serve e funciona no imaginário dessas pessoas, como forma de também ajudá-lo. Assim, a devoção, como prática, é sempre uma negociação: pedido, graça e pagamento da promessa.

---

<sup>180</sup> NASCIMENTO, Edmundo Maria do. Entrevista realizada no dia 22/05/2009.

<sup>181</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**; tradução de Donaldson M. Garschagen. – 4ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 79.

<sup>182</sup> Idem. p.79.

Foi o que fez Zumira Maria de Sousa, que se aproximou dele por conta de um filho que tinha problemas com alcoolismo.

Meu filho bebia muito e eu fiz e ele passou mais de ano sem beber. Aí eu pagava e fiquei pagando. Por isso que eu gosto. E tô devendo, mas quando eu alcançar eu vou deixar. Tinha uma mulher que limpava lá, foi ela quem me disse que ele obrava milagre, que é Maria da Paz, mas ela não tá mais lá, porque se aposentou. Prometi velas de sete dias pra acender na Igreja do Cemitério, porque se acendesse lá no túmulo dele, o povo jogava fora.<sup>183</sup>

Nesse relato encontram-se duas coisas em que devemos pensar: na primeira, essa senhora deixa bem claro que vai “pagar” pela graça, mas precisa alcançá-la, configurando-se a negociação com o milagreiro, uma vez que já se configurou no imaginário dessa senhora a realização de um pedido feito anos atrás, mas isso não quer dizer que a negociação não se renove, como está exposto no relato acima.

Na segunda, são as reações no túmulo de Jararaca, quando certas pessoas passam e destroem ou apagam as velas lá postas. Isso pode até parecer algo simples, mas não é. Esses atos significam a não aceitação das práticas diante do túmulo de Jararaca e tornam visível a negação das memórias sobre a santificação de Jararaca.

Quando eu chego lá, eu me sinto muito emocionada. Não vou mentir. Eu fico assim, parece que passa aquela coisa. Todos os anos que eu vou. Sinto uma emoção, fico lembrando da morte dele, uma morte aperreada. Eu me benzo, rezo pra ele, acendo as velas. Acendo muitas velas e deixo queimá-las. Levo as flores. Gosto muito da cova dele. Eu acho muito bonita. Mas tem gente que diz: “Ora, esse povo só leva o tempo em acender velas para o Jararaca.” Aí eu fico na minha,

---

<sup>183</sup> SOUSA, Zumira Maria, 80 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 07/11/2010, em sua residência no bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró.

acendendo as velas calada. Quem quiser passar e quiser dizer as coisas pode dizer. Eu mesmo não digo nada. Agora é muita gente que ascende. Você vê lá o fogão, né.<sup>184</sup>

Diante desses conflitos que existem nesse espaço, as pessoas que vão agradecer ou pedir algo a Jararaca escutam as falas dos que veem Jararaca como bandido sanguinário, que, por conta de sua condição de criminoso, não merece a salvação. Esses devotos não precisam rebater essas acusações, pois suas práticas devocionais são respostas a esses insultos. São essas diferentes formas de narrar a trajetória de Jararaca que fazem com que a memória sobre suas façanhas no cangaço ou depois de morto não sejam esquecidas.

Ressignificadas, essas narrativas ganham os espaços públicos, quer no Cemitério, no Museu Lauro da Escóssia ou nos escondidos recantos dos painéis do Memorial da Resistência, estão presentes na busca de manter a memória oficial.

Outro exemplo dessas lembranças sobre a sacralização de Jararaca aparece no relato de Maria Cardoso Ferreira.

Sim, mamãe e papai falavam muito. Agora eu que não tenho lembrança, né? Mas mamãe falava que quando eles tinham entrado aqui o povo se escondeu. Era tudo escondido. O que ela dizia era isso. Somente. O povo tinha muito medo, ganharam os matos. Nesse tempo tinha uma menina lá em casa, que tinha nascido e era papai que descia para lavar os panos lá em baixo, porque mamãe não ia porque tinha medo (**sorrisos**). Falavam que Jararaca era malvado, mas eu não ligo não. Até agora não tenho achado não. Todos os anos eu vou pra cova dele acender velas. Tenho muita fé. Algum milagre ele faz, porque aquele pessoal todinho acendendo velas pra ele, eu espero que ele faça. Eu ouvia o povo falar da cova de Jararaca e aquilo outro. Dizendo que acendiam velas e fazia aquilo tudo. Que

---

<sup>184</sup> FERREIRA, Maria Cardoso. 88 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 19/12/2010.

fazia milagre, aí eu fui e comecei também a acender velas. Eu vendo aquela multidão de gente acender velas aí eu comecei a acender também. Todos os anos eu vou pra cova dele. Não tem um ano que eu não vá. Já faz muitos anos que eu acendo vela pra ele.<sup>185</sup>

As histórias contadas na infância aparecem nos relatos como lembranças de um tempo em que se ouviam histórias sobre personagens do sertão. Entre eles, estava “o cangaceiro ou o jagunço, tipos populares de homens dedicados às atividades consideradas criminosas, o matador independente ou o matador profissional a soldo dos coronéis.”<sup>186</sup> Eram histórias que circulavam e ressignificavam esses sujeitos, adjetivando-os como bandidos, protegidos e protetores dos coronéis. Assim, com as lembranças sobre a invasão dos cangaceiros a Mossoró, surgem outras histórias que servem de referencial temporal para dar consistência a outras narrativas relacionadas ao acontecimento. Nos seus 88 anos, Maria Cardoso Ferreira utiliza-se de passagens sobre a vida privada de sua família para referenciar temporalmente o que está sendo narrado e por meio das mudanças nas atividades cotidianas dos membros de sua família, determinou a temporalidade dos fatos narrados. A lembrança de histórias contadas pelos pais é significativa na construção das memórias sobre Jararaca, uma vez que nos remete às particularidades existentes entre o vivido, o narrado e o lembrado, em diferentes tempos,<sup>187</sup> marcados por experiências diferentes, levam a lembrar as tensões da invasão, a mudança na vida cotidiana de sua família.

A memória sobre Jararaca foi construída, também, a partir das lembranças de outras pessoas que vivenciaram ou não os acontecimentos de 1927. Essas lembranças

---

<sup>185</sup> FERREIRA, Maria Cardoso. 88 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Belo Horizonte, na cidade de Mossoró, no dia 19/12/2010.

<sup>186</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestinos: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. – Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 205-206.

<sup>187</sup> Sobre a questão do tempo, Norbert Elias comenta que o tempo tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico. (ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. p. 17)

foram, ao longo do tempo, ressignificadas e internalizadas através da construção de outras narrativas a respeito de Jararaca e que passaram a apresentá-lo como milagreiro. Nesse aspecto, essas lembranças contribuem para transformar Maria Cardoso Ferreira em narradora das histórias sobre Jararaca. Argumentando sobre o narrador, Walter Benjamin defende que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”<sup>188</sup>, no entanto essas experiências podem provocar transformações na própria forma de narrar os acontecimentos. Quando levadas para o campo da memória, as experiências tendem a transformar os posicionamentos dos indivíduos. Exemplo disso é o relato acima, que apresenta as condições em que ocorreu a aproximação com Jararaca. De um lado, as lembranças das histórias da infância; do outro o contato com as narrativas, que têm o cangaceiro como mártir. É a partir desses contatos que as memórias sobre Jararaca vão sendo paulatinamente construídas. Nesse processo, são expostos diferentes pensamentos sobre esse sujeito, e sobre a forma das visitas.

MARCÍLIO – A senhora leva alguém de sua família, quando vai ao túmulo de Jararaca?

MARIA CARDOSO – Levo essa menina minha, ela vai mais eu, outra que mora lá Brita Gel vai mais eu. Tem uma amiga que mora no Alto do Xerém, que o marido dela é mecânico, quando ela não vai, ela manda um maço de velas pra acender lá. O nome dela é Aurineide, ela mora ali numa oficina, é uma filha minha. Ave Maria, Nenê não tem um ano pra ela não mandar pra acender pra ele, eu acho que ele também, né? Quando ela não vai, ela manda as velas pra acender.

MARCÍLIO – A senhora acha que ele está salvo?

---

<sup>188</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura.** – 7 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 198.

MARIA CARDOSO – É, na minha mente eu acho que ele tá. Eu acredito que ele está, sei não. Mas na minha mente. Ele teve uma morte tão aperreada. Do jeito que o povo diz, ele teve uma morte muito aperreada. Quem Deus promete, não falta.<sup>189</sup>

Percebe-se que Maria Cardoso mantém em sua família a prática de levar os filhos ao cemitério no dia de finados e, como sua mãe, leva-os ao túmulo de Jararaca. Essas visitas facilitam o contato a outras narrativas sobre a vida e a morte de Jararaca, como aconteceu com Maria Cardoso e como ela está fazendo com suas filhas, que, por sinal passam a realizar orações e acender velas ao redor desse espaço.

Quanto à possibilidade de Jararaca estar salvo, a dúvida é posta por conta do conflito que se processa nos posicionamentos ouvidos e apreendidos pela devota sobre a trajetória de vida de Jararaca e sua morte trágica. Não é porque Jararaca teve uma morte trágica que os discursos produzidos com base em suas ações no cangaço são esquecidos. Eles podem ser desconsiderados, mas provocam um conflito interno nos devotos, a ponto da principal justificativa para a redenção seja a negação da transgressão a partir do arrependimento na hora da morte.

Maria de Lurdes da Silva acha que ele está salvo porque se arrependeu dos seus atos criminosos.

Pelo que ele fez e se arrependeu, eu acho que ele tá salvo, pois ele sofreu muito. Eu tenho assim na mente, mas não vou afirmar não, mas tenho na mente que ele se arrependeu. Se a pessoa que cometeu o crime que cometeu e se na hora da morte se arrependeu e pedir perdão a Jesus, ele salva, porque aquele que tava pregada na cruz com ele e o outro que reclamava... Queremos Barrabás e eles crucificam, crucifica, com Jesus. E o outro pediu: senhor quando chegar lá no

---

<sup>189</sup> FERREIRA, Maria Cardoso. 88 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 19/12/2010.

reino do céu lembre-se de mim. Aí o outro olhou e disse: esse aqui que nunca fez crime nenhum e nunca pecou tá aqui calado, e você só blasfemando. Aí Jesus, quase morrendo disse: hoje mesmo estarás comigo lá no paraíso, junto com meu pai. E era porque era ladrão. Por isso que eu digo que na hora da morte Jesus deu o perdão a ele. Acho que o milagre vem daí. A Graça vem daí.<sup>190</sup>

O arrependimento é um argumento produzido e está presente nas narrativas que descrevem a forma como Jararaca se arrependeu de seus atos. Na fala de Maria de Lurdes, isso vem acompanhado de uma passagem bíblica, quando o arrependimento na hora da morte se apresenta com elemento importante para a redenção. A narradora se utiliza de tal passagem para dar consistência ao argumento: o arrependimento leva a salvação, e a partir daí se processam outros elementos (como a piedade) para a construção do milagreiro.

Outro relato importante é o de Cecília Serafim de Oliveira. Nos mostra uma aproximação com as narrativas apresentadas anteriormente. Os detalhes apresentados em sua fala se reportam às condições físicas em que Jararaca se encontrava durante a prisão:

Ele morreu devido o ferimento na perna, ou se foi o pessoal que mataram, mas ele foi preso. Ninguém sabe. Eu penso que mataram, mas não sei não. Dizem que ele foi enterrado vivo. Não eram pra ter feito isso. Ele fazia certas coisas, mas era por causa de Lampião, né? Não eram pra ter enterrado ele vivo não. O túmulo dele durante o dia de finados, Ave Maria, é muita vela. Uma vez, faz tempo, veio uma irmã dele visitar a cova dele, mas eu não tava nesse dia não.<sup>191</sup>

Jararaca não é o culpado pelos atos cometidos em sua vida de cangaceiro, e a culpa pelas atrocidades no cangaço recaem sobre Lampião. A piedade pela morte

---

<sup>190</sup> SILVA, Maria de Lurdes da. 62 anos, doméstica. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró, no dia 11/12/2009.

<sup>191</sup> PINTO, Cecília Serafim. 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Ilha de Santa Luzia, na cidade de Mossoró, no dia 20/12/2010.

trágica vem acompanhada do espanto diante da quantidade de frequentadores e das velas postas no túmulo. Primeiro, questiona-se as condições da morte, depois se busca retirar de Jararaca as maldades cometidas no cangaço e, por último, a piedade, como mecanismo que permite a produção do mártir, crucial para a construção de uma relação mais ampla com o que passa a ser caracterizado como sagrado.

Ele virou santo porque, se não fosse ele não, atendia, né? Eu acho que ele não tá em mau caminho não. Se tivesse ninguém fazia prece a ele, não, mas eu faço também prece a São Francisco e a Santo Antônio. Eu sempre assisto à novena do Pai Eterno, não sei se você sabe. Eu me valho também muito de Pai Eterno. Eu não vou dizer que esteja, mas num mau caminho ele não tá. Não tá porque, se ele tivesse, ele não obrava milagre. Eu sinto que ele tá num bom caminho. Porque, se ele não tivesse, ele não dava a mão pra ninguém. Só porque ele foi ruim? Ele foi ruim, por causa do outro. Às vezes a pessoa é tão ruim e o coração é bom e, às vezes a pessoa é tão boa, mas o coração é mau. Dizem que ele se arrependeu, mas mesmo assim mataram e enterraram ele vivo. Ele deve ter sofrido muito. Deve ter pedido muito perdão a Deus, né? Diz o povo que ele tinha dito que uma das coisas que ele tinha se arrependido foi de ter matado um menino. Ele rebolou o menino pra cima e aparou na ponta da faca.<sup>192</sup>

A noção de santidade expressa no relato de Cecília Serafim diz respeito ao atendimento aos pedidos feitos. Porém, construção da santidade, além de não ser tão simples, varia temporalmente<sup>193</sup>, e dona Cecília cita Jararaca e apresenta os santos

---

<sup>192</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

<sup>193</sup> Para se ter uma ideia da complexidade desses processos e de suas transformações ao longo dos séculos, André Vauchez, discutindo sobre a santificação durante a Idade Média, apresenta as particularidades desse processo. Para esse historiador, os santos eram necessariamente os mártires ou aqueles ligados à aristocracia, apresentando-o como um “morto ilustre”. No entanto, por volta dos séculos XII e XIII, ocorreram transformações significativas dentro do processo de santificação européia. Nesse período passam a ser santificados os que em sua vida deram um exemplo de seguidores de Cristo e em favor dos pobres e da criação das ordens, como foi o caso de São Francisco e São Domingos, canonizados a partir desse novo tipo de “santidade apostólica e evangélica, baseada no ideal da sequela Christi, que a Igreja Católica se esforçou em desenvolver.” (VAUCHEZ, André. **O Santo**. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. – 1. ed. – Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 219.)

oficiais, como São Francisco e Santo Antônio, que, por sua vez, conseguiram ao longo do processo de cristianização do imaginário<sup>194</sup> e pela ação da Ordem Franciscana, ter seus cultos expandidos a todas as camadas da população. Mas os cultos a esses santos são oficializados pela Igreja Católica e reconhecidos como seguidores do exemplo de Cristo e da Igreja, enquanto no caso de Jararaca, estamos lidando com um homem considerado transgressor da lei, mas isso não impediu outros sentimentos. O problema diz respeito ao conceito de santo nos posicionamentos dos que frequentam o túmulo e que rogam pedidos para sua interseção. Esses sujeitos continuam lembrando certas atitudes tomadas durante a sua vida de cangaceiro, mas o redimem a partir da anormalidade de sua morte, justificando que ele se arrependeu do que fez, enquanto cangaceiro.

A trajetória que estes sujeitos produzem em seus relatos, quando afirmam que Jararaca está em um bom lugar ou em um bom caminho, é uma referência para a produção das memórias em torno de Jararaca e da manutenção da ideia de que existem lugares após a morte. Késia Cristina França comenta que o purgatório “é o lugar possível da absolvição para os que, de antemão, poderiam ser considerados culpados e condenados ao inferno. Como é o caso de um bandido, de um fora-da-lei como o cangaceiro Jararaca.”<sup>195</sup> A ideia da existência do purgatório como espaço para a reabilitação da alma e passaporte para outro lugar, o céu, foi um dos elementos do catolicismo que teve influência no Brasil.<sup>196</sup> Para além dessas questões ligadas a construções espaciais, como é o caso do purgatório, dona Cecília Serafim reforça a ideia

---

<sup>194</sup> Para Serge Gruzinsk a cristianização do imaginário foi um forte elemento de introdução “de outras percepções do real” desde o processo de conquista e que se mantém através do disciplinamento das práticas religiosas e do culto aos santos. (GRUZINSK, Serge. **A Colonização do Imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI – XVIII**; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 271).

<sup>195</sup> ALVES, op. cit.. p. 70.

<sup>196</sup> Para se ter uma idéia sobre a noção de purgatório no Brasil, Laura de Melo e Sousa afirma que “nos últimos anos do século XVI, os habitantes de Pernambuco ainda não tinham bem claro o lugar em que se purgavam pecados.” (SOUZA, Laura de Melo e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p. 170-171.)

da santidade de Jararaca a partir das ajudas aos devotos, justificando seu posicionamento a partir de seu suposto arrependimento. O conflito entre o que Jararaca foi no passado como cangaceiro e o que os devotos acham que ele é no presente, como morto, determina esses discursos de arrependimento e salvação.

Jararaca foi morto com os mesmos requintes de crueldade com que a imprensa relatava os crimes que ele cometera durante a vida de cangaceiro. Isso aproxima seu passado bandoleiro com a memória que fora construída após sua morte e o colocava nos extremos: de matador a uma vítima santificada pela morte trágica. Configura-se, então, a ideia de martírio.

Argumentando sobre a santidade a partir do martírio, Solange Ramos de Andrade defende que os mártires sempre tiveram um papel relevante na constituição dos santos desde a origem do cristianismo. Como modelo de santidade, o mártir era aquele que morria como exemplo ou por conta de seguir a religião de Cristo. Por outro lado, as mudanças na concepção de martírio dentro da religiosidade católica “é ampliada a ponto de caracterizar, como martírio, uma morte violenta resultante tanto de uma doença grave ou um crime atroz, mesmo que não exista o critério adotado de que a morte seria em função da adesão à fé cristã.”<sup>197</sup> Se olharmos para o caso de Jararaca, muitos dos que acreditam que Jararaca está salvo e é milagreiro retomam a ideia do arrependimento na hora da morte, do perdão dos pecados cometidos durante sua vida no cangaço. Nesse sentido, “a relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento,” fato evidenciado nas falas dos devotos de Jararaca por conta da noção de arrependimento na hora da morte. A morte, nesse caso, possibilita, por meio deste, a purificação por meio do sofrimento.

---

<sup>197</sup> ANDRADE, Solange Ramos de. **A religiosidade católica e a santidade do mártir**. In: Projeto História, São Paulo, n. 37, p. 241, dez. 2008.

Quando questionada sobre a salvação de Jararaca, dona Cecília põe em dúvida algumas de suas afirmações sobre a santificação.

MARCÍLIO – Existem pessoas que dizem que ele não é santo, porque era bandido e não tem força de obrar milagres. O que a senhora me diz disso?

CECÍLIA – Eu digo que ele tá num caminho bom e que as pessoas devem fazer o pedido com fé. É preciso ter fé. Eu não vou dizer que ele esteja salvo, mas num mau caminho ele não tá, pois, se ele tivesse, ele não era valido! Eu acho que ele não tá num mau caminho não. Eu sinto em meu coração que ele tá bem. E se for pecado eu dizer isso, Jesus me perdoe, mas eu não sei.<sup>198</sup>

Se dona Cecília acha que Jararaca é santo, por que existem dúvidas sobre sua salvação? Então, como ele pode ser considerado santo? O que Jararaca significa para essas pessoas? Por que agradecer levando flores, velas e fazendo orações em seu túmulo?

Essa relação com o sagrado é permeada por uma série de emoções e sensibilidades que desembocam no que essa senhora chama de fé. A experiência do homem religioso é permeada por um tempo sagrado que se apresenta sob o “aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.”<sup>199</sup>

Cecília Serafim não hesita em afirmar que seus pedidos e sua crença estão direcionados a José Leite de Santana, porque “ele foi batizado como Zé Leite e,

---

<sup>198</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

<sup>199</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 64.

também, porque o povo chama ele hoje em dia de Jararaca. Quem morreu naquele dia foi o Zé Leite e quem se arrependeu foi ele.”<sup>200</sup>

Cecília recorre ao forte argumento do batismo católico como forma de credenciá-lo como cristão e a partir daí direciona seu discurso no intuito de reafirmar o arrependimento. Para essa senhora, quem morreu na noite de 19 de junho de 1927 foi um cristão, que não tivera como se defender de seus algozes.

Pensando dessa maneira, poderíamos supor que todos os bandidos que as forças legalistas matassem não seria o bandido que estaria morrendo, mas um cristão ou outro pertencente a qualquer religião. Separar o homem de suas ações sociais pelo ato de morrer não é algo tão simples de se compreender, pois no caso em questão, José Leite de Santana é Jararaca, cangaceiro do bando de Lampião, e todas as impressões sociais que caracterizam sua vida antes do cangaço e no cangaço pertencem a tempos diferentes e experiências diferentes, mas são não conseguem ser desligadas da trajetória desse sujeito em sua vida social. Tentar separá-lo é um ato de querer resignificar o ser social a partir de uma particularidade em sua relação com os outros homens.

Cecília Serafim constrói sua história a partir de elementos que dão consistência a seu relato e apresenta particularidades de sua vivência na fé cristã. Essas vivências em contato com as narrativas sobre Jararaca constroem a memória sobre Jararaca. Essa memória, que surge no relato, traz um discurso que nos faz lembrar que a “elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram,”<sup>201</sup> mas podem partilhar experiências.

A discussão em torno da construção da memória a partir das experiências individuais propõe que toda a memória é social e, como tal, segundo Portelli, ela

---

<sup>200</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

<sup>201</sup> PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1941): mito e política, luto e senso comum.** In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral** – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 127.

pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual.<sup>202</sup>

O argumento de que a memória pode ser compartilhada, do qual fala Alessandro Portelli, pode ser utilizado no caso das memórias sobre Jararaca. Nos seus relatos, os devotos recorrem ao argumento de que José Leite de Santana era um homem bom, mas por determinada circunstância se “perdeu” em sua trajetória social. Busca-se, também, uma forma de justificar seu arrependimento. Nessas memórias aparecem expressões, como: “às vezes a pessoa é tão ruim e o coração é bom, e às vezes a pessoa é tão boa, mas o coração é mau.”<sup>203</sup>

São posicionamentos mais ou menos independentes dos produzidos pela imprensa ou pelos espaços que buscam preservar a memória oficial. Os devotos produzem, a partir de suas vivências, uma memória diferente da apresentada oficialmente. Na fabricação dessa memória, as experiências, as narrativas (que circulam em outros espaços além dos que reproduzem a memória oficial) e muitos elementos simbólicos são incorporados, como é o caso do batismo cristão e sua significação social para a sociedade.

Cecília Serafim afirma que não visita nem o Memorial da Resistência, tampouco assiste aos espetáculos promovidos pela Prefeitura Municipal de Mossoró, no caso o “Chuva de Balas no País de Mossoró” e o “Auto da Liberdade.” Mesmo não assistindo a essas formas de teatralizar o fato, ela consegue localizar espacialmente o ataque entre cangaceiros e mossoroenses a partir das marcas das balas na torre da Capela de São

---

<sup>202</sup> Portelli. op. cit. p. 127.

<sup>203</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

Vicente<sup>204</sup> e que, segundo o Pe. Sátiro Cavalcante, são da época da invasão dos cangaceiros.

MARCÍLIO – A senhora já foi ao Memorial da Resistência?

CECÍLIA – Não, eu nunca fui. Eu não saio pra canto nenhum, não. Eu só vou pra uma missa e pronto. Não sou de sair pra canto nenhum não. Já estou velha, com 82 anos, não saio pra nenhum canto, não.

MARCÍLIO – Mas já assistiu às festas organizadas pela Prefeitura, como Chuva de Balas e Auto da Liberdade?

CECÍLIA – Não. Sei que a festa é feita lá na Igreja de São Vicente. Quando eu andava por lá tinha buraco de bala. Mataram um quando ele ia subindo a torre da Igreja, e o outro era Jararaca. Se Jararaca tivesse morrido na hora, talvez não tivesse sofrido tanto.<sup>205</sup>

Outra narradora dessas histórias é Maria de Lurdes da Silva. Em seu relato, a invasão dos cangaceiros é contada por meio das lembranças da infância, sendo a espacialidade da cidade, na época da invasão, um elemento importante na organização da narrativa.

---

<sup>204</sup> Sobre a manutenção dessas marcas de balas na torre da Capela de São Vicente, Padre Sátiro Cavalcante Dantas, capelão desse templo há 55 anos, comenta que “mandando limpar a Igreja por fora, pois a pintura que estava estragada, o pintor encontrou na torre uma bala. Uma bala de rifle na agulha da Igreja. Correu aqui para o Colégio para mostrar como uma grande coisa. Olha Pe. Sátiro, e numa mão mostrou a bala. Eu disse: ‘por amor de Deus, homem não tire mais não!’ Aí eu mandei conservar as cinco balas que estavam lá na torre. Uma eu guardei nos nossos arquivos, uma bala de rifle e está na Igrejinha. Lá tem uns panos e onde o pano é azul eu mandei colocar uma manchinha branca em cima da bala, onde o pano é branco eu coloquei uma manchinha azul na bala, então tem cinco balas de rifle lá conservadas que o pintor queria tirar. Tudo como grandes troféus. (DANTAS, Sátiro Cavalcante. Capelão de São Vicente e diretor do Colégio Diocesano de Santa Luzia de Mossoró. Entrevista realizada no Colégio Diocesano de Santa Luzia de Mossoró em 22/07/2009). A Capela de São Vicente, como lugar do principal conflito entre cangaceiros e os mossoroenses, tem em suas paredes as marcas daquele ataque e, na ação de Pe. Sátiro, a manutenção daquelas balas como comprovação de que a Igreja serviu de ponto de apoio para a defesa da cidade. Essas marcas, deixadas na parede da Igreja, estão presentes nas narrativas sobre a invasão e aparecem na fala dos devotos como o local em que Jararaca foi baleado.

<sup>205</sup> PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

Mamãe alcançou a época de Lampião. Nessa época ela era moça. Aí, ela disse que o povo no dia 13 de junho, aqui em Mossoró, mataram Colchete e balearam Jararaca. O povo, fugiram tudo de Mossoró. O povo arrumou as trincheiras aqui em Mossoró. Aí, enterram ele. Eu fiquei com pena, mesmo ele sendo bandido, mas dizem que enterraram ele ainda vivo, como se fosse um bicho bruto. Ele foi pegado ali pras bandas da linha do trem, parece que foi, era minha mãe que contava. Nesse tempo, eu com meus 14 anos, ia com minha mãe pro cemitério no dia de finados, porque nós morava lá na 12 anos, ali bem pertinho. Eu ia sempre lá na cova, acendia vela e muita gente também recebeu graça dele. Eu ouvia dizer e perguntava à mamãe: “por que muita gente acende velas pra Jararaca e diz que recebeu graça?” Aí ela me dizia: “minha filha é porque ele fez muita coisa errada e por certo, pelo sofrimento que ele teve na hora da morte dele, ele se arrependeu e encontrou o perdão de Deus. É por isso que muita gente tem essa devoção de no dia de finados acender velas pra ele.”<sup>206</sup>

Como muitos devotos, Maria de Lurdes da Silva retrata a morte de Jararaca como forma de encontrar o argumento para justificar sua devoção. Seu relato começa contando como sua mãe falava sobre a morte de Jararaca e suas idas ao cemitério ao lado da mãe, ainda na adolescência. Quarenta e oito anos após, suas lembranças sobre as visitas ao cemitério e sobre as histórias contadas pela mãe surgem como fontes importantes para a compreensão dos fatos sobre a trajetória de Jararaca na memória de Maria de Lurdes. Isso é possível, porque o ato de lembrar sempre parte do presente de quem lembra e da relação deste com o objeto lembrado, pois no ato de lembrar o “espaço localiza o tempo. Perdido o espaço, a identidade vacila à medida que tempo/espaço compõe o quadro do qual o sujeito se re-conhece.”<sup>207</sup> Assim, as

---

<sup>206</sup> SILVA, Maria de Lurdes da. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

<sup>207</sup> D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da Memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes.** Projeto História: trabalhos da memória. n.º. 17. – São Paulo. Nov. 1998. p. 273.

lembranças das visitas ao cemitério, as idas ao túmulo de Jararaca e as histórias que sua mãe contava aparecem como algo localizável no tempo e no espaço.

Eu me aproximei dele de livre e espontânea vontade de ir pro túmulo dele e rezar e acender velas. Eu me lembrava que tinha sido uma morte muito aperreada. Eu achava que ele merecia, pois o povo tinha alcançado graças dele, então ele tava em um bom lugar. E o povo, dizem, né? que iam a ele pra mostrar o bicho da sorte. E jogavam e no outro dia tiravam. Agora eu nunca pedi isso, e nunca hei de pedir, por que eu sou muito católica e não gosto desse negócio de jogo de bicho não. Eu sempre pedi a Deus que desse o reino do céu por descanso a ele, porque ele tinha morrido muito aperreado. É assim, eu sempre tive pena das pessoas, por ruim que fosse, mas do jeito que contava que ele tinha morrido e mais que ele tinha sido enterrado ele vivo. Eu acho que é uma malvadeza muito grande. Eu ia com Lenita, quando ela ia visitar o túmulo do filho dela, mas agora, eu só vou mais no dia de finados, porque eu fico com meu joelho doído e ela não foi mais e eu não gosto de ir só.<sup>208</sup>

Mesmo afirmando que se aproximou de Jararaca por livre e espontânea vontade, as experiências vividas no tempo de adolescente contam para a construção dessa memória. A ideia de que Jararaca foi vítima não se constrói tão rápido, pois os mecanismos de circulação das narrativas que o caracterizam como bandido teoricamente são mais abrangentes que as narrativas marginais, por contarem com espaços voltados para sua manutenção, como é o caso do Memorial da Resistência e dos espetáculos públicos que buscam homogeneizar a narrativa aos moldes de seus organizadores.

Mas as pessoas entrevistadas não participam desses eventos públicos e mantêm contato com essas narrativas por outros meios não detectáveis em seus relatos, nem muito menos pelas redes de contato que estes mantêm no cotidiano de suas vidas.

---

<sup>208</sup> SILVA, Maria de Lurdes da. Entrevista no dia 11/12/2009.

Assim, quando nos referimos aos espetáculos, a maioria dos posicionamentos apresentados mostra que esses sujeitos não frequentam esses eventos, mas entram em contato com as narrativas oficiais, através dos meios eletrônicos (televisão), como é o caso de Maria de Lurdes.

MARCILIO – A senhora já assistiu ao Chuva de Balas no País de Mossoró?

MARIA – Assisti não. Quem assistiu foi meu rapaz, sempre passa na televisão. Ano passado passou na televisão, durante a festa de Santa Luzia. Por aqui, onde eu moro é muito ruim da gente ir e voltar tarde da noite. Aí não dá, pois os táxis quando vem estão todos lotados de gente.

MARCILIO – A senhora é devota de Jararaca?

MARIA – Sou assim, porque o povo diz que a gente sendo devota tem que rezar toda noite, toda noite. Agora, quando eu vou ao cemitério passo lá no túmulo dele, rezo, acendo velas e peço a Deus para lhe dá o reino dos céus como descanso e perdoar os crimes que ele cometeu. Ele foi muito desprezado, nem morreu no meio da família, depois foi que a família veio. Muitos anos depois.<sup>209</sup>

Como não domina o conteúdo do que se dramatiza no Chuva de Balas no País de Mossoró, essa senhora confunde o espetáculo sobre a invasão dos cangaceiros com o espetáculo realizado no pátio da Catedral de Santa Luzia, que se refere ao oratório da santa padroeira. Quando comenta sobre sua devoção, deixa bem claro que suas orações a Jararaca ocorrem no cemitério, reforçando a ideia de que Jararaca é um santo de

---

<sup>209</sup> SILVA, Maria de Lurdes da. Entrevista no dia 11/12/2009.

cemitério. No entanto, Maria de Lurdes toca em questão interessante: a morte longe da família.

A morte, como preocupação dos homens, sempre ocupou um lugar especial em seu cotidiano e os posicionamentos sobre a mesma variaram temporalmente a ponto de ser enquadrada a certas formas de morrer, como a morte em casa e ao lado da família. Uma boa morte era aquela que acontecia no leito familiar, mas o que se percebe são resquícios da morte romântica (típica do século XIX), ainda presente na vida das pessoas, como morrer perto dos familiares ou sofrer por aqueles que não a conseguiram. A boa morte foi, ao longo dos séculos, tida como uma realização feliz diante da finitude, mas, em outros momentos, levou os intelectuais a lutarem “contra a crença popular segundo a qual era, de tal forma, necessário esforçar-se excessivamente em viver virtuosamente porque uma boa morte resgatava todos os erros.”<sup>210</sup>

Durante séculos, acreditou-se que uma boa morte liberaria os mortos de seus erros, mas, no caso de Jararaca, não é uma boa morte, mas seu contrário. A morte trágica é o elemento essencial para a sensibilização dos que acreditam em que Jararaca esteja perdoado de seus erros. A sensibilidade, no caso de Jararaca, não apareceu com a morte no leito, mas nas particularidades em que ocorreu, nos requintes de crueldade narrados pelos entrevistados por Raul Fernandes na década de 1970 e pelas formas de circulação dessas narrativas.

Jararaca é, para as pessoas que levam flores e fazem orações em seu túmulo, a ajuda dos momentos angustiantes. O ponto de apoio e socorro para as mazelas da vida. É o milagreiro para quem se reza mais por precisão, do que pelo que se conseguiu pelas negociações da devoção. Seu lugar é o cemitério, espaço em que se escutam as narrativas ou para atacá-lo como bandido ou para defendê-lo como santo.

---

<sup>210</sup> ARIÈS, op. cit. p. 54.

## Considerações Finais

As visitas ao túmulo revelam uma das formas de manifestação da memória sobre a santificação de Jararaca. Há décadas, essas visitas são temas de reportagens sobre o dia de finados em Mossoró e apontam as devoções que se realizam em torno da lápide do cangaceiro.

Assim, é comum encontrarmos (nas páginas referentes ao dia de finados) comentários sobre as visitas ao túmulo de Jararaca. A maioria faz referência às narrativas que o apontam como milagreiro, e aparecem na imprensa desde os anos de 1970. Foi seguindo essas fontes, tanto escritas como orais, que me propus a pesquisar a construção da memória sobre a santificação de Jararaca.

A memória sobre Jararaca é marcada pela sua trágica morte. A partir daí, se elaborou uma memória sobre uma violência, que circulou à “margem” das narrativas oficiais contadas de forma impressa. Por outro lado, essa memória à margem tem na oralidade seu lugar. Um exemplo foi a forma como me recebeu em sua residência a senhora Tereza Gomes: Você veio! É o rapaz do cemitério! Olha, eu não sei nada sobre Jararaca!<sup>211</sup>

Com essas exclamações, Raimunda Gomes me recebeu em sua casa no final de fevereiro de 2010. Conheci Raimunda Gomes no cemitério São Sebastião (Mossoró) no dia 02 de novembro de 2009, quando depositava flores e realizava suas orações no túmulo de Jararaca. Nesse dia, fui visitar dois túmulos: o de Rodolfo Fernandes (Prefeito de Mossoró e articulador da resistência ao bando de Lampião) e o de Jararaca (cangaceiro do Bando de Lampião) e vi a diferença entre ambos. A frieza do mármore do primeiro túmulo contrastava com o calor das velas do segundo. Ali, várias pessoas

---

<sup>211</sup> SOUZA, Raimunda Gomes de.. Entrevista realizada no dia 22/05/2009.

circulavam em torno da pequena lápide de Jararaca para pedir, agradecer ou criticar os que realizavam essas devoções.

Localizado próximo a Capela do Cemitério, o túmulo de Rodolfo Fernandes é uma imponente construção de mármore. Em um arco, está fixado o busto do ex-prefeito de Mossoró. Mesmo com esses apetrechos, o túmulo é visitado somente pelos familiares. Para a maioria das pessoas que circulam pelas alas, esse túmulo passa despercebido. Enquanto o de Jararaca, localizado entre várias construções fúnebres, destaca-se pelo grande quantidade de pessoas que por lá circulam para depositar velas e flores. É um contraste que só observando se tem a dimensão da diferença existente.

**Foto 26:** Túmulo de Rodolpho Fernandes



Fotografado em 02-11-2009. Acervo do autor.

**Foto 27:** Túmulo de Jararaca no dia de Finados.



Fotografado em 02-11-2009. Acervo do autor.

Em torno do túmulo, travam-se batalhas. De um lado, os devotos, que veem em Jararaca um intercessor. Do outro, os que criticam as práticas devocionais. Essas memórias evidenciavam o quanto são complexas essas ações.

Jararaca atrai tanto pelas histórias no cangaço, como pela memória de uma violência: a sua morte. Noticiada na imprensa. Publicada em livros de memorialistas, de folcloristas e encenada em espetáculo teatral público (“Chuva de Balas no País de Mossoró”), a morte de Jararaca se tornou um fato memorável. Contada nas escolas, nas visitas ao Memorial da Resistência, nas exposições no Museu Municipal Lauro da Escóssia e no Cemitério São Sebastião, as narrativas sobre essa morte praticamente estão presentes em todos os lugares de Mossoró. É um fato espetacular que faz com que todos a conheçam e contem suas versões.

**Foto 28:** Túmulo de Jararaca



Fotografado em 01-11-2009. Acervo do autor.

A dicotomia entre desprezar e devotar faz do túmulo um espaço de conflito e de encontro entre duas memórias que possuem como elemento central um homem, cuja trajetória vai de bandido à vítima. Assim, para além da narrativa, a santidade de Jararaca aflora com o calor das velas, o cheiro das flores e os olhares de quem está perto do túmulo.

Foi confrontando as fontes escritas com as falas dos devotos que busquei entender como as narrativas escritas e orais circularam e como ajudaram na elaboração de uma memória sobre Jararaca. Por esse caminho percebi a diversidade de memórias sobre o fato: a morte de Jararaca e sua importância na construção da santificação. Esse foi o fio condutor dessa pesquisa.

No entanto, as lembranças sobre Jararaca aparecem nos relatos dos devotos de várias formas. Na lembrança fabulosa os cangaceiros são sujeitos destemidos, que defendem os amigos e usam de violência diante do inimigo. A lembrança penosa é proveniente da morte violenta. Nesta, Jararaca é visto como uma vítima e a partir dessa perspectiva, constrói-se o discurso do arrependimento dos crimes cometidos. Ponto de partida para a construção de uma memória que será partilhada pelos que acreditam em seus milagres.

Jararaca recebe, a cada dia de finados, novos visitantes. Alguns são parentes dos devotos (filhos ou netos) que acompanham as peregrinações no dia dos mortos. Na maioria das vezes, estes novos visitantes já conhecem as narrativas sobre a vida e morte de Jararaca e diante do túmulo presenciam as devoções.

## **FONTES**

### **JORNAIS E PERÍODICOS**

- O Mossoroense (1927- 2008)
- O Nordeste (1927- 1933)
- O Correio do Povo (1927- 1930)
- Meeting (1953- 1955)
- Tribuna do Norte (1977)
- Gazeta do Oeste (1977-2008)
- De Fato (2008-2010)
- Revista Oeste nº 08 (1989)

### **DOCUMENTOS OFICIAIS**

- Atas da Câmara Municipal de Mossoró- 1879-1880.
- Falas e Relatórios de Presidentes de Província do Rio Grande do Norte (1877-1879)
- Livro de Tombo da Paróquia de Santa Luzia (1927)

## LIVROS E ARTIGOS

BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião**. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado, 1996. Série C. v. 910 – Coleção Mossoroense. (O Diário do Coronel Raimundo Gurgel)

CASCUDO, Câmara. **Jararaca**. 2ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 2227. Série B. 2002. – Coleção Mossoroense.

FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró**. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. – Coleção Mossoroense.

FREIRE, Dorian Jorge Freire. **Meeting. nº. 1, 2 e 3. Julho, Setembro e Outubro de 1953**. Coleção Mossoroense. Série A. nº. 44. 1991.

HONORATO, Aldivan. **13 de Junho de 1927**. Mossoró. 1977.p. 2 - Coleção Mossoroense. Série B – Folhetos. nº 122.

MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampeão**. 2. ed. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. 1967.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v.1489. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaco e Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro,1970.p. 196.

## **CORDÉIS**

SILVA, José Antônio da. **Jararaca Arrependido porque matou um menino**. Mossoró. – Queima-Bucha. 2006.

SILVA, Cícero Laurentino da. **A Resistência de Mossoró ao bando de Lampião há 13 de junho de 1927**. Mossoró. – Queima-Bucha. 2005.

## **VISUAIS**

- Arquivo fotográfico do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró.

## **VIRTUAIS**

- <http://www2.uol.com.br/omossoroense/050210/conteúdo/artigo.htm>.

- <http://jja.rn.gov.br/fja.site/index.asp>.

## **ORAIS**

### **Entrevistas**

ALMEIDA, Raimunda. Aposentada. Entrevista realizada no dia 10/08/2009 no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró.

AMARAL, Maria José Evangelista do. 66 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró no dia 22/05/2009.

CASTRO, Maria Lúcia de. 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Centro, na cidade de Mossoró no dia 23/12/2010.

DANTAS, Sátiro Cavalcante. Capelão da Capela de São Vicente. Entrevista realizada no Colégio Diocesano de Santa Luzia, na cidade de Mossoró no dia 22/07/2010.

FERREIRA, Maria Cardoso. 87 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Barrocas, na cidade de Mossoró no dia 19/12/2010.

NASCIMENTO, Edmundo Maria do. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Barrocas, na cidade de Mossoró no dia 22/05/2009.

PEREIRA, Carmelita Almiranda. 54 anos. Doméstica. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Belo-Horizonte, na cidade de Mossoró no dia 18/12/2010.

PINTO, Yuri de Tasso Queiroz. Engenheiro Civil. Entrevista realizada na Secretaria de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente no Santo Antônio, na cidade de Mossoró no dia 15/02/2011.

PIMENTA, Antônio Filemon Rodrigues. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Centro, na cidade de Mossoró no dia 10/12/2010.

PINTO, Cecília Serafim de. 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Ilha de Santa Luzia, na cidade de Mossoró no dia 20/12/2010.

SANTOS, Tereza Gomes, 79 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró no dia 11/12/2009.

SINÉSIO, Francisca de Oliveira. 48 anos. Doméstica. Entrevista realizada no dia 29/12/2010 em sua residência no bairro Aeroporto II, na cidade de Mossoró.

SILVA, Maria de Lurdes. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró no dia 11/12/2009.

SOUZA, Raimunda Gomes de. 71 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró no dia 22/05/2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. – 2. Ed. – Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

---

**Nordestinos: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940).** – Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Fenelon. **O Cangaceiro que virou Santo.** Recife, Editora Guararapes, 1981.

ALVES, késia Cristina França. **O Santo do Purgatório: a transformação mitológica do cangaceiro Jararaca em herói.** – Natal, RN, 2005.

ANDRADE, Solange Ramos de. **A religiosidade católica e a santidade do mártir.** In: Projeto História, São Paulo, n. 37, dez. 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**; tradução: Priscila Viana de Siqueira – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil.** Petropolis, RJ. – Vozes. 1996.

BARBOSA, Marialva. **Historia Cultural da Imprensa: Brasil, 1900 – 2000.** – Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida: arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**.: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. - Coleção Outras Histórias.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. In: Estudos Históricos: Memória. Rio de Janeiro, vol.2, nº. 3, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. – 7 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. – 2 ed., reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. v.5. – jan./dez. 1997.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste: inter-relações, oralidade, gestualidade, visualidade**. – São Paulo: Annablume, 2009.

BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião**. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado, 1996. Série C. v. 910 – Coleção Mossoroense.

CASCUDO, Câmara. **Jararaca**. 2ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 2227. Série B. 2002. – Coleção Mossoroense.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. – Fortaleza; Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**; Trad. Sarita Linhares Barsted. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**; tradução de Enid Abreu Dobránszky. - Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século)

\_\_\_\_\_ **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**; 13. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da Memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes**. Projeto História: trabalhos da memória. n.º. 17. – São Paulo. Nov. 1998.

DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un, 2002.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**; tradução de Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades**. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autentica 2010.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. –Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. – São Paulo: Edusc, 2004.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_ **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.**

– São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo.** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró.** 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. – Coleção Mossoroense.

FERREIRA, Amauri Carlos. GROSSI, Yonne de Souza. **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios.** In. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral** – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte.** Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GRUZINSK, Serge. **A Colonização do Imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI – XVIII;** tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos;** tradução de Donaldson M. Garschagen. – 4ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. – 4. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História: trabalhos da Memória. São Paulo. nº. 17. nov. de 1998.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. Nº 1. 1993.

MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampeão**. 2. ed. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. 1967.

MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. nº. 70. São Paulo. Out. 2009.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1941): mito e política, luto e senso comum**. In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral** – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v.1489. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

\_\_\_\_\_ **História Social da Abolição em Mossoró**. 2 ed. Coleção Mossoroense. Vol. CCLXXXV, 1983.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo. N.10. Dezembro de 1993.

\_\_\_\_\_ **O retorno do fato**. In: LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas**. – Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1995.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1970.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, Separar, Mostrar – memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)**. – Fortaleza: UFC, 2008.  
(Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, Antônio Marcos de. NETO, Joaquim Batista. **Atas da Câmara Municipal de Mossoró- 1879-1880**. Mossoró: Coleção Mossoroense. 2000.

PATLAGEAN, Evelyne. **A História do Imaginário**. In: LE GOFF. A História Nova. – 5. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERICÁS, Luis Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. – São Paulo: Boitempo, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 2, n. 3, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. – 5ª ed. – São Paulo: Global, 1997.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **A "Estratigrafia do Abandono" em dois museus públicos potiguares. O Público e o privado** - nº. 12 - Julho/Dezembro – 2008.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação de mando.** – Mossoró. – Queima Bucha, 2004.

VALENSI, Lucette. **Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo;** tradução Maria Helena Franco Martins. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VAUCHEZ, André. **O Santo.** In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval.** – 1. ed. – Lisboa: Editorial Presença, 1989.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Telma Maria Grisi. (orgs.) **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória.** – Campina Grande: EDUEP, 2005.

ZANCHETTA, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal.** – São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Paradidáticos).